BIANCA AMARAL DA CUNHA

DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE LEITURA: DO PERSONAGEM CHICO BENTO AO TEMA TRANSVERSAL 'TRABALHO' DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2018

BIANCA AMARAL DA CUNHA

DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE LEITURA: DO PERSONAGEM CHICO BENTO AO TEMA TRANSVERSAL 'TRABALHO' DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para o grau de mestre.

Área de Concentração: "Linguagens e Letramentos"
Linha de Pesquisa: Teoria da Linguagem e Ensino.
Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C972d Cunha, Bianca Amaral da.

Desenvolvimento das habilidades de leitura [manuscrito] : do personagem Chico Bento ao tema transversal "trabalho" dos Parâmetros Curriculares Nacionais / Bianca Amaral da Cunha. – 2018.

132 f., enc. : il., tabs., color., p&b.

Orientador: Antônio Augusto Moreira de Faria.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Teoria da Linguagem e Ensino.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 95-97.

Anexos: f. 98-131.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Análise do discurso – Teses. 3. Leitura – Teses. I. Faria, Antônio Augusto Moreira de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DE LEITURA: DO PERSONAGEM CHICO BENTO AO TEMA TRANSVERSAL 'TRABALHO' DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

BIANCA AMARAL DA CUNHA

Trabalho submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Antonio Augusto Moreira de Faria - Orientador
UFMG

Prof. Marcelo Chiaretto
UFMG

Profa. Maria Juliana Horta Soares
UNA

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2018.

Sumário

1. Introdução 10

2. Justificativa 13

3. Objetivos 14

3.1. Objetivos Gerais 14

3.1. Objetivos Específicos 14

4. Aspectos Teóricos e Metodológicos 15

4.1. Das noções teóricas à compreensão dos quadrinhos e do trabalho..... 15

4.2. Aspectos metodológicos 37

4.2.1 Etapas da pesquisa e metodologia..... 37

4.2.2 O plano de ensino..... 40

5. Resultados e Discussão..... 45

5.1. Do tema Trabalho..... 46

5.2. Do conhecimento sobre Quadrinhos..... 59

5.2.1. O Personagem Chico Bento..... 70

5.3. Das habilidades de Leitura..... 79

5.4. Da avaliação feita pelos alunos..... 91

6. Considerações Finais..... 93

Referências Bibliográficas..... 95

Anexos..... 98

1. Caderno de Atividades..... 98

2. Questionário diagnóstico inicial sobre Trabalho 122

3. Questionário diagnóstico final sobre Trabalho 123

4. Questionário diagnóstico sobre Leitura de Quadrinhos..... 124

5. Questionários diagnósticos sobre a compreensão de quadrinhos..... 125

Questionário diagnóstico sobre a compreensão de quadrinhos 1..... 125

Questionário diagnóstico sobre a compreensão de quadrinhos 2..... 126

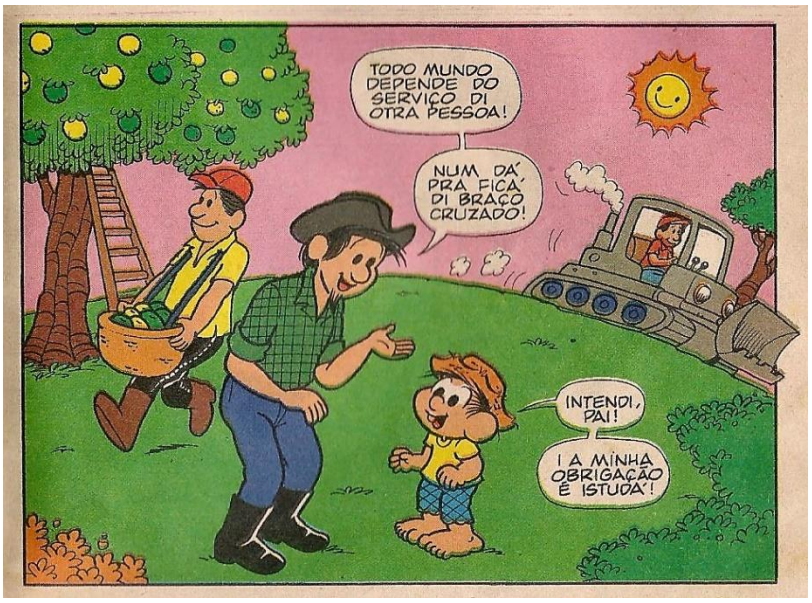
Questionário diagnóstico sobre a compreensão de quadrinhos 3..... 127

Questionário diagnóstico sobre a compreensão de quadrinhos 4..... 128

Questionário diagnóstico sobre a compreensão de quadrinhos 5..... 129

6. Critérios linguísticos para análise de discursos e seus constituintes..... 130

7. Revistinha (HQ usadas no plano de ensino)..... 131



(Revista Chico Bento, n.211, 1995, p. 25)

AGRADECIMENTOS

Agradeço sobretudo a Deus por ter permitido a concretização desse período de aprendizagem que é o mestrado, desde o ingresso até a conclusão.

Agradeço à minha família, em especial minha mãe, Ester, e meu irmão, Ramon, por terem sido a plateia-cobaia de cada apresentação que fiz.

Agradeço ao orientador, prof. Antônio, por ter tão sábia e carinhosamente lapidado este trabalho e por ter sido tão generoso compartilhando seu vasto conhecimento.

Agradeço ao Fábio por ter me incentivado e compreendido meus momentos de dedicação a este trabalho.

Agradeço aos amigos pelo companheirismo, em especial ao casal Laís e Bruno, por terem me recebido sempre tão gentilmente em seu lar.

Agradeço à 3ª turma do Profletras, colegas de jornada, e aos professores por terem feito do período de estudo um momento tão árduo e prazeroso ao mesmo tempo.

Agradeço aos colegas de trabalho, alunos e demais amigos que me ajudaram com uma palavra de motivação ou com um sorriso e que desejaram meu sucesso.

Resumo

Em um mundo onde a interação humana acontece por meio de variadas linguagens, ou seja, através da multimodalidade, constata-se a dificuldade de estudantes brasileiros não só na leitura da palavra, mas também da imagem. A leitura, neste caso, não se limita à mera decodificação, mas é entendida de forma mais abrangente, que exige relacionar o texto e o discurso a outros e se posicionar diante deles. Diante disso, esta dissertação traz o relato e a análise de uma experiência realizada nas aulas de Língua Portuguesa, com duas turmas de 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Minas Gerais. Partindo de fundamentos teóricos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, foram elaboradas e desenvolvidas atividades de leitura tendo como ponto de partida histórias em quadrinhos (HQ) explorando o tema transversal Trabalho. Tal tema foi escolhido por sua relação com a educação formal e por sua relevância na vida social. Para a realização da experiência, foram selecionadas algumas histórias do personagem nacional Chico Bento, cuja trajetória se aproxima da realidade dos alunos que participaram da pesquisa, permitindo a discussão e reflexão sobre o trabalho no Brasil. A pesquisa teve como objetivos gerais desenvolver e testar uma proposta de aulas para o ensino fundamental relacionando o gênero textual HQ e o tema Trabalho, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); ampliar as habilidades leitoras em textos multimodais dos alunos participantes; e propiciar uma leitura criteriosa e reflexiva das histórias do personagem Chico Bento. Para tanto, foi feita a revisão bibliográfica sobre as teorias de Letramento e Multiletramentos (SOARES, 2003; ROJO, 2004, 2013, 2012; KLEIMAN, 2014), teorias do texto e do discurso (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, 2010; COSTA VAL, 2004; MARCUSCHI, 2005; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016; FARIA, 2016; FIORIN, 1998), e sobre o gênero quadrinhos (MENDONÇA, 2005; RAMOS, 2009; VERGUEIRO, 2009, 2016). Depois, elaborou-se um plano de ensino que foi aplicado em escola pública e, sob uma perspectiva qualitativa, fez-se a análise dos dados gerados por meio do desenvolvimento do plano e de questionários. Finalmente, confeccionou-se a presente dissertação sobre todo o trabalho realizado. Os resultados da pesquisa apontam a importância de abordar temas relevantes socialmente como o Trabalho, bem como a contribuição do uso dos quadrinhos no desenvolvimento das habilidades de leitura dos estudantes. Para além disso, ressaltam a necessidade de uma proposta pedagógica ancorada nas teorias do Letramento, da Análise do Discurso e da Linguística Textual.

Palavras-chave

Leitura. Quadrinhos. Chico Bento. Trabalho. Parâmetros Curriculares Nacionais.

Abstract

In a world where human interaction happens by various languages, that is, by multimodality, we can see the difficulty of Brazilian students not only in reading the word, but also the image. Reading, in this case, is not limited to mere decoding, but is understood in a more comprehensive way, which demands to relate the text and discourse to others and to stand before them. In view of this, this dissertation brings the report and the analysis of an experience realized during Portuguese Language classes, with two classes of 6th grade of a public school of Minas Gerais. Starting from the theoretical assumptions of Textual Linguistics and Discourse Analysis, reading activities were developed with comics exploring the transversal theme Labor. This theme was chosen because of its relation to formal education and its relevance in social life. For the accomplishment of the experiment, were selected some stories of the Brazilian character Chico Bento (Chuck Billy in English), whose trajectory is similar to the reality of the students who participated in the research, making possible the discussion and meditation about Work in Brazil. The research's main objectives were to develop and test a class' intervention for basic education using comics and the theme Labor, of the National Curricular Parameters (PCN); to expand reading skills in multimodal texts; and to provide a qualified reading of the stories of the character Chico Bento. For this purpose, were studied the theories of Literacy and Multiliteracies (SOARES, 2003, ROJO, 2004, 2013, 2012, KLEIMAN, 2014), theories of text and discourse (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, 2010; COSTA VAL, 2004; MARCUSCHI, 2005; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016; FARIA, 2016; FIORIN, 1998), and comics as a textual genre (MENDONÇA, 2005; RAMOS, 2009; VERGUEIRO, 2009, 2016). Then, it was elaborated a teaching intervention that was applied in public school and, from a qualitative approach, the data generated at the development of the intervention and at questionnaires' application were analyzed. Finally, the present dissertation was elaborated about the research and its results. The research results point to the importance of addressing socially relevant themes such as Labor, as well as the contribution of the use of comics in the development of students' reading skills. In addition, they emphasize the need for a pedagogical proposal anchored in the theories of Literacy, Discourse Analysis and Textual Linguistics.

Key words

Reading. Comics. Chico Bento. Labor. National Curricular Parameters.

Lista de Figuras

Figura 1 – Caricatura de Ziraldo.....p.20
Figura 2 – Charge.....p.21
Figura 3 – Cartum.....p.22
Figura 4 – HQ “Tal pai, nem sempre tal filho!”.....p.23
Figura 5 – Tirinha.....p.24
Figura 6 – HQ “A profissão certa”.....p.28
Figura 7 – Trecho da HQ “A profissão certa”.....p.31
Figura 8 – Extraída da revista Chico Bento, n.263, 1996, p.4.....p. 68
Figura 9 – Extraída da revista Chico Bento, n.263, 1996, p.5-6.....p.68
Figura 10 – Extraída da revista Chico Bento, n.263, 1996, p.13.....p.69
Figura 11 – Extraída da revista Chico Bento, n.263, 1996, p.8, 11 e 14.....p.69
Figura 12 – Extraída da revista Chico Bento, n.263, 1996, p.4 e 15.....p.69
Figura 13 – Extraída da revista “Almanaque do Chico Bento”, n.66, 2017, p.61-62.....p.78
Figura 14 – Extraída da revista “Almanaque do Chico Bento”, n.63, 2017, p.66.....p.79

Lista de Quadros

Quadro 1 – Etapa 1: Escola e Trabalho.....p.41
Quadro 2 – Etapa 2: Profissões.....p.42
Quadro 3 – Etapa 3: O Valor Social do Trabalho.....p.43
Quadro 4 – Atividades sobre Variação Linguística.....p.72
Quadro 5 – Linguagem da HQ x Linguagem de Reportagem.....p.73
Quadro 6 – Linguagem do Cascão x Linguagem do Chico Bento.....p.73
Quadro 7 – Variedade Caipira x Variedade Padrão.....p.74
Quadro 8 – Chico x Hiro e Zé da Roça.....p.76
Quadro 9 – Exemplos de Atividades.....p.81
Quadro 10 – Exemplos de atividades para localização temporal.....p.82
Quadro 11 – Atividades para ativação do conhecimento de mundo.....p.83
Quadro 12 – Análise de questão discursiva.....p.86
Quadro 13 – Roteiro de avaliação.....p.91

Lista de Tabelas

Tabela 1 – O que a escola tem a ver com o trabalho (6º ano I).....p.47
Tabela 2 – O que a escola tem a ver com o trabalho (6º ano II).....p.47
Tabela 3 – Respostas à questão 1.....p.52
Tabela 4 – Respostas à questão 2.....p.53
Tabela 5 – Respostas à questão 4.....p.55
Tabela 6 – Respostas à questão sobre mitos do trabalho.....p.56
Tabela 7 – Trabalho dos pais/responsáveis.....p.57
Tabela 8 – Respostas à questão "Qual profissão você quer exercer?".....p.58
Tabela 9 – Questão 1.....p.60
Tabela 10 – Questão 2.....p.60
Tabela 11 – Questão 3.....p.62
Tabela 12 – Questão 4.....p.62
Tabela 13 – Questão 6.....p.63
Tabela 14 – Questão 7.....p.64
Tabela 15 – Questão 8.....p.65
Tabela 16 – Questão 9.....p.66
Tabela 17 – Variação linguística no questionário 3.....p.76
Tabela 18 – Resultados do questionário 1.....p.87
Tabela 19 – Resultados do questionário 2.....p.87
Tabela 20 – Resultados do questionário 3.....p.88
Tabela 21 – Resultados do questionário 4.....p.88
Tabela 22 – Resultados do questionário 5.....p.89
Tabela 23 – Informações presentes nas respostas elaboradas pelos alunos.....p.90

1 – INTRODUÇÃO

"Você entendeu ou quer que desenha?" Essa expressão aparece quando se explicou algo de maneira tão clara e simples, que se supõe não haver meio de simplificar mais, senão pela imagem, pela figura. Aqui percebemos que o texto não-verbal é posto como algo menos complexo, de mais fácil entendimento do que o texto verbal. Mas, contrariamente a tal suposição, não raro a seguinte situação acontece no ensino fundamental e médio: é dada uma tirinha ou charge aos alunos, é feita a leitura do texto verbal e depois se pergunta o que entenderam. Geralmente, poucos ou ninguém declara entender a mensagem, a crítica, o humor, e é necessário fazer com eles uma análise minuciosa da imagem, contextualizar a situação retratada e até mesmo "explicar a piada", quando a direção do texto é humorística.

Esse fato me chama a atenção desde que me tornei professora pois, assim como a expressão mencionada inicialmente, antes eu subestimava a análise das imagens. Na verdade, eu acreditava que essa análise acontecia de forma natural para as pessoas e a escola não precisaria de "ensiná-la". Isso porque os desenhos sempre me chamaram a atenção. Quando eu era pequena, uma vizinha me emprestava livros infantis com páginas inteiras desenhadas e frases bem curtinhas, tão curtas que eu nem me dava ao trabalho de lê-las. Mas observava cada detalhe das figuras, "lia" as figuras. Antes disso, quando não sabia ler, fazia o mesmo com revistinhas em quadrinhos da Turma da Mônica, mas lembro que, neste caso, ficava curiosa para saber o que os personagens diziam e pensavam. E quando aprendi a ler, pegava as mesmas revistinhas para descobrir o sentido total das histórias em quadrinhos (HQ). Dessa forma, muito me surpreendeu o fato de os alunos ignorarem a ligação entre a linguagem verbal e a imagem nas tirinhas e charges para construir o sentido global do texto.

Outra constatação válida: diante das HQ da Turma da Mônica e do personagem Chico Bento – que são as mais conhecidas e acessíveis – os alunos não mostram tanta dificuldade. Ela aparece quando temos a charge ou a tirinha – em que a mensagem tem um espaço menor e os detalhes se tornam importantes – e também nas HQ que exigem do leitor maior conhecimento tanto do gênero textual quanto de mundo, como as de super-heróis, Asterix e Obelix, Pato Donald, etc. Isso acontece porque, assim como os textos totalmente verbais têm uma gradação de complexidade (por exemplo, um conto de fadas é mais simples do que um conto realista), as HQ também podem exigir mais ou menos conhecimento do leitor: talvez a maior parte dos alunos compreenda bem as historinhas do Chico Bento, mas quando se deparam com os quadrinhos de Asterix e Obelix, por exemplo, já apresentem certa dificuldade na compreensão, embora estes últimos pertençam ao mesmo gênero textual: HQ.

Esse gênero textual, que conjuga linguagem verbal e linguagem não-verbal (o desenho, formato e tamanho de letras, cores, etc.) e que foi durante tanto tempo ignorado, *negligenciado* pela escola (MENDONÇA, 2005), é importante não só porque faz parte dos textos do cotidiano no século XXI – que circulam em jornais, revistas, internet, especialmente em redes sociais populares como Facebook e Whatsapp – mas também porque remete a sequências textuais básicas: a narração, a descrição e o diálogo.

Diante disso, faz-se necessário pensar como desenvolver no aluno que está no 6º ou 7º ano do ensino fundamental a habilidade de compreender e interpretar tais textos, inclusive associando-os aos elementos das narrativas exclusivamente verbais e das outras narrativas multimodais (híbridas). Especifico essas séries porque é quando se espera que o aluno consolide seu conhecimento sobre as propriedades de textos predominantemente narrativos, dentro dos quais podemos encontrar os quadrinhos.

A pesquisa aqui apresentada parte da hipótese de que o uso de atividades que consideram os fatores linguísticos, bem como as ideologias que estão por trás das representações do mundo dadas nas histórias em quadrinhos do personagem Chico Bento, podem colaborar para desenvolvimento da leitura criteriosa e reflexiva, ou seja, proficiente. Optou-se por destacar o tema Trabalho por duas razões: (1) é um tema muitas vezes abandonado pela escola, embora tal instituição seja vista muitas vezes como um "degrau" para o mundo do trabalho, isto é, há uma relação – nem sempre clara – entre educação formal e trabalho; e (2) é um tema relevante socialmente, pois se trata de um dos aspectos mais básicos que permeiam a vida humana, razão pela qual foi incluído pelo Ministério da Educação entre os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O personagem Chico Bento foi escolhido como ponto de partida por trazer a temática Trabalho, revelando aspectos de sua complexa realidade no cenário brasileiro. O personagem realiza trabalhos comuns ao meio rural mas se envolve também com outros ofícios; defende o meio ambiente da degradação, pois seu trabalho depende dele; frequenta a escola e, embora suas histórias muitas vezes revelem mazelas do ensino brasileiro, trazem explícita a ideia de que a escola faz parte do ingresso no mundo do trabalho. Além disso, o próprio personagem Chico Bento é relevante nos estudos de Língua Portuguesa por usar uma variante linguística não-padrão, em oposição a outros personagens, como a professora Marocas, o primo da cidade, Zeca, e outros amigos, afirmando a pluralidade da língua materna e permitindo uma reflexão sobre o conceito de língua e a interferência desse conceito nas diversas situações de interação/comunicação em que nos inserimos. Outro fator que colaborou para tal escolha foi que os alunos que participaram da pesquisa se identificam muito com o personagem Chico Bento, na medida em que compartilham uma variante linguística similar no cotidiano, a própria

vida escolar e a relação com o ambiente em que vivem, já que a cidade de Cláudio, Minas Gerais, – onde a pesquisa foi desenvolvida – possui significativa ligação com o trabalho rural e industrial[1] em sua história e cultura.

[1] Conforme dados do IBGE, disponíveis em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=311660&search=minas-gerais|claudio|infogr%E1ficos:-despesas-e-receitas-or%E7amentE1rias-e-pib>. Acesso em 13/03/2017.

2 – JUSTIFICATIVA

Em uma sociedade grafocêntrica, mas em que o texto multimodal ocupa grande espaço, o elemento não-verbal é, muitas vezes, subestimado pela escola. É necessário, portanto, dar a ele valor na representação do mundo e no desenvolvimento de habilidades de leitura.

Constatada anteriormente a dificuldade de muitos em associar o texto verbal ao não verbal, bem como o abandono dos aspectos multimodais de um texto, esta pesquisa surge como uma alternativa que se pretende relevante para o trabalho com os elementos verbais e não-verbais para a construção de sentidos, especialmente na escola. Além disso, procurou-se levar para a sala de aula uma perspectiva dos estudos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, de forma a averiguar possíveis contribuições dessas teorias para o desenvolvimento, no aluno, das habilidades leitoras e da criticidade diante dos textos.

O eixo temático em torno do qual serão desenvolvidas as atividades será o Trabalho, tendo em vista o fato de este ser um tema transversal cuja discussão e reflexão deve ser levada para a escola, em seus diversos níveis, como recomendam os PCN. Tratar de tal tema é relevante pois a escola é, a princípio, um meio de se alcançar o trabalho, de forma que não é possível desvinculá-los, ou seja, se escolarizar sem pensar em trabalho ou trabalhar sem mencionar a escola. Porém, mesmo que ao se buscar um emprego ou se profissionalizar a educação formal seja lembrada, na escola nem sempre fica explícita a relação entre essas duas esferas. Destacar essa temática é importante ainda porque, na maioria das vezes, os grupos sociais e discursos se organizam conforme as relações geradas pelo trabalho. Portanto, ele já faz parte da realidade e vivência dos estudantes, que, mesmo não possuindo emprego, se envolvem nos discursos relacionados ao tema a partir da convivência com os pais e conhecidos que já são trabalhadores.

Com a realização desta pesquisa, foi possível a criação de uma proposta linguística e pedagógica ancorada técnica e cientificamente, que pretendeu colaborar para a formação escolar do cidadão criterioso diante dos textos e discursos a que ele é exposto diariamente, especialmente em relação à temática Trabalho, tão cara à vida em sociedade.

3 – OBJETIVOS

3.1 – Objetivo Geral

Desenvolver estratégias que levem os alunos de 6º ano a ampliarem suas habilidades em leitura de HQ (histórias em quadrinhos), explorando as características próprias do gênero, partindo das histórias do personagem Chico Bento e enfocando o tema transversal Trabalho.

3.2 – Objetivos específicos:

.1. Contribuir para o desenvolvimento de atividades que relacionem o gênero textual HQ (histórias em quadrinhos) e o tema transversal Trabalho dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

.2. Propiciar uma leitura criteriosa e reflexiva das histórias do personagem Chico Bento.

.3. Levantar dados quanto aos interesses dos estudantes de 6º ano em relação à leitura de quadrinhos (quais personagens conhecem e de quais gostam, com qual frequência e onde lidam com esse gênero, etc.) bem como seu conhecimento e relação com a temática Trabalho.

.4. Estudar relações entre as linguagens verbal (língua portuguesa) e não-verbal (desenhos, cores, formato de letras, etc.) nas HQ.

.5. Criar um plano de aulas, a partir da pesquisa (tanto a bibliográfica quanto a partir dos dados levantados entre os alunos), que contribuam para o avanço do estudante no conhecimento sobre o tema Trabalho e para o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação dos quadrinhos.

.6. Verificar e avaliar o processo de compreensão de quadrinhos – nas modalidades tirinha e histórias mais longas (HQ) – pelos alunos envolvidos na pesquisa.

4 – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

4.1. Das noções teóricas à compreensão dos quadrinhos e do trabalho

De acordo com Bezerra (2005), o ensino de língua portuguesa nas instituições públicas brasileiras, dos anos finais do século XX até os anos atuais do século XXI, sofreu muitas mudanças. Isso se deu devido a vários fatores, dentre os quais podemos destacar três: a democratização do ensino, caracterizada principalmente pela entrada de camadas mais populares na escola; a ampliação dos meios de comunicação e de novas tecnologias; e a evolução do conceito de língua, enquanto objeto de estudo na escola, que antes se referia apenas à variedade culta, usada pela elite, e que atualmente considera toda sua complexidade, desde a constatação da variação linguística até as implicações sociais de seus usos.

Esse novo quadro educacional permitiu

> um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para **o trabalho com textos reais**, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita.
>
> (...)
>
> Pode-se dizer que, apesar de ainda imperar no tecido social uma atitude 'corretiva' e preconceituosa em relação às formas não canônicas de expressão linguística, as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que **tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem**. Pode-se dizer que hoje é praticamente consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas, (...). (BRASIL, 1998, p.18. Grifos nossos.)

Assim, embora ainda persistam traços de um ensino tradicional, que desconsideram a nova realidade escolar, procura-se trazer para a escola textos que circulam socialmente, que fazem parte das práticas discursivas cotidianas, de forma que o estudo da língua tem como objetivo maior possibilitar "ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem". (BRASIL, 1998, p.49.)

Ainda segundo Bezerra (2005, p.38), as teorias "sócio-interacionista vygotskiana de aprendizagem, as de letramento e as de texto/discurso, que possibilitam considerar aspectos cognitivos, sócio-políticos, enunciativos e linguísticos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma língua", têm influenciado as práticas pedagógicas no trabalho com a língua portuguesa no Brasil. Para desenvolver esta pesquisa, partiu-se da perspectiva das duas últimas.

As teorias de letramento surgem no Brasil quando se percebe que estar alfabetizado, isto é, conhecer o sistema alfabético de escrita, não garante que se faça uso do código escrito

plenamente, como percebemos em Soares (2003). O letramento diz respeito à "imersão na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito" (SOARES, 2003, p.13), podendo ser definido como "o desenvolvimento de habilidades de uso do sistema alfabético em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita" (SOARES, 2003, p.12).

Ampliando as teorias de letramento, em 1996, o chamado Grupo de Nova Londres propõe uma nova perspectiva dentro dos estudos de língua materna, a perspectiva dos multiletramentos, que considera a multiculturalidade e a multimodalidade dos textos que circulam socialmente nas tecnologias de informação e comunicação (ROJO, 2012).

> No texto de declaração de princípios dos pesquisadores do grupo, de orientação pedagógica, os autores advogam por uma concepção de letramento muito mais ampla do que aquela que em geral embasa o trabalho escolar, e propõem o ensino de multiletramentos, isto é, a inclusão no currículo de todas as formas de representar significados dos diferentes sistemas semióticos - linguístico, visual, sonoro ou auditivo, espacial e gestual - inter-relacionados no texto multimodal contemporâneo.
>
> As múltiplas práticas de letramento intersemióticas contemporâneas exigem do leitor e produtor de textos cada vez mais competências e capacidades de leitura e abordagem da informação cuja interpretação (e produção) aciona uma combinação de mídias. (...) (KLEIMAN, 2014, p. 81)

É importante ressaltar que o letramento considera apenas a modalidade escrita de uma língua, ao passo que os multiletramentos abrangem não só a língua escrita e oral, mas também outras linguagens – visual e gestual, por exemplo – e os seus aspectos culturais. Ou seja, a língua é considerada dentro de um contexto, de uma situação social.

As teorias do texto/discurso partem do fato de que o texto "é evento resultante de uma interação" (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, 2010, p.63). Em uma definição mais detalhada, Cavalcante (2011, p.17) afirma que textos "constituem uma unidade de linguagem dotada de sentido e (...) cumprem um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura, em que se situam os participantes desta enunciação."

Assim, o que essas teorias propõem, portanto, é o texto como objeto de trabalho nas aulas de língua portuguesa, não se limitando à sua materialidade mas levando em consideração também as suas condições de produção/recepção. Nessa linha teórica, aparecem "concepções e classificações de texto e discurso variadas, com base em múltiplos critérios, que nos fazem ver a diversidade de textos/discursos existente numa sociedade e a necessidade de caracterizá-los teoricamente." (BEZERRA, 2005, p.40).

Para direcionar o estudo a partir do texto, uma das classificações mais usadas é a de gênero textual. Sobre gêneros textuais, Marcuschi (2005, p.19) diz que são

> (...) fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (...) Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)[2] de Língua Portuguesa orientam o ensino a partir das teorias do texto/discurso.

> (...) não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, **a unidade básica do ensino só pode ser o texto**.
>
> Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.
>
> Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (...). (BRASIL, 1998, p.23. Grifos nossos.).

Conforme Bezerra (2005, p.41),

> O estudo de gêneros pode ter consequência positiva nas aulas de Português, pois leva em conta seus usos e funções numa situação comunicativa. Com isso, as aulas podem deixar de ter um caráter dogmático e/ou fossilizado, pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes.

Levar o foco do ensino para o texto não significa que se deva esperar que o aluno produza de forma perfeita todos os gêneros textuais com os quais ele teve contato na escola, mas sim que ele se aproprie dos variados recursos linguísticos e os use em sua prática discursiva com autonomia.

Rojo (2013) nos chama a atenção para os desafios de trabalhar com os gêneros textuais na escola no século XXI, tendo em vista a grande variedade de textos multissemióticos que circulam socialmente através das novas mídias e tecnologias.

---

[2] Embora recentemente as orientações nacionais para o ensino estejam sendo atualizadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), optou-se pelo uso dos PCN nesta pesquisa por este documento apresentar o fundamento teórico sobre o qual se elaborou a BNCC.

> Consideremos, por um momento, as novas formas de produção, configuração e circulação dos textos, que implicam multiletramentos. As mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação, o surgimento e a ampliação contínuos de acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação provocaram a intensificação *vertiginosa* e a diversificação da *circulação da informação* nos meios de comunicação analógicos e digitais, que, por isso mesmo, distanciam-se hoje dos meios impressos, muito mais morosos e seletivos, implicando, segundo alguns autores (Chartier, 1998; Beaudouin, 2002), mudanças significativas nas maneiras de ler, produzir e fazer circular textos na sociedade. Provocaram, portanto, novas situações de produção de leitura-autoria. (ROJO, 2013, p.19-20)

Diante disso, a leitura não pode mais se limitar à mera decodificação. Mais do que nunca, a "leitura do mundo" (FREIRE, 1989) não só precede, mas flui, interfere na leitura da palavra.

Rojo (2004) faz um breve histórico sobre a evolução do conceito de leitura. Segundo a pesquisadora,

> Mais recentemente, a leitura é vista como um ato de se colocar em relação um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos. O discurso/texto é visto como conjunto de sentidos e apreciações de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles – finalidades da leitura e da produção do texto, esfera social de comunicação em que o ato da leitura se dá. Nesta vertente teórica, capacidades discursivas e linguísticas estão crucialmente envolvidas. Nenhuma destas teorias invalida os resultados das anteriores. O que acontece é que fomos conhecendo cada vez mais a respeito dos procedimentos e capacidades envolvidos no ato de ler. (...). (ROJO, 2004, p.3-4).

Ainda de acordo com Rojo (2004) , a leitura exige três capacidades, as quais devem ser trabalhadas na escola: (1) de decodificação, que diz respeito às habilidades de conhecimento do sistema alfabético de escrita; (2) de compreensão, que remete às estratégias de relacionar e tratar as informações suscitadas pelo texto; e (3) de apreciação e réplica do leitor em relação ao texto, que atribui uma "atitude responsiva ativa" (LEAL, 2008, p.55) ao receptor, isto é, a ele é dado o papel de produtor de sentido enquanto interlocutor, já que "o sentido não está no texto, não é dado pelo texto, mas é produzido pelo locutor e alocutário a cada interação, a cada 'acontecimento' de uso da língua." (COSTA VAL, 2004, p.113).

Complementando essa noção de leitura, diante da multimodalidade dos textos contemporâneos e da leitura de mundo que já se faz, antes mesmo de frequentar a escola, Descardeci (2002, p.20-21) propõe que a leitura não se limite à língua escrita, mas que considere também as demais semioses já que, ao comporem um texto, contribuem para a construção de seus sentidos.

> (...) Minha proposta é de que a escola passe a trabalhar o conceito de leitura com uma visão mais ampla, considerando como fatores interferentes no processo de ler outras formas de representação da mensagem impressa. Preocupa-me o fato

> de que as crenças escolares sobre leitura, limitadas à leitura do código escrito, têm subestimado o valor das outras formas de representação presentes na composição da mensagem escrita, sendo estas tão portadoras de significado quanto aquele. (...)
>
> (...)
>
> Qualquer que seja o texto escrito, ele é multimodal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (layout), a cor e a qualidade do papel, o formato e a cor (ou cores) das letras, a formatação do parágrafo, etc., interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem. A opção pelo emprego de umas formas de representação, em detrimento de outras, deve ser entendida em relação ao uso que se pretende fazer delas em situações específicas de troca de informações. Por isso, sinais e códigos,
> dentre eles a língua escrita, estão em contínua transformação através da intervenção de seus usuários, que os tratam como um recurso a ser empregado de acordo com seus interesses e com convenções partilhadas pelo grupo no qual interagem, naquele momento histórico específico.

Quanto a quais gêneros textuais devem ser trabalhados na escola, para se desenvolver as competências linguísticas, os PCN orientam que

> (...) é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.
>
> (...)
>
> (...) a seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros. (BRASIL, 1998, p.24-26).

É interessante observar que os PCN, embora tragam uma proposta inovadora, que rompe com as tradições do ensino voltado primordialmente para as estruturas gramaticais da língua, ainda privilegiam a palavra propriamente dita, em detrimento da visão multimodal da língua, principalmente em relação ao texto escrito. Apesar de os exemplos dados não serem limitados, é possível perceber uma tendência a incentivar a levar para a escola textos jornalísticos e literários. Bezerra (2005, p.44-45) explica isso através da forte influência da mídia na sociedade letrada e do fato de se considerar que a variante linguística usada nesse meio é a padrão, que é entendida e usada em situações formais de norte a sul do país.

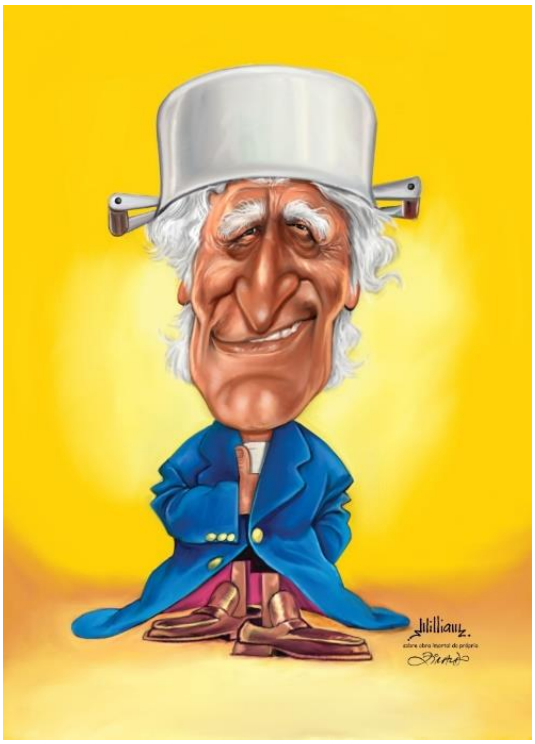
Os quadrinhos, que são multimodais, têm como um de seus veículos o jornal e fazem parte do cotidiano de muitos estudantes – mas não foram sequer mencionados nos PCN –, ganham espaço na escola apenas em um momento mais recente. Na história da educação brasileira, as propriedades multimodais desse gênero têm sido pouco exploradas até então pois,

durante muito tempo, ele era totalmente indesejado na escola, como constatam Ramos (2009), Vergueiro (2009) e Mendonça (2005). Mesmo hoje, conforme Vergueiro e Ramos (2009), os documentos oficiais (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE, por exemplo) revelam movimentos tímidos, embora significativos, na introdução dos quadrinhos na instituição educacional pública.

O termo "quadrinhos" é um *hipergênero* (termo usado por Maingueneau, conforme explica Ramos, 2009, p.20), que agrega outros gêneros relacionados, mas com suas particularidades (RAMOS, 2009, p.20), em que encontramos gêneros como a charge, o cartum, a caricatura, tiras e a história em quadrinhos (HQ propriamente dita).

De acordo com Ramos (2009) e Mendonça (2005), alguns dos gêneros arrolados sob o hipergênero quadrinhos podem ser assim definidos:

- Caricatura: é o desenho deformado das características marcantes de um ser ou coisa, podendo servir de ilustração de uma matéria jornalística.



(Fig. 1 – caricatura de Ziraldo por William Medeiros. A caricatura faz parte da exposição "Ao Mestre com Carinho", que reúne 110 caricaturas enviadas por desenhistas de todo o país no Salão do Humor de Caratinga, em Minas Gerais. Fonte: http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/10/23/ziraldo-completa-80-anos-e-ganha-homenagens-de-cartunistas.htm#fotoNav=22 Acesso em: abr. 2017)

No exemplo acima, houve uma desproporção proposital entre o corpo e rosto do escritor Ziraldo, assim como nos próprios traços de sua face, e a introdução de adereços como a panela na cabeça e o casaco azul comprido, a fim de fazer, através da caricatura, uma referência a um personagem de quadrinhos marcante, O Menino Maluquinho. Nesse gênero textual, dificilmente há texto verbal – além da assinatura do autor e, neste caso, há também a do que foi

“caricaturado” – de forma que a produção de sentidos fica bastante dependente do conhecimento prévio do leitor, que conta com dicas apenas no próprio desenho para a compreensão e interpretação.

- Charge: um fato pode ser informado totalmente por uma forma gráfica, usando ou não a linguagem verbal. Está inteiramente relacionado a um momento, tem forte característica intertextual, de forma que, se for retirado de seu contexto, pode causar dificuldade para o leitor na produção de sentidos.

(Fig. 2 – Fonte: https://www.facebook.com/biradantascartunista/photos/a.579886918764581.1073741828.579883392098267/1250479291705337/?type=3&theater Acesso em: abr. 2017)

Circulando em rede social na internet, a figura 2 se associa a vários fatos ocorridos e noticiados à época de sua produção: em entrevista para a TV sobre a reforma do ensino médio, o atual ministro da Educação, Mendonça Filho, faz a concordância verbal de “haver” de forma inadequada para a situação formal de comunicação e posição social que ele ocupa – se é ministro da Educação, espera-se que use a variedade padrão da língua, principalmente em aparições públicas. Embora o texto verbal e o não verbal colaborem para direcionar a mensagem dada – o verbo “haverão” destacado e o comentário da personagem feminina, identificando o personagem em destaque no texto –, daqui a algum tempo, principalmente quando o ministro da Educação for outra pessoa, esse texto perderá sua atualidade e, para que a crítica acima apresentada seja percebida, compreendida e interpretada, será necessário recorrer às notícias da época de sua produção.

- Cartum: diferente da charge, não se vincula a outro texto do noticiário, sendo, portanto, mais atemporal. É uma forma de, graficamente, expressar uma opinião, uma crítica, sobre variados temas.

(Fig. 3 – Cartum. Fonte: https://image.slidesharecdn.com/chargesecartuns-130702151025-phpapp01/95/charges-e-cartuns-6-638.jpg?cb=1372777859 Acesso em: abr. 2017)

O exemplo de cartum (fig.3) faz uma crítica ao adicional de insalubridade, valor pago ao trabalhador cujo ofício oferece algum risco ou dano à sua saúde. Pelo desenho, percebemos que o empregado não está bem, pois está com a língua para fora, o rosto e o corpo deformados e sai, certamente do trabalho, carregado por uma maca. Alguém dá ao trabalhador uma moeda – que é a única parte colorida do quadrinho, destacada, em amarelo – que é, conforme a fala de quem entrega a moeda, o pagamento do adicional. O que paga é provavelmente o patrão ou alguém em posição superior, pois sua representação gráfica é distanciada, metonímica, pois expõe apenas um braço vestido de terno, conforme se percebe no desenho do membro com um paletó com três abotoaduras sobre uma camisa, saindo de um caixa, de acordo com a placa no cartum, vestido de terno. A frase, em letras garrafais, reitera a crítica e explicita a opinião do cartunista: ele acha que o adicional oferecido não garante condições dignas de trabalho e se posiciona, portanto, contra essa prática. O texto, dessa forma, não remete a outro texto prévio, mas exige do leitor algum conhecimento sobre o mundo do trabalho. Além disso, não é preciso identificar explicitamente o personagem desenhado, sendo que ele representa o trabalhador de maneira geral.

- História em quadrinhos (HQ): possui personagens fixos, que aparecem em uma sequência narrativa indicada por vários quadrinhos, podendo ser longa ou curta, tendo direção humorística ou não.

(Fig. 4 – HQ “Tal pai, nem sempre, tal filho!” – Fonte: Revista Chico Bento, n.107, 1991, p.20-21)

Geralmente publicada em revistas próprias, as histórias em quadrinhos (HQ) possuem quantidade indefinida de quadrinhos. No exemplo dado pela figura 4, os personagens fixos são o Chico Bento, seu pai, Nhô Bento, e sua mãe, Dona Cotinha. As características do pai – apresentadas ao longo de várias outras histórias – como homem trabalhador e que muitas vezes expressa o desejo de que o filho não tenha a mesma profissão, levam um leitor que já o conhece a antever o final dessa história: Nhô Bento sempre incentiva Chico a estudar porque vê nisso uma maneira de o filho alcançar uma profissão “melhor” – geralmente representada pelo termo “dotô” – e, portanto, um futuro diferente da vida do pai. Já o personagem Chico Bento mostra sempre admiração e orgulho pelo trabalho do pai. Para garantir o suspense até o final da narrativa, o recurso usado foi a omissão de falas, de texto verbal, até o último quadrinho. Contando com o conhecimento do leitor sobre os personagens, ao pai não foi atribuída fala, de maneira que Chico não sabe porque o pai agiu dessa forma, mas o leitor, sim. Como as HQ possuem personagens fixos, muitas vezes o conhecimento sobre eles é evocado para que seja possível a compreensão e interpretação do texto.

- Tira: difere da HQ em seu tamanho, pois é mais curta (até 4 quadrinhos), geralmente com direção humorística. Costuma ser publicada em revistas de quadrinhos, em jornais ou revistas de variedades.

As tiras (ou tirinhas) podem ter seus quadrinhos dispostos na vertical ou na horizontal. Como também possuem personagens fixos, da mesma forma que as HQ, usam do histórico dos personagens para fazer a piada. Na figura 5, o texto conta com o conhecimento do leitor sobre o personagem Zé Lelé, primo e amigo próximo do Chico Bento, que tem fama de ser menos inteligente – nas palavras dos colegas, é "burro" e "lerdo" –, embora algumas vezes surpreenda o leitor. Uma vez que o texto é curto, outro recurso usado para provocar o humor são os jogos linguísticos, a brincadeira com o que não está explícito verbalmente. No exemplo dado, a malícia na fala de Chico já aparece em sua expressão sarcástica no segundo quadrinho. No terceiro quadrinho, o personagem deixa implícito o insulto que faz ao primo: chama-o de animal, implicitamente de burro. Assim, a leitura da tirinha, para que seja mais rica, requer conhecimento sobre o gênero, sobre os recursos linguísticos e sobre os próprios personagens.

(Fig. 5 – Tirinha – Fonte: Revista Chico Bento, n. 311, 1998, p. 34)

Um outro conceito que nos ajuda a trabalhar e compreender o hipergênero quadrinhos é o domínio discursivo. Marcuschi diz que se usa essa expressão

> (...) para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já

> que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. (MARCUSCHI, 2005, p.23-24).

Mendonça (2005, p.196) propõe agrupá-los tanto no discurso jornalístico, considerando que muitas vezes o jornal e a revista são seu suporte de circulação, quanto no discurso literário.

Trata-se, portanto, de um gênero rico e atrativo, não apenas para aquele que está se iniciando no mundo da leitura, mas também para os leitores proficientes. Isso porque boa parte das temáticas dos quadrinhos, embora em uma análise superficial pareça simples, trivial, permite levantar uma reflexão mais profunda sobre a realidade. Para Vergueiro (2009, p.165) "(...) [as histórias em quadrinhos] permitem o que é denominado *dupla leitura*, ou seja, a criança lê os quadrinhos e depreende uma mensagem adequada à sua idade, em geral uma problemática singela, enquanto o adulto dela extrai um questionamento mais profundo da realidade (...)."

Para colaborar no desenvolvimento de habilidades que levem o leitor a perceber as possibilidades variadas de compreensão e interpretação dos quadrinhos, faz-se importante o uso dos 21 critérios linguísticos para análise de discursos e seus constituintes (textos, frases e palavras, entre outros), elaborados a partir de Faria (2016), pelo próprio autor. Tais critérios articulam

> **noções provenientes de diferentes quadros teóricos** – na medida em que tais contribuições sejam **complementares, e não antagônicas**, com relação ao quadro teórico do Círculo [de Bakhtin, Voloshinov e Medviédev]. Eis as principais noções e sua proveniência.
>
> a) Dos estudos linguísticos discursivos iniciados pelo "Círculo BMV" na antiga União Soviética, a partir de M. Bakhtin, V. Voloshinov e P. Medviédev, entre outros: "signo ideológico"; "reflexo e refração", sobretudo;
> b) Dos estudos linguísticos discursivos iniciados na França a partir de M. Pêcheux: "interdiscurso" e "intradiscurso", principalmente;
> c) Dos estudos linguísticos e semióticos greimasianos: "percurso semântico" (abrangendo as noções de "percurso temático" e "percurso figurativo");
> d) Dos estudos linguísticos anteriores aos discursivos: "traço semântico" e "oposição distintiva". (FARIA, 2016, p. 117. Grifos nossos).

Tais critérios tratam das dimensões enunciva, referente ao enunciado, o texto, e enunciativa, remetendo à enunciação, ao processo, à produção do texto. No primeiro grupo, temos os seguintes critérios semânticos:

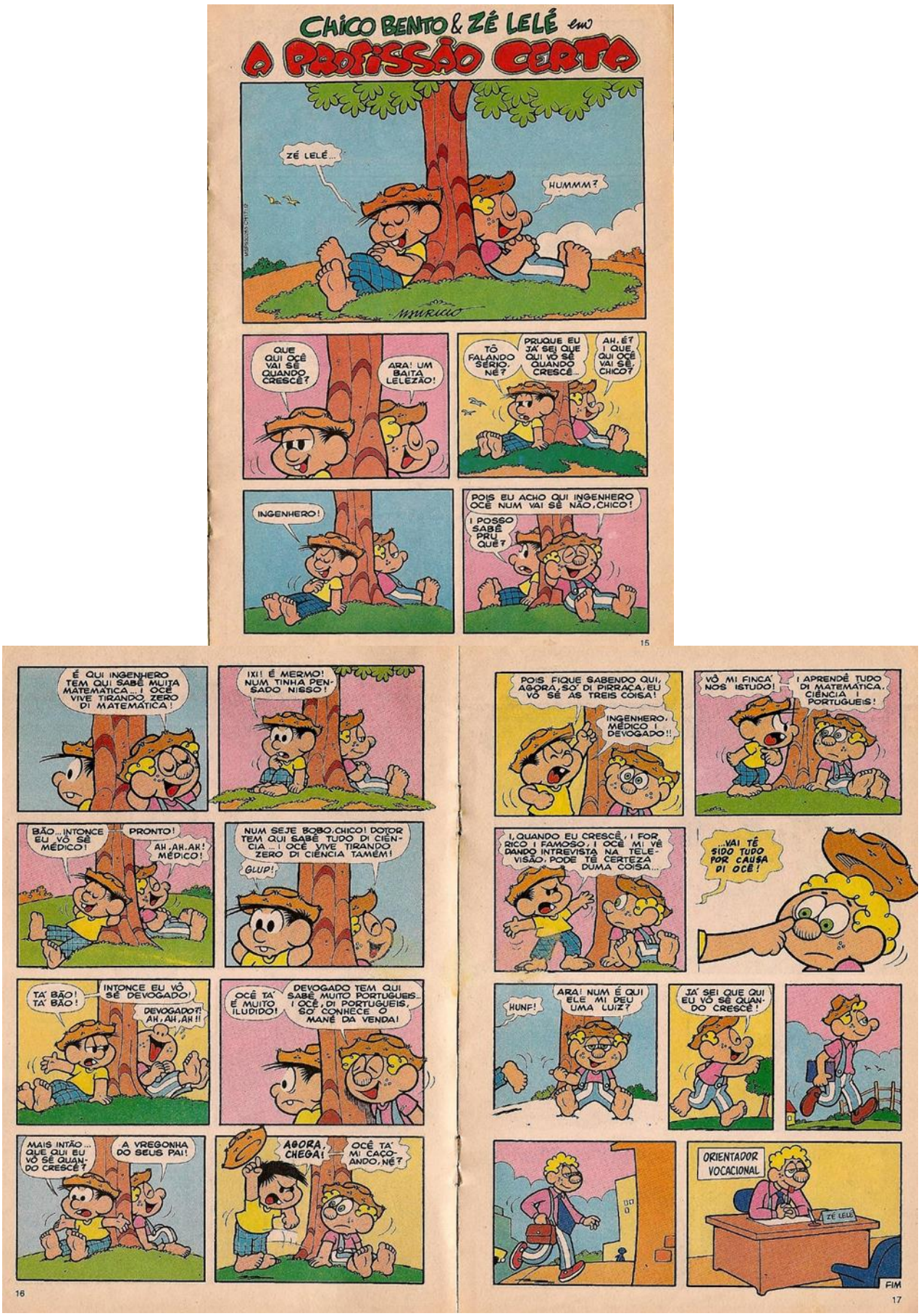
1. Seleção lexical (vocabulário) – remete à escolha das palavras na produção de um texto. Esse item nos leva a perceber, por exemplo, o(s) tema(s), a valoração dada ao(s) personagem(ns) e os possíveis efeitos de sentidos gerados pelo uso de determinadas expressões.

2. Participantes (“personagens”) – são os seres (ou coisas personificadas) que figuram em um texto. Podem estar explícitos (quando são mencionados ou a quem são atribuídas ações/fatos que contribuem para a progressão textual), implícitos (quando não são necessariamente mencionados, mas é possível perceber sua presença dentro do contexto) ou silenciados.
3. Tema (s) – São os tópicos evocados através principalmente da seleção lexical, remetendo ao assunto “do que se fala” (LANE, 2016, p.463). Podem estar explícitos, implícitos ou silenciados. Cada personagem relaciona-se com pelo menos um tema.
4. Localização espacial – refere-se ao(s) lugar(es) presentes no texto, indicados geralmente por expressões e/ou indícios que trazem a informação de espaço.
5. Localização temporal – remete à temporalidade expressa no texto. Na maior parte das vezes, há uma expressão que marca o tempo inicial e, a partir desta, as seguintes ajudam o leitor/ouvinte a se localizar temporalmente, como se houvesse uma linha cronológica e, marcado um dado ponto de referência nela, as indicações textuais seguintes pudessem ir adiante ou atrás em relação a esse ponto. Quando tal indicação não aparece explícita, é importante que se busquem pistas dessa informação pois tanto a localização espacial quanto a temporal ajudam o leitor a acompanhar a lógica, a coerência do texto.
6. Outros elementos de sentido relevantes – uma vez que os textos permitem usos variados, esse item contempla os demais elementos que não são comuns a todos os gêneros textuais, mas que colaboram na construção de sentido. Por exemplo, a verossimilhança, que é “um modo de correlação entre o enunciado e a realidade” (PLANTIN, 2016, p.493), é característica tanto de certos textos literários quanto de textos jornalísticos, mas se apresenta de forma diferente em cada um desses domínios. Na reportagem, ela se apresentará em dados fornecidos por instituições reais e confiáveis, no discurso direto de pessoas (personagens reais) e em fotos que representam de forma imagética cenas da realidade. Outros elementos relevantes para a análise semântica podem aparecer também nos tropos, quando as palavras são usadas com significação figurada, diferente da original ou primitiva (KERBRAT-ORECCHIONI, 2016, p.487), como a metáfora, a metonímia, a sinédoque, a hipérbole, entre outros.
7. Conjuntos de ideias defendidos (explícita ou implicitamente) a partir dos elementos linguísticos acima – a partir da observação dos itens anteriores, tanto isolados quanto dentro do texto, é possível delimitar a posição, a opinião oferecida diante dos temas identificados no item 3.
8. Conjuntos de ideias combatidos (explícita ou implicitamente) a partir dos elementos linguísticos acima – são as ideias contra as quais o texto se posiciona. As ideias

combatidas e as defendidas são percebidas muitas vezes pela oposição que elas evocam. Por exemplo, ao se dizer que "A única coisa que mulher sabe pilotar bem é o fogão", pode-se afirmar que é combatida a ideia de que mulheres sejam capazes de dirigir qualquer meio de transporte – e em uma ampliação, se questiona a habilidade feminina de administrar, de dar direção – em oposição às ideias defendidas de que as mulheres são boas cozinheiras, de que o único lugar onde elas mostram habilidade se relaciona às coisas feitas na cozinha.

Na história em quadrinhos da fig.6 adiante, identificaremos os 8 itens acima listados para que sejam exemplificados e para que se perceba como tais critérios colaboram para a leitura proficiente de um texto. É importante ressaltar que, neste gênero textual, como o texto não-verbal é tão importante quanto o verbal, a análise se estenderá ao desenho.

Uma vez que a HQ tem como uma de suas propriedades o efeito de humor, expressões de duplo sentido são recorrentes, de forma que cabe ao leitor identificá-las para compreender melhor esse texto. Na HQ "A profissão certa", há muitas dessas expressões, como "Que qui ocê vai sê quando crescê?", que para Chico significa uma pergunta sobre o futuro profissional mas Zé Lelé a toma literalmente, associando o verbo crescer ao aumento de tamanho. No meio da história, Zé Lelé, quando diz que Chico será "a vregonha dos seus pai", também atribui outra possibilidade de sentido a essa pergunta, pois a questão pode ser respondida por qualquer substantivo ou expressão substantivada. Zé Lelé também usa do duplo sentido da palavra "português" (língua e nascido em Portugal) para criticar o conhecimento de Chico, dizendo que "Devogado tem que sabê muito portugueis... i ocê, di portugueis, só conhece o Mané da Venda!". A seleção lexical direciona também aos outros itens (participantes, tema, espaço, tempo, conjuntos de ideias defendidos e combatidos, etc.) e, portanto, será indicada à medida que os itens seguintes forem sendo identificados.



(Fig. 6 – HQ “A profissão certa” – Fonte: Revista Chico Bento, n.171, 1993, p.15-17)

A HQ “A profissão certa” (fig.6) contém dois personagens explícitos, apresentados acima do título (“Chico Bento e Zé Lelé em”) e percebidos ao longo da narrativa através dos desenhos dos dois meninos. Boa parte das histórias do Chico Bento têm essa característica de indicarem os principais personagens envolvidos junto do título do texto. Além desses personagens, outros são mencionados nos seus diálogos: “Mané da Venda”, um homem português; os pais do Chico Bento; as classes profissionais ou o profissional engenheiro, médico e advogado. Ainda podemos evocar a Professora de Chico Bento, quando o Zé Lelé cita implicitamente a escola nas falas “ocê vive tirando zero de matemática!” e “i ocê vive tirando zero de ciência tamém!”.

Os temas presentes são *a escolha profissional*, já indicada no título e reforçada pela preocupação de Chico em fazer tal escolha, mesmo tão criança; *a relação entre escola e profissão*, ao se falar sobre as notas do Chico; *a associação do fracasso escolar ao fracasso social/profissional*, quando Zé Lelé afirma que Chico, por tirar notas ruins na escola, será “a vregonha dos seus pai”; e *a supervalorização das áreas de engenharia, medicina e direito*, vistas por Chico como únicas possibilidades de profissões bem-sucedidas – que proporcionam riqueza e fama –, ao dizer “i, quando eu crescê, i for rico i famoso, i ocê me vê dando intrevista na televisão”. Além disso, tais temas são reforçados pela possibilidade de dupla leitura do título, já que a profissão certa pode ser a profissão mais adequada às habilidades da pessoa ou a profissão melhor, mais valorizada.

A localização espacial é indicada principalmente pelas imagens: os dois meninos estão debaixo de uma árvore, sem casas à vista, em um ambiente externo e rural. Ao final do diálogo dos meninos, as imagens mostram, com o passar do tempo, a mudança gradual para um ambiente com casas, pessoas e carros, trazendo a ideia de um ambiente urbano, e terminam dentro de uma sala de orientação vocacional. Há também os espaços mencionados, como a venda do português e a televisão, e os espaços implícitos, como a escola e a casa dos pais do Chico Bento.

O tempo é percebido pelas imagens, indicando que a conversa de Zé Lelé e Chico se deu durante o dia, haja vista as cores claras fazendo o fundo, que é o céu, pois há o desenho de pássaros e nuvens. Depois da conversa, quando Zé Lelé vai embora, há uma aceleração da passagem do tempo (em anos), marcada pela transformação do menino em adulto à medida que caminha e muda de ambiente. Outros elementos que trazem informações do tempo são os tempos verbais usados no diálogo, que tratam, em relação ao momento da conversa, do futuro (“que qui ocê vai sê quando crescê?”), do passado (“num tinha pensado nisso”) e do presente (“ocê tá me caçoando, né?”); e advérbios, como “agora” e “já”.

Os quadrinhos trazem vários outros elementos importantes além dos mencionados, já que a linguagem não verbal traz também informações relevantes para a leitura. Neste caso, há as expressões faciais e posturas corporais de cada personagem: Chico, no diálogo por ele iniciado, se mostra a princípio tranquilo, relaxado, e, à medida que Zé vai comentando as opções de profissão dadas pelo amigo, este fica preocupado e, finalmente, nervoso, bravo, quase agressivo. Zé permanece tranquilo, com os olhos fechados ou parcialmente fechados durante a maior parte da história, ficando com os olhos arregalados apenas quando Chico fica bravo. A variedade linguística usada pelos personagens também é relevante, na medida em que reproduz a forma de falar chamada "caipira", com expressões bastante estereotipadas como "ara", "ixi", "bão", "intonce", além da aproximação da modalidade oral ("i", "di", "num", "sabê", "crescê", etc.). Também temos as risadas e o tom debochado das falas e expressões de Zé Lelé, reforçando a zombaria que ele faz enquanto Chico está sério e preocupado com o futuro.

Retomando os temas e os elementos acima identificados, se podem dizer as ideias defendidas e as combatidas. Como ponto de vista defendido, percebe-se a ideia de que *se houver disposição, por meio dos estudos, qualquer profissão está ao alcance*, independente das demais circunstâncias. Isso é confirmado na fala de Chico Bento "Pois fique sabendo qui, agora, só de pirraça, eu vô sê as treis coisa! Ingenhero, médico i devogado!! Vô mi fincá nos estudo! I aprendê tudo de matemática, ciência i portugueis!" e nos quadrinhos finais, quando se mostra a passagem do tempo com o crescimento do personagem Zé Lelé, pois ele é mostrado com livro na mão, símbolo de estudo, indicando que ele se qualificou para ser o que ele imaginou quando criança. Combate-se, portanto, a ideia de que *é possível ser um profissional sem passar pelos estudos*.

Dando sequência aos critérios linguísticos para análise de discursos e seus constituintes, abaixo serão apresentados os critérios microssintáticos (morfossintáticos) e macrossintáticos, que direcionam a análise para a estrutura do texto, exemplificados pela HQ "A profissão certa":

9. Forma básica do intradiscurso: prosa ou verso – no caso da HQ "A profissão certa", o gênero se organiza em prosa, sendo que a linguagem verbal aparece nos balões de fala dos personagens e/ou nas legendas nos cantos dos quadrinhos. A base desse gênero textual são os desenhos, cena por cena, já que há quadrinhos sem linguagem verbal, mas não há quadrinhos sem linguagem não verbal. Combinando essas características, há uma aproximação dos gêneros narrativos ficcionais, como o conto.
10. Organização das frases em parágrafos, turnos de fala ou estrofes – a HQ tem a base do texto verbal na estrutura dos diálogos, de forma que os turnos de fala são indicados pelos balões de fala associados a cada personagem, trazendo o discurso direto na maioria das vezes. A ordem das falas é dada pela direção da leitura: de cima para baixo, da esquerda

para a direita. No 1º quadrinho da fig.7, sabemos que Chico fala antes de Zé Lelé porque fazemos a leitura da esquerda para a direita. Já no 2º quadrinho, embora a fala de Chico esteja à esquerda, lemos a fala de Zé Lelé primeiro pois esta está acima da outra fala.

(Fig. 7 – Fonte: Revista "Chico Bento", n. 171, 1993, p.15)

Quando a voz do narrador aparece, é marcada por uma legenda em um dos cantos do quadrinho. É interessante ressaltar que nos quadrinhos raramente aparecem verbos de elocução introduzindo as falas. No lugar desses verbos, têm-se balões de diversos traçados que traduzem as ideias de fala normal/neutra, cochicho, grito, etc. ou o próprio formato das letras dentro desses balões. Na fig.7, por exemplo, os balões traçados com linha preta e contínua indicam a fala neutra, simulando a fala em tom de voz normal (RAMOS, 2009, p.36).

11. Organização das palavras em frases – oracionais ("períodos") ou nominais – geralmente, as frases dos quadrinhos, ao reproduzirem a modalidade oral, são majoritariamente nominais ou períodos simples, sendo muito raras as construções com três ou mais orações. Na HQ aqui analisada, contam-se 8 frases nominais, 18 períodos simples, 7 períodos compostos por orações subordinadas substantivas e 3 períodos compostos por orações subordinadas adverbiais. Dos períodos compostos, 7 se organizam em torno de 2 verbos e 1 se organiza com 6 verbos. Característica da oralidade, aparece também a inversão para dar destaque a um tópico ("ingenhero ocê num vai sê não").
12. Realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas – na história "A profissão certa" (fig. 6), as pessoas/personagens principais são referidas por substantivos próprios ("Zé Lelé", "Chico"), pronomes de 1ª pessoa do singular ("eu", "mi"), de 3ª pessoa ("ele", "seus") e de tratamento ("ocê"). Tempo e espaço, quando aparecem no texto verbal, vêm nos advérbios ("agora", "já"). O tempo também pode ser identificado pelos tempos verbais, conforme já foi dito, e em orações adverbiais ("quando eu crescê"). Os temas são apresentados principalmente através de substantivos comuns ("profissão", "ingenhero", "matemática", "médico", "dotor", "ciência", "devogado", "portugueis",

“vregonha”, etc.), adjetivos (“bobo”, “iludido”, “rico”, “famoso”) e verbos significativos (“crescê", “sabê", “fincá", “aprendê”).

13. Outros elementos morfossintáticos relevantes – Neste critério, se destacam os demais fatores da língua, ligados à morfologia e sintaxe, que contribuem para a construção de sentido no texto. Podem ser, por exemplo, elementos ligados às flexões do substantivo e adjetivo, aspecto verbal, entre outros. Conforme o texto da fig. 6, é interessante observar os aspectos próprios da modalidade oral da língua portuguesa no Brasil: o tempo verbal futuro do indicativo estar sempre realizado através de locução (“vai sê”, “vô sê”, “vô mi fincá"); e o uso de partículas expletivas (“ah, é?”, “num vai sê não”, “é qui”, “ocê tá é muito”, “num é qui”, repetição do “i”). A resposta de Zé Lelé à pergunta de Chico (“Que qui ocê vai sê quando crescê?” “Ara! Um baita Lelezão!”) remete à transferência de uma propriedade dos substantivos comuns a um substantivo próprio, reforçando o duplo sentido da pergunta, o que contribui para o efeito de humor do texto e para a caracterização do personagem Zé Lelé, que mostra uma postura muito descontraída ao longo da história, fazendo chacota da conversa de Chico.

Há também os critérios que são simultaneamente semânticos e sintáticos:

14. O(s) discurso(s) estruturado(s) a partir dos elementos linguísticos acima – O termo “discurso”, dentro dos estudos da linguagem, constitui-se como uma noção bastante complexa devido a sua simultânea abstração (quando é tratado como *substantivo não-contável)* e materialidade *(substantivo contável)* (MAINGUENEAU, 2015, p.23). É delineado pelas chamadas ideias-força: O discurso é uma organização além da frase; é uma força de ação; é interativo; é contextualizado; é assumido por um sujeito; é regido por normas; é assumido em um interdiscurso; constrói socialmente o sentido. (MAINGUENEAU, 2015). Assim, o discurso remete a uma combinação do domínio discursivo e de um posicionamento diante de um tema, posicionamento este marcado por um sujeito/instância. Na HQ analisada, o discurso presente é o da associação direta entre estudo e trabalho, bastante divulgado pelas instituições de ensino. Querendo escolher sua profissão, Chico conta a Zé Lelé o que quer ser quando crescer, mas Zé Lelé mostra o fracasso do amigo na escola, deixando-o “sem” opções profissionais. Chico não nega as objeções de Zé e decide mudar sua posição na escola – “só de pirraça” – para mostrar sua capacidade. Assim, embora esta HQ tenha um claro discurso humorístico, também contempla o discurso escolar.

15. O posicionamento do discurso predominante no texto, com relação aos discursos predominantes na sociedade em que se situa – este critério se relaciona à habilidade de se comparar o que se apresenta no texto ao que se apresenta socialmente, de forma a

perceber suas semelhanças e diferenças. Depende, portanto, de que o leitor use de seu conhecimento de mundo para perceber a posição social do texto. Remete às ideias de interdiscursividade (relação de um discurso com outros discursos anteriores, contemporâneos, antagônicos, etc.) e intertextualidade (relação de um texto com outros, por referência explícita ou implícita) (MAINGUENEAU, 2016). Predomina na HQ o discurso exposto pelo personagem Zé Lelé que fala da associação direta entre a escola e a profissão, de forma que, por exemplo, "ingenhero tem qui sabê muita matemática". Chico não discorda e, no fim, afirma se "fincá nos estudo! I aprendê tudo di matemática" para alcançar a engenharia. Dessa forma, o discurso de que o sucesso no trabalho depende do sucesso na escola é sustentado no texto, e reflete, reproduz o discurso veiculado na sociedade e especialmente nas instituições de ensino. Apesar disso, há várias histórias de pessoas que, contrariando esse discurso, foram bem sucedidas profissionalmente e não usaram do ensino escolar para isso.

16. Outros elementos enuncivos relevantes – este tópico remete a outros elementos explícitos presentes no texto e que se façam relevantes para o sentido do texto. No caso da HQ "A profissão certa", o próprio título explícito se opõe a uma ideia implícita: uma profissão errada. Abre margem para a existência de profissões erradas, questionamentos sobre qual seria a profissão certa e a profissão errada, do ponto de vista social e do ponto de vista individual. A HQ exige também, para garantir a dimensão humorística, o conhecimento sobre o que faz o "orientador vocacional". Se o leitor não sabe o que esse profissional faz, não entenderá a provocação feita: Zé Lelé descobriu essa possibilidade na fala de Chico quando este, para ofendê-lo, gritava "Pode tê certeza duma coisa... vai tê sido tudo por causa di ocê!".

Finalmente, na dimensão enunciativa, que, como já se disse, remete ao processo, à enunciação, têm-se os seguintes critérios:

17. Identificação dos principais elementos de linguagem não verbal – os textos não são constituídos apenas por palavras. Como já se disse anteriormente, interessa também a disposição do texto, a fonte das letras, etc. Em alguns casos, o texto apresenta imagens que, para muitos, são algo meramente ilustrativo. Porém, tudo isso ajuda na construção dos sentidos. No caso dos quadrinhos, a linguagem não verbal já é considerada desde a análise do primeiro critério, por ser, nesse gênero, rica fonte de informações para a lógica do texto. Na HQ analisada, os principais elementos não verbais são os desenhos, as cores, os formatos dos balões e dos quadrinhos. Foi a partir deles que se descreveram os dois personagens, o espaço, o tempo e a organização dos quadrinhos/cenas, que permitem ao leitor acompanhar a sequência da narrativa.

18. Temas, pessoas, espaços e tempos não verbais inferidos a partir das relações com o enunciado verbal – Em textos como reportagens, notícias, contos, em que o texto verbal predomina, os elementos não verbais são constatados e compreendidos, conforme o critério 17, e na relação às informações obtidas no texto não verbal. No caso dos quadrinhos, tal análise já é feita a partir dos critérios anteriores.
19. Características sincrônicas e diacrônicas de elementos não verbais em interação com os verbais – tais características remetem à chamada memória discursiva. Esta possui dois planos: o do intradiscurso, ou seja, em que, dentro do mesmo texto, pode-se retomar algo já falado, e o do interdiscurso, partindo do princípio de que o discurso é atravessado por outros discursos precedentes (MAINGUENEAU, 2016, p. 325).
20. Características sincrônicas e diacrônicas de cada uma das instâncias enunciativas – Remetem às condições de produção do texto, podendo ser consideradas instâncias enunciativas aquelas que veiculam um enunciado/texto. De maneira geral, estas instâncias referem-se ao suporte do texto e ao locutor, que pode ser representado pelo autor, pela editora e demais responsáveis pela produção do texto. Como se trata de características sincrônicas e diacrônicas, é importante também saber quando se deu a produção e/ou publicação do texto analisado. No caso da HQ, podemos considerar como instâncias enunciativas os roteiristas, os desenhistas e toda a equipe da Maurício de Sousa Produções e o próprio Maurício, além da Editora Panini, parceira da Maurício de Sousa Produções atualmente. Quanto ao suporte textual dos quadrinhos, percebe-se que foi modificado ao longo do tempo, com a evolução da mídia: em princípio, eram publicados em jornais, em preto e branco, resultante de um trabalho bastante manual, enquanto atualmente contam com veículo próprio – o gibi – e estão presentes também nos meios digitais – blogs, redes sociais, etc. Com os avanços tecnológicos, os quadrinhos hoje costumam ter cores, que contribuem para os sentidos do texto, e sua produção não se restringe ao trabalho manual, usando também de ferramentas digitais.
21. Outros elementos enunciativos relevantes – este tópico remete a outras informações situacionais do texto, tanto de sua produção quanto de sua circulação, que se fizerem importantes para a compreensão. Por exemplo, as informações sobre as empresas e os trabalhadores que produzem a revista Chico Bento.

Os 21 critérios linguísticos para análise de discursos e seus constituintes direcionam uma leitura mais abrangente do texto, de forma que, se usados no ensino de leitura, com quadrinhos e outros gêneros, permitem o avanço para a *dupla leitura*, isto é, mover de uma compreensão literal para uma compreensão mais ampla, mais aprofundada, mais proficiente, mais útil para a vida social. A leitura orientada por esses critérios avança na construção de

sentidos do texto, partindo de elementos mínimos da sua composição (palavra, frases, imagens, etc.) e chegando a dimensões mais amplas (contexto, discurso, relação com outros discursos).

O gênero textual "Quadrinhos" merece destaque nas atividades pedagógicas porque leva o aluno a: (1) associar linguagem verbal à não verbal, extraindo informações de tempo, espaço e emoções dos personagens, tanto das palavras quanto das imagens, formato dos quadros e balões de fala, cores e fonte das letras; (2) perceber a transição do texto oral para o texto escrito, pois "as HQs realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (geralmente a conversa informal) nos balões, com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares, etc." (MENDONÇA, 2005, p.196); (3) inferir o movimento dos personagens nas cenas, bem como outras informações, nas mudanças de um quadrinho para o outro, "o que demanda um trabalho cognitivo maior por parte do leitor, de modo a preencher as lacunas e reconstruir o fluxo narrativo" (MENDONÇA, 2005, p. 196); e, (4) em alguns casos, depreender a intenção humorística presente no texto, o que requer um conhecimento mais elevado de mundo e da própria língua.

Quando "ensinamos" por meio dos gêneros, estamos expondo nossos alunos às diversas possibilidades de interação, mostrando as propriedades do texto e a adequação contextual, usando os textos como ponto de partida para discussões sobre temas de interesse particular e social, preparando os alunos para serem proficientes locutores e interlocutores em um mundo que é, cada vez mais, multissemiótico, multimodal e multicultural.

> (...) Ao mesmo tempo em que representa um espaço preferencial de entretenimento para crianças e jovens, ela [a história em quadrinhos] também passa mensagens que visam afetar seu comportamento, ajudando a moldar crianças e adolescentes para a futura vida adulta. (VERGUEIRO, 2009, p.160).

Diante dessa influência que a leitura dos quadrinhos exerce, abre-se a possibilidade de trabalhar através deles, na escola, os temas transversais – ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e trabalho e consumo – propostos pelos PCN. Tais temas são assim chamados por não se inscreverem em um conteúdo específico, mas sim por atravessarem todos os conteúdos curriculares da escola, proporcionando, assim, diversidade de pontos de vista sobre várias temáticas. Remetem a problemáticas da vida social, buscando colaborar na preparação do aluno/jovem/sujeito para a cidadania, para a realidade do mundo em permanente construção e para suas contradições.

Dentro do tema Trabalho e Consumo dos PCN, a dimensão do Trabalho será destacada nesta pesquisa por trazer embutida boa parte dos outros temas transversais e por ser anterior ao consumo: sem o trabalho não há o que consumir. Além disso, essa dimensão apenas já remete a aspectos bastante complexos para desenvolvimento de uma breve intervenção em sala de aula como a que aqui será apresentada. Conforme os PCN,

> (...) o trabalho pode ser definido como a modificação da natureza operada pelos seres humanos de forma a satisfazer suas necessidades. Nessa relação, os homens modificam e interferem nas coisas naturais, transformando-as em produtos do trabalho. **O trabalho, ao mesmo tempo que organiza e transforma a natureza, organiza e transforma o próprio homem e sua sociedade.** O trabalho não é uma categoria abstrata ou sem localização histórica. **Cada sociedade cria suas formas de divisão e organização do trabalho**, de regimes de trabalho e de relação entre as pessoas no e para o trabalho, além de instrumentos e técnicas para realizá-lo. Por isso varia também aquilo que é considerado trabalho e o valor a ele atribuído. (BRASIL, 1998b, p.347. Grifos nossos.).

Nos trechos destacados, é possível inferir a relação do Trabalho com o Meio Ambiente – na medida em que dele resulta a transformação do espaço, da natureza, dos meios em que o homem vive –, com a Pluralidade Cultural – já que cada sociedade o distribui e valoriza de forma diferente – e com a Ética, porque, segundo os PCN, ela deve ser "o eixo norteador [ao se trabalhar os temas transversais], por envolver posicionamentos e concepções a respeito de suas causas e efeitos, de sua dimensão histórica e política." (BRASIL, 1998c, p.25).

Falar sobre o Trabalho na escola é também trazer à tona as fragilidades sociais, principalmente no contexto brasileiro. Isso porque as relações do Trabalho revelam desigualdades sociais, étnicas e de gênero, desemprego, escravidão, descumprimento de direitos trabalhistas, falta de segurança no trabalho, etc. Este tema transversal relaciona-se de forma muito direta com o ensino formal, já que existe relação entre grau de escolaridade, salário e inclusive acesso a empregos, e também entre evasão, fracasso escolar e trabalho infantil.

Muitos ingressam na escola vendo nela uma possibilidade de acesso a condições de trabalho e, portanto, de vida, mais dignas do que as de seus pais, por exemplo. Atualmente, existem escolas técnicas que preparam o jovem de fato para uma função específica, um emprego. O ensino fundamental não toma para si essa responsabilidade, mas colabora na formação para o trabalho na medida em que "preparar os alunos para a inserção no mundo do trabalho implica intermediar para que compreendam como se dá a organização do trabalho em âmbitos local, nacional e mundial, assim como a complexa rede de direitos e valores a ele vinculados." (CALDEIRA, GONÇALVES, 2016, p.72-73).

Diante disso, os PCN afirmam que

> Na discussão sobre a relação entre escola e trabalho o que se afirma é que garantir aos alunos sólida formação cultural, favorecendo o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes de cooperação, solidariedade e justiça, contribui significativamente tanto para a inserção no mercado de trabalho quanto para a formação de uma consciência individual e coletiva dos significados e contradições presentes no mundo do trabalho e do consumo, das possibilidades de transformação. (BRASIL, 1998b, p. 344)

Para as aulas de Língua Portuguesa em relação ao Trabalho, os PCN propõem que estas devem

> fornecer o instrumental para a compreensão das informações colhidas em atividades ligadas ao tema, pelo estudo das características particulares dos textos de propaganda, da síntese informativa dos rótulos das embalagens, da complexidade da linguagem jurídica em contratos e leis, das dificuldades de leitura de manuais etc. (...)
> O trabalho didático com os conteúdos propostos deve incluir a investigação, a tentativa e o erro, a comprovação e a discussão, a explicitação e análise de valores envolvidos nas concepções e nas práticas, de forma que o aluno forme sua opinião e retire suas conclusões das experiências vividas dentro e fora da sala de aula. (BRASIL, 1998b, p.370-1)

Vale ressaltar que os PCN não vislumbram explicitamente a possibilidade de se perceber as representações do trabalho nos textos que circulam atualmente, de modo a associá-los aos conhecimentos relacionados ao trabalho geralmente oferecidos nos conteúdos de história e geografia. Há as conceituações e afirmações diversas sobre os mitos e verdades sobre as representações do Trabalho mas não há a busca de "provas", a investigação linguística, a sua constatação nos discursos sociais. Através de tal investigação, seria possível perceber as escolhas autorais e os variados recursos linguísticos para a direção do texto e seu cruzamento com os discursos correntes na sociedade.

Reitera-se aqui que os estudos desenvolvidos a partir da Linguística Textual e da Análise do Discurso contribuem para tal trabalho pedagógico, de forma que oferecem instrumental para a lida com as informações e discursos correntes relativos à esfera do Trabalho e dão ao estudante/cidadão uma consciência crítica e criteriosa diante do uso da linguagem – em especial da Língua – para a manutenção das relações sociais. Assim, ao perceber as manifestações linguísticas relacionadas ao Trabalho a partir dessas perspectivas, o estudante/cidadão é capaz de compreender melhor a complexa esfera do trabalho na qual a sociedade brasileira se insere.

Nas aulas de Língua Portuguesa, usando o hipergênero quadrinhos, é possível estimular a reflexão sobre as representações do Trabalho que circulam atualmente na sociedade, cruzando-as com as dos estudantes. Isso pode ser feito através do estudo criterioso desse gênero, destacando os recursos linguísticos e semióticos e comparando a direção dada pelo texto com os discursos correntes na sociedade.

4.2. Aspectos Metodológicos

4.2.1. Etapas da Pesquisa e Metodologia

A pesquisa se dividiu em quatro partes que, em alguns momentos, ocorreram simultaneamente: 1) Estudo de referenciais teóricos; 2) Elaboração de plano de ensino com base no referencial teórico; 3) Intervenção na sala de aula com o plano de ensino; e 4) Análise dos dados gerados a partir da aplicação do projeto de ensino.

Na parte 1, foram feitos estudos sobre fundamentos do letramento, especialmente em Soares (2003), Rojo (2004; 2013; 2012) e Kleiman (2014); sobre as teorias do texto e do discurso, marcados, na Linguística Textual, pelos trabalhos de Cavalcante e Custódio Filho (2010), Costa Val (2004) e Marcuschi (2005), e, na Análise do Discurso, por Charaudeau e Maingueneau (2016), Maingueneau (2015), Faria (2016) e Fiorin (1998); sobre o gênero quadrinhos e seu uso no ensino de Língua Portuguesa (MENDONÇA, 2005; RAMOS, 2009; VERGUEIRO, 2009), e sobre o tema Trabalho na educação escolar (BRASIL, 1998). Foram feitas também consultas virtuais sobre o panorama do trabalho nacional no sítio eletrônico do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (https://www.dieese.org.br) e em sites noticiosos, de onde foram extraídos outros gêneros textuais (notícias, reportagens e entrevistas) com temas relacionados ao trabalho usados no plano de ensino.

Para a elaboração do plano de ensino, foram também selecionadas HQ do personagem Chico Bento que tivessem de forma mais explícita o tema Trabalho em diversos aspectos: sua relação com a escola, apresentação de profissões, relações entre empregador e empregado, trabalho infantil, trabalho rural, trabalho escravo, valorização do trabalho, entre outros. Tais HQ foram extraídas de revistas Chico Bento, publicadas entre 1993 e 2002, que compõem o acervo particular da própria pesquisadora. Durante o processo de seleção, observou-se que as HQ do período mencionado apresentavam mais narrativas com o tema buscado, enquanto as mais recentes contêm temáticas que remetem à fantasia, ao universo das brincadeiras, de forma mais distanciada do tema Trabalho, o que será discutido mais adiante.

Foi confeccionada uma revistinha com todas as 12 HQ selecionadas para uso nas aulas de Língua Portuguesa e dada uma cópia colorida a cada aluno participante da pesquisa (anexo 7). Tal revistinha, embora ganhe aspecto escolarizado na medida em que foi feita exclusivamente para o uso na sala de aula, traz esse gênero textual para a escola de forma mais autêntica do que o livro didático ou mesmo as fotocópias, pois tem o formato do suporte original das historinhas em quadrinhos. Conforme defendem as teorias dos letramentos e de textos, anteriormente vistas, o suporte interfere no processo da leitura, de forma que, ao levar uma revistinha para a sala de aula, a sua leitura e seu estudo ficam menos artificiais – ler uma revistinha é mais interessante do que um texto no livro didático.

Assim, um dos desafios na elaboração do plano de ensino foi não dar à HQ o mesmo tratamento dos livros didáticos de Língua Portuguesa. De maneira geral, os quadrinhos aparecem como gênero textual a ser estudado no currículo do 6º e/ou 7º ano e nos demais anos, ou servem apenas como uma leitura complementar ou para trabalhar aspectos linguísticos. Quando aparecem como gênero a ser estudado, na posição de texto principal de uma seção, são

listados os tipos de balões de fala, as variedades estilísticas e as características que o definem como gênero (objetivos, suporte, público-alvo, uso de linguagem verbal e não-verbal, etc.). Muitas vezes, não são exploradas suas propriedades discursivas, a combinação dos elementos verbais e não-verbais para a construção do sentido, sua relação com temas contemporâneos e outros textos, sua posição no interdiscurso[3]. Foram elaboradas atividades partindo das noções acima mencionadas da Linguística Textual e da Análise do Discurso, para trabalho de leitura com as HQ. Além disso, algumas historinhas foram relacionadas a reportagens, entrevistas e notícias atuais sobre o tema Trabalho, de forma a ampliar as discussões iniciadas com a leitura dos quadrinhos. As HQ e respectivas atividades foram organizadas em 3 etapas temáticas, a saber:

Etapa 1 – Escola e Trabalho: buscou explicitar a relação entre a aprendizagem na escola e o mundo do trabalho, ressaltando a função da escola como colaboradora na formação do sujeito trabalhador.

Etapa 2 – Profissões: procurou levar a refletir sobre a diversidade de tipos de trabalho bem como a desigualdade no acesso às diversas profissões.

Etapa 3 – O Valor Social do Trabalho: tratou dos valores sociais e financeiros diferentes para trabalhos diferentes, revelando a exaltação de uns em detrimento de outros (trabalho feminino x trabalho masculino, trabalho infantil, trabalho escravo, trabalho braçal x trabalho intelectual).

Antes e depois da aplicação do plano de ensino, foram aplicados questionários diagnósticos sobre Trabalho, hábitos de leitura de quadrinhos e compreensão de tirinhas. Tais questionários foram usados como uma das referências para mensurar parte dos resultados da pesquisa. Embora não se pretenda aqui fazer uma análise quantitativa, a comparação entre os resultados dos questionários contribui para uma percepção mais objetiva dos alcances e limitações do trabalho realizado em sala de aula, como se verá mais adiante.

O plano de ensino bem como os questionários foram aplicados em duas turmas do 6º ano do ensino fundamental da E.E. Presidente Tancredo de Almeida Neves, que fica na periferia da cidade de Cláudio – MG, entre os meses de agosto e novembro de 2017. O grupo selecionado para a pesquisa compreendeu cerca de 60 alunos (mais ou menos 30 em cada sala de aula) em níveis variados de conhecimento de mundo e da modalidade escrita, de diferentes hábitos de leitura, de classes sociais diversas, com idades entre 10 e 12 anos. É interessante ressaltar que,

[3] Não se apresenta aqui uma análise detalhada que comprove isso, por não ser objetivo desta pesquisa. Mas tal fato pode ser facilmente constatado ao se verificar, por exemplo, as atividades que trazem o hipergênero Quadrinhos nas coleções "Vontade de Saber Português" (Rosimeire A. A. Tavares e Tatiane B. Conselvan, São Paulo: FTD, 2012-PNLD 2014) e "Português Linguagens" (William R. Cereja e Thereza C. Magalhães, São Paulo: Saraiva, 2015-PNLD 2017), adotadas nos últimos anos pela escola onde se aplicou o plano de ensino aqui elaborado.

como a cidade possui significativa relação econômica com o trabalho rural e o industrial, a escola recebe muitos alunos cujos familiares e conhecidos vivenciam diferentes experiências da esfera do trabalho, que variam entre desemprego, empregos informais, operários de fundição e metalúrgica, funcionalismo público e outros.

Na última parte da pesquisa, foram analisados os dados gerados a partir dos instrumentos usados, isto é, dos questionários iniciais e finais e das atividades realizadas pelos alunos durante a aplicação do plano de ensino. Tal análise consistiu em apresentação dos dados, comparação entre os resultados dos questionários iniciais e finais e associação da aplicação do plano de ensino ao referencial teórico levantado.

4.2.2. O plano de ensino

O plano de ensino teve como objetivos: desenvolver as habilidades de leitura em textos multimodais; proporcionar momentos de reflexão e discussão sobre o tema Trabalho; propiciar uma leitura criteriosa e reflexiva das histórias do personagem Chico Bento especialmente; e ampliar o conhecimento sobre o gênero HQ.

Inicialmente, o plano de ensino teria 4 etapas, sendo que a última trataria mais especificamente do trabalho rural, devido à sua importância para a vida humana (já que boa parte do que consumimos tem sua origem com esse tipo de trabalho) e ao fato de a economia da cidade de Cláudio ter certa proximidade com este setor. Porém, como as discussões surgidas a partir das atividades foram muito longas, na medida em que houve muitas contribuições dos alunos, o que também as deixou ricas, o plano se reduziu a três etapas, anteriormente mencionadas.

A primeira etapa, intitulada “Escola e Trabalho”, serviu como uma introdução ao tema Trabalho e ao estudo do gênero quadrinhos, aqui representado quase exclusivamente pela HQ. Além disso, buscou levar os alunos a refletirem sobre a relação entre escola e trabalho. No Quadro 1, estão as aulas elaboradas para a primeira parte do plano de ensino. As atividades citadas nas três etapas do plano de ensino se encontram no Caderno de Atividades (anexo 1).

As atividades 1 e 3 (Caderno de Atividades, anexo 1) foram muito longas e, como tomaram mais tempo para serem resolvidas e corrigidas, a etapa 1 durou mais do que as dez aulas previstas. Dessa forma, nas partes seguintes, procurou-se elaborar menos questões por atividade, para que as aulas não fossem cansativas e os alunos não perdessem o interesse por elas. As atividades de questões orais foram reduzidas nas etapas seguintes, pois os alunos acompanharam com mais concentração e participação as atividades a que responderam previamente por escrito.

QUADRO 1 – Etapa 1: Escola e Trabalho

Aula 1:
Perguntar aos alunos "O que a escola tem a ver com o trabalho?" e pedir que escrevam numa folha avulsa e que coloquem seu nome. Recolher. Abrir a pergunta para discussão (fazê-la a cada um para que todos tenham a oportunidade de falar.)
Fazer leitura da HQ "Trabalho em Grupo" em voz alta, sendo que cada aluno deve fazer a voz de um personagem. Se muitos alunos quiserem participar da leitura, fazê-la mais de uma vez.
Aula 2:
Perguntar para cada um (abrir um minidebate): "O que o estudante faz pode ser considerado um trabalho? Por quê?", "O que é trabalho?", "O que o título tem a ver com a narrativa da HQ?", "Existe outro tipo de trabalho em grupo? Qual?".
Entregar "Atividade 1" em uma folha fotocopiada e pedir que os alunos respondam no caderno.
Aula 3:
Correção/ conversa a partir das questões da "Atividade 1".
Aula 4:
Perguntar aos alunos: "Que matérias/assuntos estudados na escola têm mais utilidade fora dela? Por quê?", "Do que você estudou até agora, o que você acha que será mais útil para seu futuro como trabalhador?". Ouvir as respostas.
Leitura da HQ "O segredo" em voz alta, sendo que cada aluno fará a voz de um personagem.
Compreensão oral dos aspectos gerais da narrativa e do gênero. (professor pergunta, quem souber responde: Quais são os personagens? Quais os lugares onde a narrativa ocorre? Em qual parte do dia a história começa? Quanto tempo se passa do 1º ao último quadrinho? Qual é o problema mostrado no 1º quadrinho? O que foi feito imediatamente para resolvê-lo? Funcionou? Por quê? O que os alunos fizeram na escola? O que há na HQ que justifique essa resposta? Qual era o segredo do título da HQ?)
Aula 5:
Entregar "Atividade 2" em uma folha fotocopiada e pedir que respondam no caderno.
Correção da "Atividade 2".
Aula 6:
Perguntar aos alunos: "Para que serve o estudo?" Ouvir as respostas.
Leitura da HQ "Estudar é preciso" em voz alta, sendo que cada aluno fará a voz de um personagem.
Aula 7:
Entregar "Atividade 3" em uma folha fotocopiada e pedir que respondam no caderno.
Aula 8:
Correção/conversa a partir da "atividade 3".
Aula 9:
Listar no quadro, com a ajuda dos alunos, quais as profissões que Chico Bento ficou conhecendo ao longo da HQ "Estudar é preciso".
Orientar que os alunos procurem as seguintes informações sobre elas: (O professor pode pedir que todos procurem sobre todas as profissões; ou que cada um escolha uma; ou dividir a turma para que cada grupo fique responsável por uma):
a) quais matérias da escola parecem ser importantes para exercer essa profissão?
b) qual curso é preciso fazer para exercer a profissão?
c) onde esses cursos são oferecidos? Quanto custa o curso?
d) o que a pessoa faz?
e) onde esse profissional trabalha?
f) qual a importância dessa profissão para a vida?
g) quanto aproximadamente esse profissional recebe?
h) na sua opinião, o que levaria alguém a seguir essa profissão?
Aula 10:
Apresentação dos dados pesquisados pelos alunos.
Conclusão da etapa 1**:** Pedir que escrevam em uma folha a resposta que dariam à pergunta que responderam inicialmente: "O que a escola tem a ver com o trabalho?". Devolver a resposta que foi dada na aula 1 e pedir que comparem. Os alunos que quiserem, poderão comentar se mudaram a resposta ou não e por quê. Ao final, recolher as duas respostas de cada aluno.

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 2 apresenta a segunda etapa, intitulada “Profissões”, que teve como objetivos apresentar outros ofícios, levar os alunos a refletirem sobre o que leva as pessoas a assumirem determinados serviços e a pensar sobre o trabalho com o qual se identificam.

QUADRO 2 – Etapa 2: Profissões

Aula 1: Leitura da HQ “Segura, Peão” em voz alta, sendo que cada aluno fará a voz de um personagem. Passar as questões da “Atividade 4” e orientar os alunos a registrarem as respostas no caderno. **Aula 2**: Correção da “Atividade 4”. Leitura oral (e comentada) da reportagem “Jovens Peões”. Entregar “Atividade 5” em uma folha fotocopiada e pedir que respondam no caderno. **Aula 3:** Correção/conversa a partir das questões da “Atividade 5”. **Aula 4:** Leitura da HQ “O aprendiz” em voz alta, sendo que cada aluno fará a voz de um personagem. Entregar “Atividade 6” em uma folha fotocopiada e pedir que respondam no caderno. **Aula 5:** Correção/conversa a partir das questões da “Atividade 6”. **Aula 6:** Leitura da HQ “Talento pra quê?” em voz alta, sendo que cada aluno faz a voz de um personagem. Entregar “Atividade 7” em uma folha fotocopiada e pedir que respondam no caderno. **Aula 7:** Correção/Conversa a partir das questões da “Atividade 7”. **Aula 8:** Passar no quadro as questões, para orientar uma roda de conversa sobre talentos/aptidões: 1) Qual é o seu talento? 2) Para que você acha que esse talento é importante? 3) Na sua opinião, seu talento será útil para exercer alguma profissão? Qual? Por quê? Ouvir as respostas dos alunos e comentários. Entregar o “Teste de habilidades” (Atividade 8). Fazer a leitura com os alunos, pois há muitas palavras que eles podem desconhecer. Depois, comentar os resultados. **Aula 9:** Encerramento da etapa: Pedir que os alunos respondam em um papel: 1) Qual profissional (profissão) mais admira? Justificativa. 2) Qual profissão pretende seguir quando crescer? Justificativa. Recolher os papéis e pedir que comentem suas respostas.

Fonte: elaborado pela autora.

Na etapa 2, houve avanço no desenvolvimento de habilidades de leitura na medida em que se trabalhou a interdiscursividade de forma mais objetiva, comparando dois textos de gêneros diferentes com muitos elementos em comum. O Teste de Habilidades também foi uma atividade diferenciada na medida em que os alunos puderam tentar perceber as próprias aptidões, reconhecer os próprios talentos. É um texto interessante para a sala de aula porque é mais explicitamente interativo, traz uma resposta quase imediata ao fim do teste, quebrando, superando ou atendendo as expectativas do leitor.

Por fim, a etapa 3, cujo título foi “O Valor Social do Trabalho”, aprofundou para a realidade dessa esfera no país. Visou discutir sobre a influência da desigualdade social no mundo do trabalho, trazendo tópicos como a desvalorização de certos profissionais, o trabalho

escravo e o trabalho infantil, além de trazer à tona alguns dos direitos trabalhistas. Para tanto, foram usados outros textos além das HQ (uma entrevista e duas reportagens) para ampliar o conhecimento sobre a temática e para colaborar no desenvolvimento da leitura proficiente através da interdiscursividade. Como à época da aplicação do plano de ensino a chamada Reforma Trabalhista ainda estava em tramitação, a discussão se pautou nos direitos assegurados até então vigentes. Ainda assim, a reforma foi trazida para as aulas, de forma que os alunos se conscientizaram de que alguns dos direitos conquistados poderiam ser modificados. O Quadro 3 apresenta a organização das aulas para a etapa final.

QUADRO 3 – Etapa 3: O Valor Social do Trabalho

Aula 1: Roteiro para discussão inicial: 1) Na sua opinião, qual (ou quais) seria (seriam) as profissões mais importantes para a vida em sociedade? Por quê? 2) Existe algum profissional desnecessário para a vida em sociedade? Qual (quais)? Por quê? **Aula 2**: Leitura da HQ "Cascão, o Faz-Tudo" em voz alta, sendo que cada aluno faz a voz de um personagem. Entregar "Atividade 9" em uma folha fotocopiada e pedir que os alunos respondam no caderno. **Aula 3:** Correção da "Atividade 9". **Aula 4:** Leitura oral (e comentada) de entrevista com representante nacional das empregadas domésticas (Texto "O Trabalho Braçal não é valorizado", que pode ser lido na atividade 10). Entregar a "Atividade 10" em uma folha fotocopiada e pedir que os alunos respondam no caderno. **Aula 5:** Correção/discussão a partir das questões da "Atividade 10". **Aula 6:** Leitura oral (e comentada) de trecho de reportagem sobre trabalho escravo no Brasil. (Texto "O combate ao trabalho escravo está em declínio no Brasil", que pode ser lido na atividade 11). Entregar a "Atividade 11" em uma folha fotocopiada e pedir que os alunos respondam no caderno. **Aula 7:** Correção/discussão a partir das questões da "Atividade 11". **Aula 8:** Leitura da HQ "Coisas de Meninos e Meninas" em voz alta, sendo que cada aluno faz a voz de um personagem. Entregar a "Atividade 12" e pedir que os alunos respondam no caderno. **Aula 9** Correção/discussão a partir das questões da "Atividade 12". (Questões 1 e 2) **Aula 10:** Leitura oral e comentada da notícia sobre a condição da mulher no mercado de trabalho mineiro (Texto "Crise acentua preconceito contra mulheres no Trabalho", que pode ser lida na questão 3 da Atividade 12). Correção/discussão a partir das questões 3 e 4 da "Atividade 12". **Aula 11:** Leitura da HQ "Depois da aula" em voz alta, sendo que cada aluno faz a voz de um personagem. Entregar "Atividade 13" em uma folha fotocopiada e pedir que os alunos respondam no caderno. **Aula 12:** Correção da "Atividade 13". **Aula 13:** Leitura oral e comentada da reportagem sobre trabalho infantil (Texto "Trabalho Infantil atinge 2,7 milhões de crianças e adolescentes no Brasil", que pode ser lido na "Atividade 14").

Entregar a “Atividade 14” em uma folha fotocopiada e pedir que respondam no caderno. **Aula 14:** Correção da “Atividade 14”. **Aula 15:** Seminário avaliativo sobre o plano de ensino.

Fonte: elaborado pela autora.

De maneira geral, as aulas nas três etapas do plano de ensino não apresentam novidades no que diz respeito aos recursos: não foram usadas as tecnologias digitais e o espaço pedagógico se restringiu à sala de aula. Por outro lado, a diferença entre esta proposta e as demais é a forma como as atividades foram elaboradas e desenvolvidas: uma vez que a correção das atividades foi feita como um debate, uma discussão, os alunos puderam mostrar seus pontos de vista através de suas respostas às questões, refletir sobre eles, defendê-los ou modificá-los. Além disso, as questões estão ancoradas nos estudos mais recentes da Linguística Textual e da Análise do Discurso, de forma que os alunos participantes da pesquisa foram levados através das atividades a perceber as HQ nestas perspectivas, o que raramente acontece com as atividades convencionais.

Na elaboração das atividades, partiu-se especialmente dos 21 critérios para a análise de discursos, elaborados por Faria (2016), levando o aluno-leitor a compreender o texto desde a sua materialidade, isto é, dos elementos que o representam por meio da língua, de imagens e outros, passando pela sua organização, pela sua estrutura, até as suas condições de produção, recepção e existência em relação aos outros textos e discursos. Dessa forma, foram contempladas as informações explícitas e implícitas, os recursos da língua, os fatores estruturais, isto é, relativos ao gênero textual, e a relação do texto com o mundo, marcada principalmente pela relação com os discursos.

5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa foram obtidos a partir das observações feitas durante a aplicação do plano de ensino e das respostas dadas aos questionários diagnósticos (iniciais e finais).

Para registrar o conhecimento anterior dos alunos participantes da pesquisa, foram aplicados, antes do desenvolvimento da intervenção em sala de aula, três questionários, a saber: um sobre o tema Trabalho (Anexo 2), um sobre a leitura de quadrinhos (Anexo 4) e cinco sobre compreensão de quadrinhos (Anexo 5). Depois da execução do plano de ensino, foram aplicados dois questionários: um sobre o tema Trabalho, com pequenas alterações em relação ao primeiro, e um sobre a compreensão de quadrinhos. Além disso, os questionários permitiram confirmar e refutar alguns aspectos que motivaram a pesquisa. Tais aspectos serão apresentados a seguir, na análise dos dados gerados nessa etapa.

É importante considerar que a maioria dos alunos do 6º ano ingressaram na E.E. Presidente Tancredo Neves em 2017, ano da realização da pesquisa, e há, dentre os participantes, cerca de 3 alunos que são repetentes na série. Dessa forma, se pode afirmar que eles têm idades entre 10 e 12 anos. Uma vez que frequentam uma escola pública, da periferia da cidade, boa parte deles vem da classe trabalhadora.

Em relação à aplicação dos questionários sobre Trabalho e Leitura de Quadrinhos, a professora-pesquisadora fez a leitura e explicação de cada questão. Já na aplicação dos questionários cujo objetivo foi verificar as habilidades de leitura dos quadrinhos dos alunos, não foi feita a leitura nem a explicação das questões, pois isso poderia falsear os dados gerados. Solicitou-se que evitassem comentar suas respostas com os colegas durante a aplicação de todos os questionários, para que cada um respondesse a partir da própria vivência e conhecimento, sem interferência do comentário do outro. Houve colaboração dos alunos e bastante interesse em responder, uma vez que foi dito que não havia respostas certas ou erradas, mas sim, a opinião de cada um. Os alunos também foram orientados a marcar mais de uma resposta, se achassem necessário, e a não se identificarem. O número de participantes de cada questionário variou porque foram aplicados em dias diferentes e os alunos que faltaram à aula não o responderam depois.

A apresentação e a análise dos dados foram divididas em três partes, conforme os eixos principais em que a pesquisa foi organizada: tema transversal Trabalho; gênero textual quadrinhos, destacando-se o personagem Chico Bento; e habilidades de Leitura.

5.1. Do tema Trabalho

Ao se dividir o plano de ensino em três etapas temáticas, iniciadas com alguma questão sobre o tópico que a norteava, os alunos ficaram motivados a refletir, questionar, conversar e buscar informações sobre o assunto. As HQ também eram elemento de motivação, na medida em que permitiram desencadear discussões de uma forma mais lúdica e acessível.

Na primeira etapa, cujo tema norteador foi "Escola e Trabalho", as três HQ usadas ("Trabalho em Grupo", "O segredo" e "Estudar é preciso" – anexo 7) mostravam Chico na escola e fora dela relacionando o conhecimento aprendido – como a matemática, a geografia, as ciências naturais, etc. – e outras habilidades desenvolvidas lá – como dividir tarefas em um grupo – às diferentes profissões. Tais histórias influenciaram as impressões dos alunos sobre a relação entre escola e trabalho, o que foi percebido a partir das respostas a algumas questões. Por exemplo, a atividade de abertura dessa etapa foi dada pela questão "O que a escola tem a ver com o trabalho". No 6º ano I, foram recolhidas as respostas dos alunos a essa pergunta em dois momentos: antes de iniciar a etapa 1 e depois de sua conclusão. As respostas foram analisadas conforme os critérios para a análise do discurso e organizadas na Tabela 1. No primeiro momento, 33 alunos participaram e no segundo, 25. Algumas respostas apresentaram mais de um dos itens. Comparando os dois momentos, percebe-se um aumento da ideia de que há uma relação entre escola e trabalho, mas ainda sem um esclarecimento para todos os alunos sobre como essa relação acontece. Houve também a redução da ideia de que a escola prepara diretamente para o trabalho. Para além dessas alterações, as demais foram pouco significativas. Vale, porém, fazer algumas observações sobre essas respostas. Quando a relação entre escola e trabalho foi dada como condição, os alunos mostram saber que há uma relação, mas não são capazes de explicitar como a escola interfere no trabalho. Quando é dada como preparação, há um esclarecimento maior sobre o papel da escola diante do mundo do trabalho, de forma que a escola, mesmo que não profissionalize, transmite conhecimentos e desenvolve habilidades que serão úteis para o trabalhador. Quando se responsabiliza a escola por uma melhoria nas condições de trabalho, remete-se a uma relação direta e superficial, mas mais explícita, entre essas duas esferas.

Já no 6º ano II, essa parte foi feita por escrito no primeiro momento, quando 31 pessoas participaram, e oralmente no segundo. Nas respostas por escrito (vide Tabela 2), os alunos trouxeram algumas informações diferentes das que apareceram na outra turma. Viram a relação entre as duas esferas na medida em que, na cidade, algumas empresas – os bancos principalmente – costumam pedir para a escola indicação de alunos para estágio e viram na escola a função de valorização tanto da pessoa quanto do estudo, mas não relacionaram essa

valorização ao trabalho. Não mencionaram a faculdade como elo entre a escola e o trabalho, e os alunos que disseram que não há relação entre as duas esferas não justificaram. No segundo momento, os alunos que se manifestaram responderam relacionando os conteúdos estudados na escola e os comportamentos por ela exigidos ao dia a dia profissional.

Tabela 1 – O que a escola tem a ver com o trabalho? (6º ano I)

Itens observados Ocorrência de palavras que indicam intensidade/quantidade para responder à questão "O que a escola tem a ver com o trabalho?"	**1º momento (08/08/2017)**	**2º momento (29/08/2017)**
Não sei	2	0
Nada	1	1
Pouco	1	1
Muitas coisas	3	3
Tudo	4	9
Na resposta, não estabeleceram relação entre trabalho e escola.	3	2
Escola como condição para o trabalho.	9	11
Escola como preparação para o trabalho.	12	7
Escola e trabalho possuem as mesmas exigências/ pontos em comum.	7	5
Escola tem trabalhadores.	2	1
Diferencia o que se faz na escola do que se faz no trabalho.	3	0
Escola possibilita um trabalho melhor.	8	11
Escola leva à faculdade que leva ao trabalho.	1	1
Futuro é o que liga escola e trabalho.	9	10

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 2 – O que a escola tem a ver com o trabalho? (6º ano II)

Itens observados Ocorrência de palavras que indicam intensidade/quantidade para responder à questão "O que a escola tem a ver com o trabalho?"	**6º ano II (em número de alunos)**
Nada	7
Tudo	4
Escola como condição para o trabalho.	7
Escola como preparação para o trabalho.	6
Escola e trabalho possuem as mesmas exigências/ pontos em comum.	5
Escola tem trabalhadores.	3
Escola possibilita um trabalho melhor.	5
Escola indica pessoas para trabalhar no banco.	2
Escola é responsável pela valorização da pessoa e do estudo.	3

Fonte: elaborado pela autora.

Na segunda etapa, cujo eixo temático foi "Profissões", as HQ selecionadas foram "Segura, Peão", "O aprendiz" e "Talento pra quê" (vide anexo 7). A partir delas, tratou-se de profissões como peão de rodeio, agricultor, vendedor, médico, padre e professor. Porém, os alunos já haviam se atentado para os profissionais mencionados nas HQ lidas na primeira etapa, como escultor, químico, biólogo, geólogo, ecologista, zoólogo e veterinário.

O trabalho com a HQ “Segura, peão” que fala sobre peões de rodeio deu margem para a leitura de uma reportagem sobre os campeonatos nacionais e internacionais de rodeio. Foi um tema bastante pertinente pois na cidade de Cláudio se realizam pequenos campeonatos de rodeio e muitos dos jovens se identificam com a cultura do “cowboy”, gostam de andar a cavalo, usar chapéus, fivelas e botas, ouvir as músicas relacionadas às festas agropecuárias e acompanhar as provas de montaria. Além disso, a aplicação dessa parte do plano de ensino se deu no período da “Expocláudio 2017”, evento em que se comemora o aniversário da cidade com shows, exposição agropecuária e industrial e campeonato de rodeio, despertando ainda mais o interesse dos alunos, alguns dos quais mostraram grande conhecimento em relação às provas e aos peões. Os alunos também puderam perceber que a HQ e a reportagem mostraram em gêneros textuais diferentes um mesmo tema.

A Atividade 6 (Anexo 1) permitiu levar os alunos a refletirem sobre o acesso às diversas profissões. Na HQ “O aprendiz”, Chico se vê obrigado a escolher uma profissão para escrever uma redação escolar e acompanha alguns profissionais durante o fim de semana. Na história, é silenciado o fato de que nem sempre as pessoas exercem um ofício escolhido e de que não há igualdade no acesso ao mercado de trabalho. Dessa forma, muitos alunos tiveram dificuldade de perceber tais fatos, assumindo uma visão romantizada diante da entrada no mercado de trabalho ao argumentarem que depende majoritariamente do esforço pessoal, desconsiderando fatores sociais. Tal visão revela a assimilação de um discurso dominante, que vem da classe dominante, justificando que os ricos o são por terem se esforçado mais do que os outros – os pobres. (FIORIN, 1998).

Com a HQ “Talento pra quê?”, os alunos acompanharam a busca pela aptidão de Chico, que acaba sendo descoberta no que ele já faz: ajudar o pai nas tarefas da roça. Fica implícito na história que a capacidade das pessoas está limitada a seus talentos. O talento do personagem foi associado pelos alunos às profissões de roceiro, fazendeiro, agricultor e veterinário. A partir disso, os alunos foram questionados sobre a relação entre talento e profissão. Neste caso, conseguiram perceber que as habilidades requeridas para determinados ofícios podem ser desenvolvidas tanto através da prática quanto do estudo em escolas técnicas e cursos superiores e que a aptidão pode ajudar, mas não define seu futuro profissional.

Na atividade final da etapa, foi feita a leitura comentada de um teste vocacional (vide Atividade 8, Anexo 1) com eles – uma vez que aparecem muitas palavras que eles desconheciam – e eles registraram as respostas. Os alunos se mostraram muito interessados no teste, uma vez que remetia ao autoconhecimento.

A última etapa, “O valor social do trabalho”, foi mais carregada tematicamente, já que foram discutidas questões sobre as relações trabalhistas, a desvalorização especialmente do

trabalho braçal e o trabalho infantil. Para tanto, as HQ “Cascão, o Faz-tudo”, “Coisas de Meninos e Meninas” e “Depois da aula” (anexo 7) foram associadas a entrevistas, reportagens e notícias. Dessa forma, houve uma evolução no desenvolvimento das habilidades de leitura partindo dos textos figurativos aos não-figurativos. Segundo Fiorin, (1998, p.24-5)

> O discurso figurativo é a concretização de um discurso temático. Para entender um discurso figurativo é preciso, pois, antes de mais nada, apreender o discurso temático que subjaz a ele. Ir das figuras ao tema é o que fazemos quando perguntamos: qual é o tema deste texto; de que trata ele?
>
> Quando falamos em textos figurativos ou não-figurativos, estamos falando em predominância e não em exclusividade. Não existem textos exclusivamente figurativos ou temáticos. Um texto figurativo é aquele construído predominantemente com figuras, enquanto um texto temático é organizado basicamente com temas.
>
> Nos textos não figurativos, a ideologia manifesta-se, com toda clareza, no nível dos temas. Nos textos figurativos, essa manifestação ocorre na relação temas-figuras. (...)

Assim, os quadrinhos podem ser considerados textos predominantemente figurativos enquanto a entrevista, a reportagem e a notícia, por explicitarem os temas, estão mais para os textos temáticos, embora apresentem também certas características de textos figurativos. Ao se fazer esse paralelo, foi possível trazer as discussões para a sala de aula com uma linguagem acessível aos alunos que estão iniciando a segunda parte do ensino fundamental.

A terceira etapa, portanto, foi bastante rica em conversas e constatações sobre aspectos controversos do tema Trabalho. No primeiro momento, foi levada uma entrevista com a representante nacional das trabalhadoras domésticas (Atividade 10 – Anexo 1), em que ela falava dos direitos diferenciados dessa categoria profissional em relação a outras, além da desvalorização do trabalho braçal. Na HQ à qual a entrevista foi associada, Cascão fez uma série de trabalhos braçais. Os alunos tiveram dificuldades em definir esse tipo de trabalho a partir dos textos, pois tentavam defini-lo pela quantidade de esforço físico, sendo que o esforço físico grande ou pequeno já é considerado trabalho braçal. Foi necessário, para esclarecer o tópico, fazer a oposição entre o trabalho braçal e o intelectual. Perceberam a desvalorização do personagem Cascão na HQ por ter realizado o trabalho braçal, bem como a difícil relação entre o menino e Cebolinha, na hora em que este aparece como patrão e o trata como se fosse superior por estar pagando por um serviço. Também conseguiram assimilar as situações colocadas na entrevista especificamente sobre as condições de trabalho das domésticas, comentando sobre as mães, tias e conhecidas que trabalham neste ofício, verificando se nos casos delas as leis tinham sido cumpridas, o que se assemelhava com as informações obtidas com a leitura da entrevista.

Já em relação à reportagem sobre o declínio do combate ao trabalho escravo no Brasil (Atividade 11 – Anexo 1), os alunos foram capazes de identificar sem muita dificuldade as

situações caracterizadas como análogas à escravidão bem como a necessidade de se combatê-las. Ao comparar a reportagem à HQ "Cascão, o Faz-tudo", alguns alunos identificaram a situação similar ao trabalho escravo no momento em que Cebolinha para pagar Cascão informa que o serviço por ele prestado foi o pagamento de uma dívida, além da coerção para o menino arrumar o quarto (Cebolinha ameaça chamar o pai), enquanto outros não perceberam esse tipo de trabalho na medida em que Cascão não foi forçado a trabalhar de forma explícita.

Sobre a relação entre gênero e trabalho, levantada a partir da HQ "Coisas de meninos e meninas", muitos alunos a princípio viram que há uma injustiça no que tange às mulheres no mercado de trabalho e perceberam a atitude preconceituosa de Cebolinha ao se irritar quando, na brincadeira, Mônica escolhia profissões que estavam longe da que ele esperava: dona de casa. Constataram, em seus comentários, a jornada dupla do trabalho feminino, uma vez que a mulher ainda é a responsável pelos trabalhos domésticos – como limpar a casa, cuidar dos filhos, cozinhar. Porém, na última questão da Atividade 12, muitos afirmaram haver trabalhos próprios para o homem e outros próprios para a mulher, não só considerando a diferença fisiológica – homens são geralmente mais fortes fisicamente, de forma que os trabalhos que exigem maior esforço físico não seriam apropriados para as mulheres –, mas determinando que a função do homem é prover a casa e a da mulher é cuidar da família. Isso revela a influência de outros discursos no dos estudantes, na medida em que "a consciência é formada pelo conjunto de discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida. O homem aprende a ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala" (FIORIN, 1998, p. 35).

O trabalho infantil foi para os alunos um tema polêmico e delicado, uma vez que é recorrente o discurso de que "é melhor trabalhar do que roubar" e, portanto, muitos já têm na família – ou eles mesmos são – trabalhadores mirins. Assim, foi difícil para eles considerar que a situação de Chico Bento e Cascão nas HQ feriam a lei, já que os personagens têm sempre 7 anos e, no caso da HQ "Depois da aula", os estudos de Chico ficaram prejudicados devido ao excesso de trabalho. Apresentaram também alguma dificuldade em diferenciar o trabalho escravo do trabalho infantil, de forma que afirmavam que certos serviços realizados por menores de 14 anos não poderiam caracterizar-se como trabalho infantil porque não eram trabalhos forçados. Por outro lado, trouxeram à tona um fato importante em relação a esse aspecto: os artistas mirins, especialmente os da TV. É uma contravenção também? A questão ficou sem resposta e, conforme uma pesquisa superficial realizada na internet[4], não há realmente um consenso sobre a questão.

[4] Ver artigo "Trabalho infantil na televisão sob a ótica jurídica", de Cleia Fidunio, disponível em <https://jus.com.br/artigos/28669/trabalho-infantil-na-televisao-sob-a-otica-juridica> (acesso em 15/01/2018).

Antes e depois do desenvolvimento do plano de ensino em sala de aula, foram aplicados questionários sobre o tema Trabalho. A comparação entre as respostas dadas nos dois momentos colabora para a análise de dados e a verificação dos resultados do trabalho realizado.

Os questionários sobre a temática transversal Trabalho foram elaborados a partir dos tópicos concernentes ao tema abordados nos PCN. Esses questionários também permitiram confirmar e refutar algumas hipóteses que motivaram a pesquisa, a saber: 1) Os alunos possuem pouco conhecimento sobre o assunto; 2) Os alunos se interessam por essa temática; 3) Os alunos não veem muita relação entre escola e trabalho; e 4) Os alunos reproduzem os discursos dominantes e o senso comum a respeito do trabalho. O questionário possibilitou ainda responder a algumas questões, como "qual a definição de trabalho corrente entre os alunos" e "quais as impressões o mundo do trabalho causa a esses estudantes", além de conhecer a realidade profissional dos pais desses alunos. Responderam ao questionário inicial 69 alunos (35 do 6º ano I e 34 do 6º ano II) e ao final 65 alunos (33 do 6º ano I e 32 do 6º ano II).

Para responder aos dois questionários, nas questões 1 e 2, os alunos foram orientados a marcarem mais de uma alternativa, se achassem necessário para expressar seu ponto de vista. Como os questionários remetiam a opiniões sobre o Trabalho, não havia respostas "certas" ou "erradas", de forma que os alunos pesquisados foram levados a refletir sobre o tema antes e depois de participarem do plano de ensino, trazendo para a escola suas impressões e vivências. Dessa forma, a sua aplicação contemplou a orientação dos PCN ao sugerirem que "a abordagem didática deve considerar os conhecimentos, procedimentos e valores dos educadores e alunos, de forma a favorecer a capacidade de pensar compreensivamente sobre eles, criando espaços de trabalho pedagógico na sala de aula, na escola (...)". (BRASIL, 1998b, p. 363). A seguir, serão apresentados os dados obtidos e sua análise, comparando os resultados dos questionários inicial (Anexo 2), que foi aplicado em maio, e final (Anexo 3), aplicado em novembro.

Em relação à noção de "trabalho" (ver Tabela 3), houve considerável alteração do questionário inicial para o final. Vale ressaltar que na última aplicação, responderam marcando menos opções, revelando que o conceito subjetivo de trabalho passou a ser mais definido e menos amplo. Nos dois momentos, a maioria dos alunos marcou a opção do Trabalho como "conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado objetivo" e poucos marcaram aquela que o define como "tortura, castigo", que remete à origem da palavra. A definição dada pelos PCN, "Modificação da natureza pelo ser humano de forma a satisfazer suas necessidades", foi escolhida apenas por 10 alunos, nos dois momentos, certamente devido à distância percebida por eles entre Trabalho, natureza e necessidades humanas. Tal relação existe, mas, na organização de trabalho atual, se dá de forma bastante indireta. Assim, cabe à escola explicitar essas relações. Por meio dos dados agora analisados,

parece que o plano de ensino não conseguiu deixar essa relação clara ou ficou confirmado que os "conhecimentos iniciais, extraescolares e apreendidos de modo informal são muito persistentes" (BRASIL, 1998b, p.363).

Tabela 3 – Respostas à questão 1 (em número de alunos)

Qual das opções abaixo melhor define TRABALHO?	Inicial	Final
Conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado objetivo.	50	28
Forma de garantir o sustento, a sobrevivência.	37	24
Esforço feito pela pessoa.	35	28
Atividade profissional regular remunerada ou assalariada.	23	25
Qualquer atividade exercida pelo ser humano.	21	13
Modificação da natureza pelo ser humano de forma a satisfazer suas necessidades.	10	10
Tortura, castigo.	3	1

Fonte: elaborado pela autora.

A questão 2 (vide Tabela 4) remete a possíveis visões sobre as relações de trabalho na cidade onde os alunos vivem, Cláudio, interior de Minas Gerais, no questionário diagnóstico inicial, e de maneira geral, no questionário diagnóstico final. Durante a leitura das opções, alguns fizeram comentários, e foi possível perceber que, para marcar se as afirmações dadas procediam ou não, muitos pensaram sobre a situação dos trabalhadores com quem convivem (pais, irmãos, vizinhos, parentes) e nas informações obtidas pela televisão. Assim, no primeiro momento, a maioria (49) considerou verdadeira a informação "Os jovens fazem muitos cursos profissionalizantes para trabalhar", pois seus irmãos, primos e vizinhos jovens frequentam o SENAI, a UEMG e outros cursos profissionalizantes oferecidos pela prefeitura da cidade. Já no segundo momento, esse número reduziu (37), revelando que muitos percebem a situação da própria cidade como diferente do panorama geral. Pensando nos pais, tios e nas próprias escolas – já que alguns perguntaram se quem trabalhava na escola era funcionário público – as afirmações "Grande parte das pessoas são funcionários de empresas e/ou do serviço público", "Muita gente abriu o próprio negócio, mesmo que pequeno" e "A maioria dos adultos são operários de indústrias e fundições" foram consideradas verdadeiras por boa parte dos alunos na primeira aplicação. Mas, ao pensar na situação para um espaço mais amplo, houve redução considerável nos números para os três itens. Já a opção "Há muitos desempregados" foi considerada verdadeira por praticamente a mesma quantidade de alunos nos dois momentos, certamente em associação ao discurso midiático sobre o desemprego no Brasil, uma vez que os próprios alunos revelam na questão 6 (sobre o emprego dos pais) um maior índice de emprego do que de desemprego. Isso confirma a afirmação dos PCN: "[Os estudantes] trazem um conjunto de representações acerca da sociedade e sobre a posição que nela ocupam a partir da

verificação das condições familiares e da comparação com outras realidades com as quais entraram em contato diretamente ou pela mídia." (BRASIL, 1998b, p. 344-5). Foram acrescentadas ao questionário final 3 afirmações que remetem a discussões feitas durante a aplicação do plano de ensino. Em relação ao total de alunos que responderam a esse questionário (65), poucos alunos (15) consideraram verdadeiro o fato de que muitos trabalhadores não têm a carteira assinada, revelando que a maioria – mais de 75% – acredita no cumprimento da lei trabalhista. Em relação aos dois últimos itens, a maioria também mostrou ver forte relação entre o curso superior e o acesso ao mercado de trabalho.

TABELA 4 – Respostas à questão 2 (em número de alunos que consideraram as declarações verdadeiras)

Como você percebe as relações de trabalho atualmente?	Inicial (na cidade)	Final (de maneira geral)
Os jovens fazem muitos cursos profissionalizantes para trabalhar.	49	37
Grande parte das pessoas são funcionários de empresas e/ou do serviço público.	45	21
Muita gente abriu o próprio negócio, mesmo que pequeno.	38	23
A maioria dos adultos são operários de indústrias e fundições.	31	23
Há muitos desempregados.	31	28
As famílias se sustentam da própria terra, ou seja, da agricultura e da criação de animais.	9	13
Os filhos seguem as profissões de seus pais.	3	11
Há muitos trabalhadores sem carteira assinada.	-	15
Poucas pessoas precisam de um curso superior para trabalhar.	-	8
Há mais empregos para quem não possui curso superior.	-	11

Fonte: elaborado pela autora.

A questão 3, do questionário inicial, traz uma mazela do trabalho no Brasil, que é a supervalorização de alguns serviços em detrimento de outros. Foram dadas 8 profissões as quais os alunos deviam ordenar, sendo a primeira aquela mais "importante" socialmente e a última, a menos "importante". Houve alunas no 6º ano I que se sentiram incomodadas ao fazer essa questão, não aceitavam a ideia de haver um trabalho "melhor" do que o outro. No 6º ano II, houve um ou dois alunos que disseram que com certeza o professor ficaria em 8ª posição e foram contestados por outros (um ou dois também), que afirmaram que, até para ser gari, as pessoas precisavam ter um professor. Houve alunos do 6º ano II que perguntaram se na profissão "cozinheiro" poderia ser considerada a mãe, já que ela cozinha em casa. Nas duas turmas, foi necessário explicar o que fazem o gari, o operário, o arquiteto e o psicólogo, bem como a parte do enunciado "valor para a sociedade" (que foi esclarecida como qual faz mais

falta para a vida na sociedade, qual você considera mais importante). Nas duas turmas, as profissões “médico” e “gari” foram as mais indicadas, respectivamente, para as posições 1 e 8. No 6º ano II, a profissão “médico” e “professor” foram indicadas pela mesma quantidade de alunos (14) para a primeira posição.

Por causa das várias possibilidades de sentido presentes na ideia de “valor do trabalho”, no questionário final, essa questão foi dividida em duas (vide questões 3 e 5 do Anexo 3): em uma, solicitou-se que o aluno dissesse qual é a profissão mais importante para a sociedade e na outra, trocou-se a expressão “valor” por “salário”, foi mantido o exercício de ordenar as profissões e pediu-se um comentário do aluno sobre a relação entre o salário e o valor social. Na questão 3, a profissão “Professor” foi indicada 25 vezes como a mais importante e, quando havia justificativa, dizia-se que era por ensinar as outras profissões ou porque as pessoas não nascem sabendo; “Médico”, 24 vezes, por salvar vidas e curar doentes; “Prefeito”, “Presidente” e cargos políticos, 11 vezes, por terem o poder de decisão sobre a vida de muitas pessoas; “Policial”, 6 vezes, por garantir a segurança e defender a população dos bandidos; “Agricultor” e “Trabalhador rural”, 5 vezes, porque é responsável pelos alimentos vendidos no mercado; “Faxineira” e “Doméstica”, 5 vezes, e “Gari”, 6 vezes, por manterem o ambiente limpo; e “Protetor ambiental”, 2 vezes, por evitarem a destruição da natureza. Sem justificativas, apareceram as profissões Trabalhador de fundição, 6 vezes, e, citadas no máximo 3 vezes, as seguintes: arquiteta, secretária, cientista, enfermeiro, pedreiro, engenheiro, vendedor, gerente de empresa, jogador de futebol, advogado, veterinária, carpinteiro, sindicalista. Parece ter havido, nas respostas, alguma influência dos temas discutidos na sala de aula, bem como uma necessidade de destaque para profissionais cujo salário é desvalorizado.

Na questão 5, “Jogador de futebol” foi colocado por 35 alunos como o que recebe mais e “empregada doméstica” por 23 alunos como a que recebe menos. Na parte final da questão, 22 responderam que acham justos os pagamentos dados a cada profissional; 25, injusto; 15 ponderaram que alguns são justos e outros não e 3 não comentaram. Alguns alunos, em seu comentário, se mostraram solidários à situação das domésticas (certamente devido a uma entrevista com a representante do sindicato das domésticas, lida e comentada em aula) e à das professoras, pois vivenciam e acompanham o trabalho delas. Outros, porém, afirmaram que os valores são todos adequados, que indicam o merecimento da profissão, nas palavras deles: “porque uns trabalhos são pesados e uns são fáceis”, “porque eles escolheram essas profissões”, “se ele está ali é porque quis e gostou por conta da própria função”, “porque cada um ganha aquilo que merece”, etc. Assim, se comprova a diferença de perspectivas dos alunos sobre os valores do trabalho: embora venham de uma classe trabalhadora (como veremos), assumem facilmente o discurso dominante sem muita criticidade ou reflexão. Segundo Fiorin (1998, p.

43), “A formação discursiva dominante é a da classe dominante. [Assim], o indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale.”

A questão 4, dos dois questionários, verificou o conhecimento sobre os direitos dos trabalhadores. Nas respostas dadas, conforme a Tabela 5, em que estão escritas as expressões usadas pelos alunos, percebe-se que no primeiro momento, alguns deles não distinguiam direitos e deveres legais, uma vez que listaram “direito de ser feliz” e “direito de não faltar no serviço”, por exemplo. Por outro lado, alguns também mencionaram a exploração trabalhista, a escravidão e a saúde do trabalhador, revelando a noção de dignidade no trabalho. De maneira geral, as respostas a essa questão mostraram que esses alunos tinham um conhecimento vago e superficial sobre os direitos trabalhistas. No primeiro questionário, os direitos mais mencionados foram o recebimento de salário, as férias e descanso semanal remunerado. Já no segundo questionário, os alunos revelaram uma ampliação de seus conhecimentos sobre os direitos trabalhistas, pois houve um aumento significativo de citação dos direitos discutidos durante a aplicação do plano de ensino, tais como a aposentadoria, a carteira assinada e o seguro-desemprego. Como nenhum aluno respondeu que “não sabia” no segundo questionário, além das respostas anteriormente comentadas, pode-se dizer que o trabalho pedagógico foi bem-sucedido na função de conscientizar sobre os direitos trabalhistas, mesmo que a discussão não tenha sido muito aprofundada, já que não foram usadas as leis propriamente ditas.

Tabela 5 – Respostas à questão 4 (em número de alunos)

Quando se trabalha, a pessoa tem alguns direitos. Escreva um desses direitos.	Inicial	Final
Receber, ganhar seu/o/um salário mínimo, dinheiro, pagamento/ receber bem, um bom salário/ Salário em dinheiro /não receber menos que o salário mínimo/ salário digno	29	26
Não sei.	12	0
Férias/escolher o dia para tirar férias.	12	41
Respeito/ser respeitado e respeitar os outros/não ser maltratado/educação dos patrões.	10	1
Dormir/descansar à noite/ não trabalhar o dia todo e nem nos feriados/descansar/folga/ Descanso semanal / férias sábado e domingo/ não trabalhar final de semana	6	12
Carteira de trabalho assinada.	3	48
Aposentar/aposentadoria.	3	20
Pegar atestado/quando estiver doente pegar atestado se não seria escravidão/ licença-maternidade/ (atendimento) médico/ desconto na consulta, pegar remédio na farmácia com desconto/ licença médica/ licença por luto	5	29
Almoçar/uma hora de almoço.	2	0
Ser feliz.	2	0
Seguro-desemprego.	1	24
Ir ao banheiro.	1	0
Fazer hora-extra/ receber hora-extra	1	25
Não faltar do serviço.	1	0

Décimo-terceiro salário.	1	10
Não ser explorado/carga horária que não seja exaustiva	1	2
Férias prêmio	0	1
INSS	0	1
PIS	0	1
Pó-de-giz	0	1
Direitos iguais para todos os trabalhadores e trabalhadoras	0	2
Sindicato	0	2
Previdência	0	3

Fonte: elaborado pela autora.

A questão sobre as impressões dos alunos em relação a afirmativas sobre o trabalho revelou que muitos ainda veem o tema como um assunto sem contradições, sem divergências entre a lei e a prática, como se percebe nos dados da Tabela 6. Em relação ao trabalho infantil, revelaram algum discernimento, na medida em que a maioria considerou imprópria a venda de picolés por crianças, mas adequado a criança ajudar em casa com tarefas como arrumar a própria cama. Por outro lado, revelaram certa ingenuidade ao considerarem verdadeiras a possibilidade da mobilidade social através do trabalho, a inexistência do trabalho escravo atualmente e a igualdade de acesso ao mundo do trabalho. Mais uma vez, percebe-se aqui uma assimilação do discurso veiculado pelas classes dominantes constatado por Fiorin (1998) e a dificuldade de se modificar o conhecimento adquirido fora da escola, conforme afirmam os PCN (BRASIL, 1998). Chama a atenção a dissociação entre o grau de estudo e a remuneração, na medida em que menos de um terço considera verdadeira a ideia de que "quanto maior o seu grau de estudo, mais alto será o seu salário". Apesar disso, uma das opções que teve maior número de marcações foi "Quanto maior o seu grau de estudo, melhor será seu trabalho", ou seja, esses alunos não vinculam um alto salário ao que consideram um bom trabalho.

Tabela 6 – Respostas à questão sobre mitos do trabalho (em alunos)

Muitas coisas são ditas na sociedade sobre o TRABALHO. Marque com um xis (X) as frases que você considera verdadeiras.	Inicial	Final
Quando uma criança de 10 anos ajuda no trabalho doméstico (arrumando a própria cama, por exemplo), ela não prejudica seus estudos.	53	46
Quanto maior o seu grau de estudo, melhor será seu trabalho.	51	49
É possível um pobre se tornar rico através de muito trabalho.	48	49
Todas as pessoas, ricas, pobres, negras, brancas, homens, mulheres, podem exercer o trabalho que escolherem.	36	46
Atualmente, não existe mais o trabalho escravo.	33	25
Quem trabalha é mais feliz do que quem não trabalha.	27	31
Todos os que trabalham recebem pelo menos um salário (R$937,00).	23	37
Quanto maior o seu grau de estudo, mais alto será o seu salário.	20	23
Quando uma criança de 10 anos trabalha vendendo picolé, ela não prejudica seus estudos.	10	13

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme as respostas dadas às questões 6 e 7 do diagnóstico inicial (Anexo 2), foi possível conhecer um pouco sobre a vida profissional dos pais/responsáveis dos alunos bem como suas expectativas em relação ao trabalho. As respostas à questão 6 (vide Tabela 7 – foram transcritas as repostas dos alunos) comprovam a afirmação anterior sobre a classe social da qual os alunos procedem. Quase metade dos pais/responsáveis (41 pessoas de um total de 110 informados, que incluíram pais, mães, avôs, avós, tios e padrastos) trabalham como operários de fundições e metalúrgicas e um terço das mães (19 mulheres de um total de 55 mães) trabalham em serviços domésticos, na própria casa. Neste caso, é interessante observar que alguns alunos, ao informar o trabalho da mãe, usam expressões como "não trabalha", revelando que não consideram os afazeres domésticos como trabalho.

Tabela 7 – Trabalho dos pais/responsáveis

Pai		**Mãe**	
Trabalho	Quantidade de pessoas	Trabalho	Quantidade de pessoas
operário de/ em fundição/ metalúrgica/ moldador/ empresa particular	30	em casa/ do lar/ trabalho doméstico/ desempregada/ não trabalha/ não está trabalhando/ não está a trabalho/ nenhum	19
pedreiro	9	faxineira/ limpeza/ em casa de família/ empregada doméstica/ arrumando casa	12
caminhoneiro/carreteiro/transportador	5	operária "de fundição"/ metalurgia/ embalagem	9
servidor público/ trator/ máquinas/ copasa	4	cozinheira/ cozinheira na escola	3
Eletricista	2	comércio/ "vende sorvete"	2
Vendedor	2	babá "olha a Lívia depois da creche/ cuida de bebês"	2
taxista	1	supervisora de escola/ professora	2
lanterneiro	1	secretária	2
aposentado	1	Costureira	1
pintor	1	manicure	1
dono de lanchonete	1	padeira	1
não trabalha	1	dona de lanchonete	1
Outros			
(Padrasto) operário de fundição	2	(Padrasto) funcionário público	1
(Avó) comerciante (própria sorveteria)	1	(avó) desempregada	1
(Avô) operário da fábrica de cerveja	1	(tio) operário de fundição	1

Fonte: elaborado pela autora.

Já na questão 7, quando se pergunta sobre a intenção da profissão do aluno, apenas um ou outro respondeu que pretende seguir a profissão do pai. Por outro lado, um número considerável registrou interesse em ser professor (11 de 69 alunos), certamente, seguindo as referências escolares que têm. Há também algumas profissões que se relacionam aos sonhos e

aptidões dos alunos (veterinário, provavelmente pelo amor por animais, bichinhos de estimação em especial; piloto de corrida, por gostar de carros; cantor, por querer fazer sucesso, por exemplo) e outras mais modestas, sem muita perspectiva de um futuro diferente da vida profissional dos pais (como caminhoneiro, operário, entregador de pizza). Na última parte dessa mesma questão, em que apontam o que será preciso para exercer a profissão escolhida, é quase consenso entre os alunos a necessidade de se estudar para alcançar as profissões desejadas – 56 marcaram que precisarão de curso técnico ou superior. Vale observar também que cerca de um terço acredita que precisará de dinheiro e/ou mudar de cidade para trabalhar. Podem-se levantar duas hipóteses para isso: a crença no desemprego alto na cidade e/ou a falta de campo para atuação.

Tabela 8 - Respostas à questão "Qual profissão você quer exercer?"

Trabalho	Quantidade de pessoas	Trabalho	Quantidade de pessoas
professor/a	11	veterinário/a	9
policial/soldado do exército	9	não sabem	6
médico/a	5	Advogada	4
jogador de futebol/vôlei	4	arquiteto/a	3
engenheiro/a	3	psicólogo/a	3
Cientista	2	piloto de corrida	2
viajante/caminhoneiro	2	Cantor	2
operário de fundição	1	Desenhista	1
cabelereiro	1	Empresário	1
operário de construção	1	Nutricionista	1
Youtuber	1	tecelão de cadeira	1
piloto de avião	1	Contador	1
entregador de pizza	1	manicure/pedicure	1
Dançarino	1	Dentista	1

Fonte: elaborado pela autora.

Diante da análise dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário diagnóstico sobre o tema Trabalho, ficou reafirmada a importância de se desenvolver aulas pautadas neste tema. Isso porque ficou evidente que os alunos já têm algum conhecimento sobre o assunto, mas é necessário aprofundar e esclarecê-lo mais, de forma a desenvolver o raciocínio crítico dos estudantes diante dos discursos a que estão expostos, bem como em relação ao mundo do Trabalho no Brasil, que é bastante complexo. O questionário final revelou que o plano de ensino contribuiu bastante nas informações relativas especialmente aos direitos trabalhistas e um pouco sobre as controvérsias existentes na esfera do Trabalho, no que tange ao valor social, aos salários, às desigualdades no acesso às profissões, ao trabalho infantil e escravo.

5.2. Do conhecimento sobre Quadrinhos

A leitura de todo gênero textual requer conhecimentos prévios, inclusive do próprio gênero. Por exemplo, quando se vai ler uma notícia, já se sabe o que esperar do texto: fatos reais, informando o que aconteceu, onde, quando, como, porquê, etc. Quando se vai ler uma história em quadrinhos, se esperam geralmente fatos fictícios ou ficcionalizados, narrados por desenhos algumas vezes combinados com linguagem verbal, em sequência de quadros, etc. Assim, no que tange ao gênero quadrinhos, a pesquisa na escola se compôs de duas partes: a verificação do conhecimento dos alunos sobre o gênero, através do questionário, e o desenvolvimento de atividades em sala de aula que ampliaram tal conhecimento, através do plano de ensino.

O questionário sobre a relação dos alunos com histórias em quadrinhos (Anexo 4) foi elaborado a partir de aspectos de recepção e circulação desse gênero textual. Sua aplicação teve como objetivo verificar como os alunos participantes da pesquisa percebem a própria leitura dos quadrinhos. Esse questionário permitiu confirmar e/ou refutar algumas suposições da pesquisa, a saber: 1) Os alunos valorizam mais a linguagem verbal do que a não-verbal nos quadrinhos; 2) Os alunos se interessam por esse gênero; 3) Os alunos conhecem majoritariamente os personagens nacionais; e 4) Os alunos atribuem aos quadrinhos somente a função do entretenimento. Possibilitou também conhecer a relação dos alunos com esse tipo de leitura, reunindo informações sobre os lugares e períodos em que têm acesso aos quadrinhos.

Desde o início do ano letivo de 2017, a pesquisadora/ professora de português tem levado mensalmente revistinhas em quadrinhos para leitura livre em sala de aula. Os alunos também vão semanalmente à biblioteca da escola, onde têm acesso a livros literários e obras adaptadas para os quadrinhos.

Foi necessário repetir muitas vezes que o questionário se limitava à leitura dos quadrinhos, já que muitos perguntavam se “o livro ‘O diário de um banana’ conta” na pesquisa ou se “o livro que pegamos na biblioteca toda semana” podia ser incluído, quando refletiam sobre suas respostas. Em todas as questões, havia também um espaço livre para comentários, caso o estudante achasse necessário justificar ou explicar suas respostas. Isso foi feito porque alguns alunos sentiram a necessidade de explicar suas respostas no questionário sobre o Trabalho, mas não havia espaço adequado. Responderam ao questionário sobre leitura de quadrinhos 71 alunos (36 do 6º ano I e 35 do 6º ano II). Os números nos quadros de respostas abaixo indicam a quantidade de alunos que marcou cada opção.

A questão 1 trata sobre os lugares onde têm acesso às revistinhas em quadrinhos. Embora não se possa afirmar que seus pais/responsáveis comprem as revistinhas, a própria casa

e a escola foram os locais mais indicados para essa leitura. Os outros lugares acrescentados pelos alunos, bem como os comentários escritos[5] que foram feitos, apontam para uma associação entre a leitura dos quadrinhos e o lazer.

Tabela 9 – Questão 1

Onde você costuma ler revistas em quadrinhos?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Em minha casa.	23	23	46
Na casa de amigos.	6	6	12
Na escola.	27	18	45
Na biblioteca (escolar e/ou municipal).	12	2	14
Outro lugar: casa da avó, viagens, na casa de familiares, na roça, casa de tios, no campo, na calçada, na praça.	9	5	14
Comentários (6º I): - Não costumo ler. - Quando não tem internet eu leio umas 4 revistinhas. - Amo ler história. É muito bom. - Porque na roça do meu avô não tem internet. - Eu leio as revistas na escola Madre [escola dos anos iniciais do ensino fundamental]. - Eu leio revista em quadrinhos porque a professora traz. - Eu não costumo ler, mas às vezes leio na escola. - Pois lá são ótimos lugares e calmos.			
Comentários (6º II): - Costumo ler na hora de dormir, quando não estou com sono. - Porque na minha casa não tem histórias em quadrinhos. - Mas eu leio de vez em quando pois tenho que estudar.			

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já a questão 2, tratou da frequência com que tal leitura é realizada. Os comentários revelaram que alguns veem a leitura dos quadrinhos como perda de tempo ou como uma opção para a ausência da internet, o que pode estar vinculado à ideia de que tal leitura está associada ao lazer (em oposição à aprendizagem). As respostas também trouxeram com mais precisão a quantidade de leitores de quadrinhos dentre o grupo pesquisado: 48 alunos afirmaram ler quadrinhos todos os dias e/ou às vezes, enquanto 25 leem raramente e/ou nunca. A partir destes dados, pode-se afirmar que o grupo pesquisado tem hábito de leitura de quadrinhos.

Tabela 10 – Questão 2

Com qual frequência você lê revistas em quadrinhos?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Todos os dias	3	-	3
Às vezes.	22	23	45
Raramente.	11	10	21
Nunca.	2	2	4

[5] Os comentários dos alunos transcritos nas tabelas foram ortograficamente corrigidos, uma vez que não é objetivo desta pesquisa averiguar o conhecimento ortográfico dos alunos. Foram mantidas as expressões de informalidade (como “tô”, “pra”, “tipo”, etc.).

Comentários (6º I): - Eu leio quando eu estou com tempo. - Quando não tem internet ou quando meu celular descarrega. - Não tenho revistas, a única que tenho é velha. - Mais ou menos uma, duas vezes na semana. - Quando a professora traz pra sala. - Não leio todos os dias porque não tenho muitas revistinhas. - Um dia sim, um dia não. - Em finais de semana. - Na minha vizinha, as que tenho em casa e as que a professora traz. - Me inspiro mais nos livros. - Eu gosto muito de ler HQ.
Comentários (6º II): - Quando a professora traz/empresta. - Quando não estou com sono e quando não tem nada pra fazer. - Quando eu tenho tempo para ler em casa. - Raramente porque eu leio para perder tempo. - Quando pego na biblioteca. - Eu leio quando eu tô fazendo nada. - Pois tenho muitas outras coisas para fazer.

Fonte: elaborado pela autora.

A questão 3 investiga o conhecimento e as preferências sobre os personagens de quadrinhos. Os nacionais foram os mais indicados, embora alguns alunos revelem conhecer outros internacionais. Tais dados podem ser justificados pelo fato de os personagens de Maurício de Sousa e de Ziraldo trazerem um contexto próximo dos alunos brasileiros, com situações cotidianas e que remetem ao conhecimento de mundo deles. Já as histórias dos demais personagens exigem um conhecimento prévio mais abrangente, relativos às diferentes culturas, épocas e localidades, inclusive a questões mais abstratas para esses alunos, relativas às esferas políticas, por exemplo. Vale ressaltar que, na biblioteca da escola que frequentam, o acervo de quadrinhos é bastante precário: as revistinhas de variados personagens (Turmas da Mônica e Chico Bento, Smilinguido, Fantasma e outras) são poucas e estão bastante desgastadas mas há algumas adaptações de livros literários para os quadrinhos. Durante a aplicação do questionário, alguns alunos relataram ter tido acesso às revistinhas do personagem Menino Maluquinho nas escolas em que estudaram antes, nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano).

Tabela 11 – Questão 3

De quais personagens?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Chico Bento e sua turma.	25	21	46
Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e sua turma.	31	27	58
Luluzinha e Bolinha e sua turma.	6	4	10
Hagar, o Horrível.	2	-	2
O Menino Maluquinho e outros personagens de Ziraldo.	24	12	36
Astérix e Obelix e sua turma.	1	3	4
Mafalda e sua turma.	9	3	12
Super-Heróis.	14	8	22
Outro(s): Dragon Ball Z, mangá, Minnie, iZombie, Mônica Jovem, Chico Bento Moço, futebol, Pokemon, Cavaleiros do Zodíaco, Smilinguido, Tijolinho, Star Wars (adaptação)	7	4	11

Fonte: elaborado pela autora.

A questão 4 leva o aluno a refletir um pouco sobre o próprio processo de leitura desse gênero. As respostas mostraram que a maioria dos alunos participantes consideram a palavra – texto verbal – mais importante do que o desenho, as cores, o texto não verbal dos quadrinhos, em oposição a um grupo menor de alunos, que considera importante para a leitura desse gênero a imagem, bem como outros aspectos como o assunto, os próprios personagens e a organização dos quadrinhos.

Tabela 12 – Questão 4

Quando você lê uma história em quadrinhos, o que é mais importante para que você entenda a história?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
As palavras.	10	7	17
Os desenhos.	8	11	19
As palavras, mas os desenhos também ajudam um pouco a entender a história.	26	25	51
Os desenhos, mas as palavras também ajudam um pouco a entender a história.	11	12	23
Conhecer um pouco do assunto da história antes de fazer a leitura.	8	8	16
Conhecer um pouco sobre os personagens.	13	8	21
Identificar a ordem dos quadrinhos.	10	8	18
Outra coisa: onomatopeias, as ações dos personagens, imaginação.	3	-	3
Comentários: - As palavras me ajudam bastante, porque eu posso imaginar a imagem. - As expressões dos personagens. - Poderia ter um resumo no começo para ajudar. - É melhor entender as letras do que os desenhos.			

Fonte: elaborado pela autora.

A pergunta 5, que diferente das anteriores é discursiva, destaca um aspecto já mencionado na questão anterior: a importância de se conhecer previamente sobre os personagens das HQ antes de ler uma revistinha. Embora tenha sido um aspecto pouco marcado na questão 4, a maioria dos alunos (52) respondeu ser algo importante para o entendimento da

narrativa, 8 responderam não ser importante, 2 responderam ser um pouco importante e 9 não responderam. As justificativas mais coerentes e claras indicam que tal conhecimento é importante, pois as características de alguns personagens são muitas vezes usadas pelos seus autores para sequenciar a narrativa, ou seja, a lógica do enredo pode se estabelecer nessas características. Outro fator mencionado é o fato de que tais características – especialmente aquelas que não são reveladas pelas imagens, mas que o autor supõe que seus leitores conheçam – são usadas para dar o efeito humorístico. Assim, alguns concluem que tal conhecimento anterior à leitura permite "entender melhor" a história; em outras palavras, o leitor pode aproveitar e perceber variadas possibilidades de sentido, o que deixa a leitura mais rica.

A questão 6 diz respeito ao objetivo do gênero quadrinhos, mais especificamente da revista em quadrinhos. Quase todos os pesquisados informaram que é divertir, distrair, reforçando a ideia do lazer associada ao gênero. Outros marcaram a opção ensinar, motivados certamente pela ideia de que toda leitura traz algo a ser aprendido. Um aluno do 6º ano I, ao responder essa questão, comentou com a professora que havia aprendido a ler através de histórias em quadrinhos e foi orientado a incluir isso na sua resposta (nas palavras dele, "para aprender a ler"). Poucos marcaram a opção criticar coisas da realidade, percebendo, certamente, associações feitas em algumas revistinhas à realidade, mas de forma distorcida (por exemplo, em algumas HQ da turma da Mônica, quando aparece uma emissora de TV, esta é nomeada como "Rede Blobo" ou "Rede Lobo"). Outros marcaram a opção "informar sobre fatos reais", provavelmente não pensando na revista em quadrinhos, mas nas charges e cartuns, muito presentes nos jornais e nas redes sociais da internet, partindo de fatos e aspectos da realidade.

Tabela 13 – Questão 6

Na sua opinião, para que serve uma revista com histórias em quadrinhos?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Divertir, distrair.	34	32	66
Informar sobre fatos reais.	4	2	6
Criticar coisas da realidade.	2	5	7
Ensinar.	9	10	19
Outra coisa: Serve também para ajudar na leitura do leitor. Para aprender a ler. Para passar o tempo.	2	1	3

Fonte: elaborado pela autora.

A questão 7, também discursiva, leva os alunos a levantarem hipóteses sobre a circulação de quadrinhos nos jornais. Cerca de 30% deixou em branco ou respondeu "não sei". Muitos pensaram na contraposição entre os possíveis temas do jornal (presença de "notícias ruins") e os temas dos quadrinhos que, por terem desenhos e, em boa parte, teor humorístico, romperiam a "negatividade" jornalística. Outros mencionaram a popularidade do gênero quadrinhos. Alguns observaram a variedade de gêneros textuais presentes no jornal, bem como

a diversidade de público que ele alcança, e justificaram, com isso, a presença dos quadrinhos. Um aluno, ainda, mencionou o uso dos quadrinhos em campanhas educativas, no caso citado, contra a Dengue ("Para mostrar muitas das vezes para aprender sobre tipo não deixar água parada.").

Tabela 14 – Questão 7

Na sua opinião, por que os quadrinhos também aparecem em jornais?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Não sei./Deixou em branco.	11	13	24
Aparecem porque chama a atenção dos jornalistas.	1	-	1
Serve para alegrar o leitor./Para distrair um pouco a pessoa./Para distrair o leitor, porque a maioria dos jornais aparecem mais notícias ruins./ Porque os quadrinhos são engraçados e servem para descontrair o leitor./Para divertir o leitor./ Para entreter o leitor, além de ler notícias ruins./Para os adultos e idosos se divertirem enquanto lê o jornal./Para dar uma distraída.	13	10	23
Porque se não, o jornal ia ficar muito sério./Para ter graça.	1	1	2
Pois fazem sucesso por todas as partes./Porque os quadrinhos fazem sucesso e pessoas com deficiência e ajuda muito./Porque são bem conhecidos e famosos.	3	2	5
Para que as pessoas que leem jornais não deixem de ler revistas em quadrinhos./ Para quem está lendo o jornal ler uma HQ.	2	-	2
Porque os quadrinhos são divertidos e muito bons e quase todas pessoas leem./Porque é muito engraçado as HQ./Porque muitas pessoas gostam e é um passatempo.	3	1	4
Para chamar a atenção para comprar./Para fazer anúncio ou propaganda./ Para destacar mais a revista e apresentar uma nova./Para informar as novas revistinhas em quadrinhos que estão à venda.	2	2	4
Para mostrar muitas das vezes para aprender sobre tipo não deixar água parada.	1	-	1
Porque tem pessoas que gostam de ler esses quadrinhos em vez de ler as notícias.	-	1	1
Para as crianças interessarem./Porque eles colocou para nós lermos.	-	2	2
Porque tem gente que não tem revista aí pra quem gosta tem no jornal./ Porque nem todo mundo tem revistinhas e eles colocam em jornais.	-	2	2
Para parecer reais.	-	1	1
Para entender mais.	-	1	1

Fonte: elaborado pela autora.

A questão 8 trata das expectativas dos alunos diante do gênero. A maior parte dos alunos, provavelmente diante da função humorística característica dos quadrinhos, indicou a presença de um final engraçado. Menos da metade marcou as aventuras e coisas que não acontecem no cotidiano, revelando consciência sobre a existência de um mundo dentro dos quadrinhos diferente do mundo real; a presença das ilustrações, indicando que esse grupo inclui, possivelmente, os alunos que consideram os desenhos importantes na leitura dos quadrinhos; e

a expectativa de um ensinamento, de forma que, certamente, leem os quadrinhos buscando alguma aprendizagem. Vale ressaltar que alguns ainda comentaram que nem todos os quadrinhos são "engraçados", ou seja, percebem que a função humorística não é característica sempre presente no gênero.

Tabela 15 – Questão 8

Quando você lê quadrinhos, o que você espera encontrar?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Um final engraçado.	27	23	50
Um ensinamento para a vida.	10	7	17
Informações sobre a realidade.	-	2	2
Ilustrações bonitas e coloridas.	13	7	20
Aventuras e coisas que não acontecem no meu dia a dia.	19	2	21
Outra coisa: no final sempre tem uma piada/tirinha para rirmos, um final feliz, que a Mônica dê uma lição de moral nos meninos./Alguém morto./ Diversão e entretenimento.	6	3	9
Comentários (6º I): - Tem uns quadrinhos que é engraçado e ensina várias coisas. - Também espero que me divirta e me distraia.			
Comentários (6º II): - Engraçadas, mas nem todas. - Nem todas histórias em quadrinhos terminam engraçado. - Eu acho que tudo é engraçado. - Um ensinamento na vida é o que mais acho nas histórias em quadrinhos.			

Fonte: elaborado pela autora.

Para os pesquisados, os principais leitores dos quadrinhos são as crianças e adolescentes, conforme as respostas dadas à questão 9. Foi necessário estabelecer as idades: crianças (de zero a 11-12 anos), adolescentes (de 12-13 a 18 anos), adultos (19 a 60 anos), idosos (a partir de 60 anos). Alguns alunos estranharam essa divisão, principalmente em relação aos adolescentes e adultos (acharam que 17 e 18 anos não seriam considerados adolescentes e acharam a fase adulta muito longa). Alguns acharam necessário comentar que é um gênero que atinge a todas as idades, apesar de ter um público-alvo principal. Um outro comentário exemplifica uma situação em que o adulto lê os quadrinhos porque os lê para o filho. Chama a atenção o comentário que aponta a existência de uma "faixa de leitura", possivelmente pensando nas indicações de livros/textos por faixa etária. Onde os pesquisados estudam, por exemplo, realmente há uma separação, feita pela bibliotecária em parceria com as professoras de português, de leituras para o ensino fundamental e para o médio. As revistas em quadrinhos e adaptações para esse gênero fazem parte das indicações para o ensino fundamental.

Tabela 16 – Questão 9

Na sua opinião, quem são **os principais leitores** de histórias em quadrinhos?	6º ano I	6º ano II	TOTAL
Crianças.	31	30	61
Adolescentes.	22	20	42
Adultos.	9	6	15
Idosos.	5	4	9
Meninos e rapazes.	9	12	21
Meninas e moças.	11	11	22
Outro: Todas as pessoas. Meninas e meninos.	1	1	2
Comentários (6º I): - Eu sou principalmente uma criança. - Eu acho praticamente todo mundo. - Só marquei criança mas depende do interesse da pessoa pela leitura.			
Comentários (6º II): - Talvez um pai lendo para seu filho. - Alguns adultos e idosos leem HQ. - Crianças e adolescentes porque eles estão na faixa de leitura. - Alguns adolescentes leem. - Pra mim são as crianças mas eu sei que adolescentes e adultos também leem.			

Fonte: elaborado pela autora.

A última questão, discursiva, solicitava a opinião dos alunos sobre a produção de história em quadrinhos em sala. A maioria (54) se mostrou simpática à ideia, apontando os benefícios da aprendizagem, do uso da criatividade, da expressão, do desenho e da possibilidade de fazer um trabalho em grupo. Outros (17), que não se posicionaram ou se mostraram contrários à atividade, chamaram a atenção para os desafios na produção desse gênero, relacionados à necessidade de uso do desenho e da inventividade. As respostas a essa questão revelaram ainda uma posição passiva diante das produções textuais desenvolvidas na escola, tendo apenas o professor como interlocutor dos textos dos alunos, o que é perceptível em “eles querem ver o que a gente aprende”, “ganhar uma boa nota”, “a gente deve fazer as atividades que as pessoas pedem”, “é muito importante fazer as atividades que a professora manda”. Por outro lado, outros esperam outros interlocutores para suas produções, que extrapolariam a escola, conforme as respostas “escrever parte da revista em quadrinho engraçada”, “Eu ia achar muito legal fazer uma história para o mundo”, “quando crescer virar escritor” e “muitas pessoas gostam de ler histórias em quadrinhos”.

Diante da análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário, reafirma-se a importância de se trabalhar com o gênero quadrinhos na escola. Isso porque, por se tratar de um texto de linguagem híbrida, é necessário que os seus leitores considerem tanto as imagens quanto as palavras, bem como outras características comuns ao gênero, para explorar as diversas possibilidades de construção de sentido. As respostas dos alunos revelaram que muitos ainda não consideram especialmente a parte não verbal ao ler esse tipo de texto.

No mundo do século XXI, a linguagem não verbal está muito mais presente, mais evidente nos textos cotidianos. Trabalhá-la a partir das HQ, que é um gênero atrativo para o aluno, principalmente pela sua associação ao lazer, ajudará o jovem leitor a se tornar mais competente e criterioso em suas futuras leituras. No plano de ensino, os alunos foram levados a responder muitas das questões justificando-as, o que geralmente foi feito a partir da descrição da linguagem não verbal. As primeiras atividades foram mais exaustivas neste ponto – vide questões 1 e 4 da Atividade 1 (Caderno de Questões – Anexo 1) – mas, nas questões finais, durante as aulas, isso foi menos trabalhoso pois se criou o hábito de "ler" as imagens, de percebê-las como valiosa fonte de informações. Foram explorados também os recursos de mudança de ambiente e passagem de tempo que costumam acontecer de um quadrinho para o outro sem legendas do narrador ou outra marca além da própria imagem – conforme questões 18 (Atividade 1) e 4-f (Atividade 9).

Outro tipo de atividade que colaborou para um melhor entendimento da HQ foi a leitura em voz alta das falas dos personagens, cada um "interpretado" por um aluno. Para expor como esse processo funcionou, vejamos o que aconteceu na leitura da HQ "Trabalho em Grupo" (anexo 7).

Nas duas turmas, a leitura foi feita duas vezes, de modo que cada aluno interpretou um papel entre os seguintes personagens: narrador, professora, aluna, aluno, Chico, Zé da Roça, Hiro, Zé Lelé, Mãe do Hiro, Empregado do Zé da Roça. Toda a turma lia quando a turma da sala do Chico falava, isto é, quando aparecia o "balão-uníssono – reúne fala de diferentes personagens" (RAMOS, 2009, p.39). É interessante ressaltar que, na escolha de que faria a "voz" de qual personagem, poucos se dispuseram a fazer a voz do Empregado do Zé da Roça, e outros fizeram o comentário (sic) "Oua, não quero ser o empregado". Os alunos que fizeram a "voz" do personagem Chico comentaram achar muito difícil ler o que ele dizia, pois a escrita, para representar a fala dele, era toda "errada". Apesar do comentário, todos os alunos mostraram entendimento de que esse registro teve por finalidade justamente diferenciar da língua padrão o modo de falar desses personagens. Tais alunos, nas duas turmas, se esforçaram em imitar o sotaque caipira, sendo que alguns até deram ênfase ao "R retroflexo".

Durante a leitura, em ambas turmas, os alunos todos se mostraram muito atentos, acompanhando a leitura em voz alta dos colegas. Vale ressaltar que foi possível perceber os alunos que fizeram a leitura em voz alta observando as imagens, pois na passagem de um quadrinho para o outro sempre havia uma pausa, um silêncio maior e, às vezes, alguns leitores até se esqueciam que eles iniciavam o diálogo no quadrinho seguinte. Houve também alunos que não "apreciavam" as imagens, e se impacientavam com os leitores, apressando a leitura do texto verbal. Alguns alunos que fizeram a leitura em voz alta, especialmente na primeira vez,

mostraram desconhecer o recurso do balão emendado no outro, chamado de balão-duplo ou balão-composto (RAMOS, 2009, p.40), indicando a fala de um mesmo personagem em momentos diferentes, mas em um mesmo quadrinho, como aparece na fala da professora na fig. 8.

(Fig. 8, extraída de revista Chico Bento, n. 263, 1996, p. 4)

Nesse ponto, a leitura dos alunos começava por "...todos formaram?" ou se demorava mais para se continuar a leitura, de forma que a professora tinha que orientar a continuidade, explicando esse recurso da HQ.

Nos quadrinhos em que os personagens aparecem implícitos (fig. 9), era preciso combinar quais personagens falavam o quê. Na leitura do primeiro quadrinho, um aluno do 6º ano II perguntou quem faria a voz da casa, pois os balões de fala vinham dela. Assim, foi necessário explicar esse recurso de cena, em que os personagens estão implícitos, mas são reconhecidos pelo contexto: é a casa do Zé da Roça, pois nos quadrinhos anteriores os personagens combinam de se encontrar lá, e são os mesmos personagens porque no quadrinho seguinte eles aparecem em torno de uma mesa, como se fosse dado um "zoom" na cena.

(Fig. 9, extraída de revista Chico Bento, n.263, 1996, p. 5 e 6)

Houve dificuldade também na leitura da representação de sons "incompreensíveis", que depois se revelaram uma reza (fig. 10). Por isso, foi explicado para a turma que o "bzzz, bzzz, bzzz" nessa situação era como quando alguém faz orações bem baixinhas e conseguimos ouvir apenas um ruído de cochicho e ver seus lábios se movendo.

(Fig. 10, extraída de revista Chico Bento, n.263, 1996, p. 13)

Os alunos que fizeram a leitura em voz alta conseguiram traduzir no tom da voz a emoção do personagem, certamente orientados pelo formato de alguns balões de fala e das expressões faciais dos personagens, como os que indicam canto, nervosismo e entusiasmo (fig. 11).

(Fig. 11, extraída de revista Chico Bento, n. 263, 1996, p. 8, 11 e 14)

Um aluno perguntou também por que no último quadrinho (fig. 12) um aluno apareceu colorido de verde. Foi explicado que é um recurso para indicar sombra ou um grupo maior de personagens, sem ser necessário que o desenho seja feito com muitos detalhes. É interessante observar que o mesmo recurso foi utilizado em outro momento na mesma história, mas não foi questionado pelos alunos.

(Fig. 12, extraída de revista Chico Bento, n. 263, 1996, p. 4 e 15)

Dessa forma, o plano de ensino não buscou listar para os alunos todos os tipos de balão-fala, mas, usando o conhecimento prévio sobre os quadrinhos durante os momentos de leitura, buscou-se ampliá-los. Na medida em que apareciam novos balões, estes eram identificados e explicados. Esse procedimento de explicar algumas dúvidas durante a leitura parece ser mais eficiente do que listar todos os tipos de balões, pois se trata de uma aprendizagem situada. As

leituras orais das HQ seguintes foram realizadas da mesma forma e, a cada historinha, a leitura oral dos alunos se tornou mais fluente.

5.2.1. O personagem Chico Bento

No 6º ano I, os alunos perguntaram se a escolha do personagem Chico Bento foi feita porque ele fala tudo "errado". Explicou-se que a representação da sua fala foi um dos fatores que influenciaram na decisão, mas que não foi o único. Assim, tratar desse personagem requer que se trate também da variação linguística, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa. Conforme Rangel (2010), bem como os documentos oficiais que orientam o ensino da língua materna (PCN), uma vez que é papel da escola a formação para a cidadania, o ensino de língua portuguesa tem como objetivos, entre outros, proporcionar a reflexão sobre a língua, com suas consequências atitudinais e éticas, e elevar a proficiência de uso da língua, tanto oral quanto escrita, de forma que se possa escolher a variedade linguística mais adequada às diversas situações interativas.

A variação linguística, embora reconhecida por professores e linguistas como um objeto de estudo das aulas de Língua Portuguesa, ainda enfrenta resistência na educação escolar, especialmente no ensino fundamental. Tal controvérsia surge sob o pretexto de que, ao se tratar desse fenômeno na escola, a alfabetização e o letramento poderiam ser comprometidos, isto é, a escola prestaria um desserviço à sociedade, pois ao invés de ensinar a "norma padrão" da língua, a língua "correta", estaria ensinando as variantes linguísticas que os alunos já conhecem, a língua "errada". Na verdade, a variação é um fenômeno natural no desenvolvimento das línguas e, no caso do Brasil, é mais complexo, conforme mostra Bortoni-Ricardo (2011), ao fazer um breve histórico da língua portuguesa neste país. Quando a escola ignora tal fenômeno, ela negligencia a realidade linguística brasileira e a própria noção de identidade nacional. Portanto, tira dos estudantes o direito ao conhecimento da Língua Portuguesa em sua completude, além de fazer a manutenção do preconceito linguístico, ao apresentar na sala de aula apenas uma variedade da língua – a mais prestigiada, marca da elite letrada – e negar, por não mencionar, aquela que o aluno aprendeu em casa, aquela que faz parte da própria identidade. Assim, o personagem Chico Bento tem um histórico controverso em relação à sua presença especialmente nas aulas de português justamente por sua fala ser representada em um registro não padrão.

Outro argumento eventualmente usado para não se usar as histórias desse personagem nas aulas de Língua Portuguesa é o temor de que seu uso reforce o preconceito linguístico, uma vez que Chico Bento é um estereótipo do caipira, isto é, uma versão de um grupo com

características exageradas que, algumas vezes, causam o efeito humorístico, são o motivo do riso, da crítica. Porém,

> Se quisermos avaliar em que medida textos como esses se afiguram como efetivamente discriminatórios, entretanto, será preciso considerar, antes de qualquer coisa, sua natureza lúdico-ficcional. Em outras palavras, devemos admitir que, diferentemente do que acontece com os textos informativos e/ou utilitários, os eventuais estereótipos se inserem, neste caso, num universo próprio, conjectural. Nesse sentido − e independentemente das intenções do autor − só servirão à discriminação se forem tomados fora de seus contextos e entendidos como informações, o que não são nem podem ser. Se compreendidos em seus próprios limites, ou seja, como parte de um exercício da imaginação, sua leitura crítica poderá, inclusive, contribuir para uma boa reflexão, tanto sobre os valores e atitudes em jogo, quanto sobre os descaminhos, injustiças e arbitrariedades a que crenças infundadas podem conduzir, quando se pretendem verdades irrefutáveis. (RANGEL, 2010, p. 193)

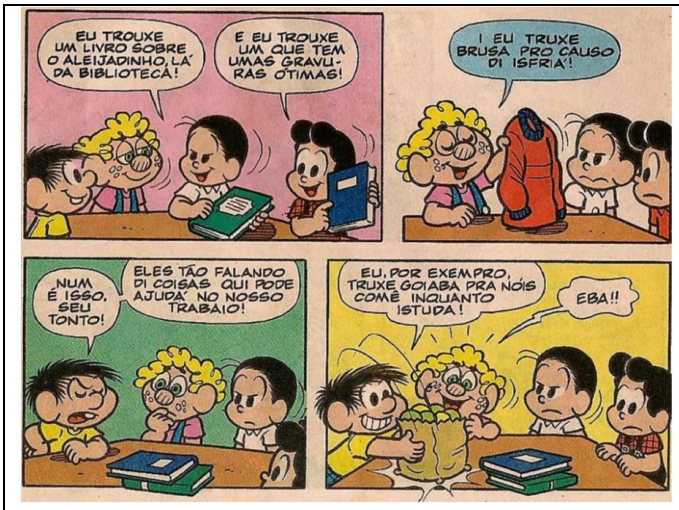
Diante disso, as atividades do plano de ensino foram elaboradas também partindo do suposto de que o uso dos quadrinhos de Chico Bento permite a reflexão sobre a variação linguística, abordando os fatores sociais e regionais desse fenômeno. Tal uso permite também a percepção da própria identidade linguística a partir da identidade que o estereótipo caipira confere ao personagem. As questões que trataram do fenômeno da variação linguística demandaram dos alunos a observação das diferenças e semelhanças entre as falas dos personagens, do contexto, do vocabulário, dos graus de formalidade; a comparação entre tal uso e o próprio uso da língua, bem como entre o registro da variante de Chico e a variedade padrão; e o levantamento de hipóteses sobre o que leva aos diferentes usos da língua e sobre os valores sociais carregados por esses usos. Em alguns casos, foi usado o recurso de comparação entre a linguagem dos quadrinhos e a linguagem de outros gêneros textuais em que são reproduzidas falas de pessoas.

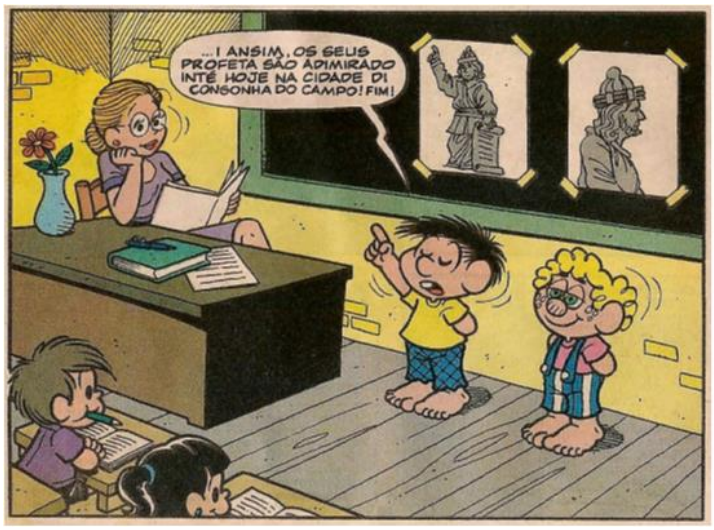
Não foi objeto deste trabalho a identificação dos processos fonológicos que aparecem na variedade caipira. É preciso diferenciar aqui os propósitos das atividades: sob a perspectiva da variação linguística, assumindo que a fala de Chico é representação da oralidade, característica dos quadrinhos, trazendo, portanto, uma variedade informal da língua portuguesa, tal escrita não pode ser considerada errada. Segundo Ramos (2009, p.61), o texto verbal quando traz fala dos personagens nos quadrinhos é, “por parte dos escritores, a tentativa de representar a fala dos personagens nos diálogos da maneira mais realista possível”. É, pois, adequada à situação em que aparece. Porém, sob a perspectiva ortográfica, é válido afirmar que há erro na escrita da fala desse personagem. Por exemplo: “trabaio” é uma forma comum na *oralidade*, especialmente em situações informais de interação; porém, a forma *escrita* correspondente a ela, por ora, é “trabalho”. A variação linguística é um fenômeno que remete à oralidade

enquanto a ortografia remete à escrita. É importante deixar isso claro para os alunos: há dois pontos de vista diferentes sobre as falas de Chico Bento.

A seguir, serão mostradas e comentadas algumas das atividades do plano de ensino relacionadas à variação linguística. No Quadro 4, destacou-se a questão 8 da Atividade 1 (Anexo 1) e alguns trechos da HQ “Trabalho em Grupo”, que servem de referência para a reflexão proposta. Na correção, os alunos identificaram com facilidade a linguagem do Chico e do Zé Lelé como característica do ambiente rural. Para explicar a diferença entre o jeito de falar dos personagens, levantaram a hipótese de que alguns, como o Hiro e o Zé da Roça, poderiam ter vindo da cidade ou que têm pais com mais acesso ao estudo. Tais respostas revelam seu conhecimento sobre o fenômeno da variação linguística. É interessante observar que, inicialmente, não usaram a classe social (rico/pobre) como fator que interfere na variação. Quanto ao uso da linguagem de Chico, os alunos do 6º II afirmaram que, embora faça sempre o uso do dialeto caipira, ele procura falar mais formalmente – frases mais longas, com palavras pouco cotidianas – durante a apresentação do trabalho escolar. No 6º I, porém, os alunos não observaram essa mudança e não concordaram quando se mostrou essa possibilidade, indicada pelos colegas da outra turma.

Quadro 4 – Atividade sobre Variação Linguística





8) Atente-se para as falas dos personagens.
a) Por que há diferenças entre a linguagem usada por alguns personagens?
b) Há diferenças na linguagem de Chico Bento dentro e fora da escola? Justifique sua resposta.

Fonte: elaborado pela autora (imagens extraídas da Revista “Chico Bento”, n.263, 1996)

Na Atividade 5, é solicitada a comparação entre a fala dos personagens da HQ “Segura, Peão” e a fala dos informantes/peões transcrita em uma reportagem (vide Atividade 5, Anexo

1). Ao comparar as duas linguagens, conforme os trechos dos dois textos no Quadro 5, os alunos perceberam com facilidade que na reportagem havia predominância da variedade padrão e concluíram que isso ocorreu devido a uma correção, uma adequação do texto oral para o texto escrito.

Quadro 5 – Linguagem da HQ x Linguagem de Reportagem

(Revista Chico Bento, n.191, 1994)

Peão desde os 16 anos, Divino entrou na profissão para ajudar na sobrevivência da família e as oportunidades financeiras que poderia conseguir nos Estados Unidos seriam a realização do seu objetivo. “É um sonho de quem almeja grandes valores, tanto de dinheiro como de reconhecimento dos competidores. É difícil chegar à final com chances e não realizar. É um sonho que eu tenho desde pequeno, fico imaginando chegar ao ponto de ser campeão mundial”, diz.

(http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/festa-do-peao-de-barretos/2017/noticia/jovens-peoes-disputam-rodeio-de-barretos-de-olho-na-conquista-do-sonho-americano.ghtml> Acesso em 25/08/2017.)

Fonte: elaborado pela autora.

Aproveitando o uso de uma história do Cascão, personagem do mesmo autor de Chico Bento, mas que vive na cidade, solicitou-se a comparação entre as falas deles, conforme a questão do Quadro 6.

Quadro 6 – Linguagem do Cascão x Linguagem do Chico Bento

(Revista Cascão, n.294, 1998)

Observe as falas dos personagens para responder às questões abaixo:

a) As falas mostram uso da linguagem formal ou informal da língua portuguesa? Justifique.

b) Comparando-as às falas de Chico nas outras HQs, quais são as diferenças no uso da língua? Por que existem essas diferenças?

c) As falas das HQs do Chico e do Cascão correspondem ao que realmente acontece com a língua portuguesa? Explique sua resposta.

Fonte: elaborado pela autora.

Ao observar as falas de Cascão e as Chico Bento, os alunos a princípio classificaram as do primeiro como linguagem formal e a do segundo como informal. Porém, ao perceberem o uso de gírias (“Não enche”, “só tô quebrando um galho”), reduções (“tá”, “peraí”) e interjeições (“puxa”, “ei”, “oba”), mudaram a resposta e concluíram que, em relação à variedade padrão, tanto Chico quanto Cascão usam da linguagem informal, embora o menino da cidade se aproxime mais da variedade de prestígio. Com esses exemplos também ficou mais explícita a influência regional sobre a linguagem: na cidade, há um contato maior com as tecnologias midiáticas, em que a manifestação linguística é predominantemente da variedade padrão, enquanto no campo o contato com essa variedade é reduzido à escola.

Na HQ em que a professora procura um talento para o Chico, ela o faz passar por variados testes, entre os quais, um em que ela avalia seu conhecimento de língua portuguesa. Como no teste é usada a palavra “mar” que, na variedade caipira pode ser usada com dois significados (“ruim”/ “mal” e “oceano”), isso cria um problema na solução dada por Chico, já que não corresponde à variedade padrão, esperada pela professora. A partir desse trecho, na atividade 6 (Anexo 8.1), são levantadas questões (vide Quadro 7) que vão da compreensão da superfície textual até a apreciação e réplica ao texto.

Quadro 7 – Variedade caipira x Variedade padrão

(Revista Chico Bento, n.268, 1997, p.5-6)

a) Nesta parte, Chico mostra desconhecimento sobre qual (quais) tópico (s) da Língua Portuguesa?
b) Considerando a HQ e seus conhecimentos, quais frases abaixo são verdadeiras (V)? E falsas (F)?
( ) Chico Bento não sabe falar português.
( ) Chico não usa em sua fala a variedade padrão da língua portuguesa.
( ) O desconhecimento da norma culta da língua portuguesa prejudica o desempenho de Chico na escola.
( ) A professora tratou Chico de forma preconceituosa por causa do jeito que ele usa a língua.
c) Reescreva a frase de Chico, do 2º quadrinho, passando-a para a variedade padrão da língua portuguesa.
d) Dê um exemplo de resposta que a professora consideraria certa à pergunta que ela fez.
e) Você acha que o teste proposto pela professora é capaz de mostrar que alguém tem habilidades com a língua portuguesa? Justifique sua resposta.

Fonte: elaborado pela autora.

Os alunos reconheceram que não houve preconceito da parte da professora, mas um prejuízo para Chico por não ser capaz de usar outra variedade linguística senão a caipira. No

mesmo trecho, os alunos demoraram a perceber o desentendimento de Chico em relação à palavra “ele”, usada pela professora como o “nome” da letra L e pelo menino como o pronome pessoal de terceira pessoa do singular. Além disso, na questão também se leva à reflexão a respeito do que é a língua portuguesa e o que é saber essa língua. Na visão da professora, fica clara a caracterização da língua como invariável, limitada às regras gramaticais e à variedade padrão. A partir da última pergunta, alguns alunos concluíram que o teste proposto não é capaz de definir o conhecimento de alguém sobre a língua portuguesa. Outros, porém, comentaram que a questão dada foi muito simples e Chico poderia ter atendido à expectativa da professora. Isso revela que ainda está muito arraigado nos alunos o conceito de Língua Portuguesa como equivalente às regras corretivas da gramática normativa.

As aulas, a partir das questões propostas, especialmente durante a “correção”, foram espaço para debate e compartilhamento de experiências. As expressões usadas por Chico (“Faço muito gosto!”, “Isso vai sê canja!”) fizeram com que muitos se lembrassem de expressões usadas por avós principalmente. Outros relataram casos em que os pais ou eles mesmos foram vítimas de preconceito ou objeto de brincadeiras pelo jeito de falar, por algumas expressões comuns à região de onde vieram (especialmente norte de Minas ou região Nordeste). Houve também comentários em que alunos afirmaram se identificar mais com o personagem Chico do que com Zé da Roça ou Hiro, por exemplo. Nestes casos, disseram que não falavam tão “errado” quanto o caipira, mas também não falavam tão “certo” quanto os outros. A principal referência para fazerem tal afirmação foi o uso do pronome de tratamento “você/ocê”. Por outro lado, encontraram pontos comuns também com a variedade do Cascão, especialmente no uso das reduções e gírias.

Vale destacar aqui os dados obtidos na questão 6, do questionário sobre compreensão textual 3, e na questão 5, do questionário 5 (Anexo 5), uma vez que remetem à questão da variação linguística nas tirinhas de Chico Bento. Na primeira, os alunos deveriam avaliar como verdadeiras ou falsas algumas afirmações sobre a variedade caipira. Na primeira aplicação, anterior ao plano de ensino, os alunos revelaram uma visão preconceituosa sobre essa variante, mas, na segunda aplicação, posterior às aulas elaboradas pela pesquisa, essa situação mudou um pouco, conforme a tabela 17. Esses dados confirmam que o trabalho com o personagem colabora para uma visão mais tolerante sobre as diferenças linguísticas.

Tabela 17 – Variação linguística no questionário 3

6) (V ou F?) A linguagem usada por Chico e o primo na tirinha indica que:				
1ª aplicação		2ª aplicação		Item
V	F	V	F	
2	10	1	11	Chico Bento não será capaz de se tornar médico veterinário.
10	2	9	3	eles usam a língua de maneira informal.
2	10	0	12	os personagens não sabem escrever.
10	2	6	6	eles falam errado.

Fonte: elaborado pela autora.

No questionário 5, os alunos tiveram de escrever comparando a linguagem de Chico, estereótipo caipira, a de seus amigos Hiro e Zé da Roça, representantes da variedade padrão formal da língua. O Quadro 8 traz todas as respostas dadas pelos alunos nos dois momentos (antes da execução do plano de ensino e depois). Algumas respostas, nos dois momentos, apresentam a oposição língua certa x errada, mas outras trazem a noção da variação linguística, tanto nos níveis de formalidade quanto no de região. Mesmo que, neste caso, a diferença qualitativa das respostas nos dois momentos não seja grande, é possível perceber como o uso do personagem colabora para a percepção da variação nos usos de uma mesma língua.

Quadro 8 – Chico x Hiro e Zé da Roça

A linguagem usada pelo Chico Bento é a mesma usada pelos seus amigos? Justifique sua resposta.

1ª aplicação

- Não, porque ele fala meio palavra de roça e seus amigos falam mais as linguagem estão certa.
- Não, pois eles falam certo e o Chico não.
- Não, pois Chico tem mais conhecimento sobre a linguagem rural.
- Não, pois seus amigos é da cidade e ele é da zona rural, roça.
- Não, pois Chico usa a linguagem informal e seus amigos a linguagem formal.
- As vezes, pois a maioria das vezes não falamos na forma padrão.
- Não, pois a do Chico é informal.
- Não, o Chico fala na forma que foge da norma-padrão, mas seus amigos falam de acordo com a norma-padrão.
- Não, pois Chico é da roça e caipira.
- Não, pois a do Chico é informal e a dos amigos dele é formal.
- Não, porque eles não falaram igual ao Chico Bento.
- Sim, porque o Chico usou a fala igual.
- Sim, é usada pelo Chico Bento e seus amigos.

2ª aplicação

- Não, eles falam diferente de Chico.
- Não, porque eles conversam de coisas de profissão e o Chico estava falando da escola.
- Sim, porque as linguagens são a mesma.
- Não, porque ele fala diferente porque é da roça.
- Não, pois ele está falando sobre o futuro e o Chico ainda vai pensa.
- Não, porque Chico Bento é caipirão.
- Não, pois parece que o Chico tem a língua presa.
- Mais ou menos. Hiro e Zé da Roça têm uma linguagem mais formal e Chico fala do jeito da roça, só que seus amigos entendem.
- Não, pois o Chico, ele tem um sotaque mais de roça.
- Não, pois Chico fala uma fala mais de roça, os amigos dele já fala meio diferente.
- Não, o Chico fala errado, eles não.
- Não, porque Chico utiliza uma linguagem informal diferente de Hiro e Zé da Roça.
- Não, pois os seus amigos falam na linguagem formal e o Chico na linguagem informal.

Fonte: elaborado pela autora.

É preciso um trabalho gradativo, anual, em espiral – isto é, retornar ao mesmo tema, mas com maior profundidade a cada ano – sobre a variação linguística. Isso porque o conhecimento sobre algo ou mesmo a ruptura com posturas arraigadas culturalmente, como o preconceito linguístico, não se realiza em um espaço curto de tempo. Assim, esse fenômeno linguístico merece mais destaque e mais tempo, especialmente nas aulas de língua portuguesa.

Outro fator relevante para a escolha das HQ de Chico Bento foi a proximidade da sua trajetória com o tema Trabalho, o que já foi anteriormente mostrado. Vale destacar que tal relação não está mais tão explícita nas publicações mais recentes das histórias de Chico Bento. Essa diferença temática foi atribuída ao fato de mais recentemente ter havido uma maior preocupação em se desvincular o trabalho e a infância, o que foi confirmado com a publicação da autobiografia do criador do personagem Chico Bento, onde Maurício de Sousa fala sobre as temáticas das HQ terem de acompanhar os discursos sociais e o que ele chama de "politicamente correto".

> Esse lado da onda politicamente correta é excelente [referindo-se à conscientização sobre acolher as pessoas com necessidades especiais]. Mas também, a meu ver, a onda tem um lado negativo quando a coisa descamba para o patrulhismo. Lá pelo início da década de 2010, de repente, de uma hora para outra, começaram a chover reclamações quando Nhô Lau expulsava Chico Bento do pomar com um trabuco nas mãos. "Onde já se viu adulto ameaçar criança com uma arma?! Está maluco?" – Esta foi apenas uma das centenas de mensagens que recebi, uma das mais educadas, ainda sem a agressividade crescente que se tornaria marca registrada das patrulhas mais ferrenhas.
>
> Não adiantava argumentar que era uma caricatura da roça do passado. A onda ficou tão forte que precisei elaborar um novo manual para os roteiristas com o que não podia mais entrar nas histórias. Qualquer arma de fogo estava banida, estilingue também – se bobeasse, até peteleco. Apelidos depreciativos idem, como rolha de poço, gordão, quatro olhos, perneta, todas essas e outras alcunhas que gerações de brasileiros falaram ou ouviram sem grandes traumas na infância. Hoje a lista de restrições do manual do estúdio tem centenas de itens, caminhando rapidamente para a casa do milhar. É provável que o mundo fique melhor assim. (SOUSA, 2017, p.270)

No Almanaque do Chico Bento, onde HQ são republicadas, essas restrições aparecem em algumas narrativas e, algumas vezes comprometem a construção dos sentidos. Por exemplo, na fig.13, a espingarda do Nhô Lau foi retirada, mas Chico aparece logo em seguida massageando as nádegas ao reclamar sobre uma bronca.

(Fig. 13 – Fonte: Revista “Almanaque do Chico Bento”, n.66, 2017, p.61-62)

Outro tema que certamente faz parte da lista de restrições é o mau trato aos animais. Na fig.14, trecho de uma HQ em que Chico está com problemas porque o burro está empacado, o animal começa a rever sua atitude porque o menino vai recorrer a uma solução mais drástica. Não é possível saber o que acontece no trecho porque não há indício algum do que seja essa solução. O burro fica assustado e Chico fala com tom ameaçador, o que leva o leitor a crer que ele vá usar da força física. No fim, algo dá errado e o menino, frustrado, aparece sentado. Não há pistas do que houve, se ele tropeçou ou levou um coice. Ou se, na publicação original, Chico pegou um chicote e, ao tentar usá-lo, se enrolou nele.

Embora o autor não mencione a temática Trabalho Infantil como um dos itens da lista de restrições e nas HQ dos almanaques Chico apareça fazendo trabalhos rurais – capinar, alimentar os animais, cuidar da horta, etc. –, nas Revistas Chico Bento de 2016 e 2017, com histórias inéditas, o personagem já não aparece cumprindo essas tarefas. Dessa forma, foram usadas no plano de ensino HQ mais antigas, em que ele mantém uma relação mais evidente com o trabalho rural e até mesmo com outros ofícios, além de sua rotina escolar.

(Fig. 14 – Revista "Almanaque do Chico Bento", n.63, 2017, p.66)

Além de histórias do Chico Bento, foram selecionadas uma HQ da Mônica e do Cebolinha (de 2016), em que brincam de imaginar profissões e Cebolinha não aceita que a amiga escolha algumas profissões consideradas "muito legais", e outra do Cascão (de 1998), em que ele começa a oferecer pequenos serviços para ganhar dinheiro e convidar uma garota para sair. A primeira foi pertinente por permitir introduzir o debate sobre a discriminação de gênero no mundo do trabalho e a segunda, porque Cascão lida com situações de desvalorização do trabalho e enfrenta alguns problemas na relação patrão/empregado quando vai trabalhar na casa do Cebolinha.

5.3. Das Habilidades de Leitura

Para a verificação das habilidades consolidadas e em desenvolvimento dos alunos participantes, foram aplicados cinco questionários (anexo 5) diferentes com atividades de compreensão textual de tirinha. A tirinha foi escolhida para esta parte por ser um gênero com características bem similares às da HQ e mais curto. Optou-se por aplicar mais de um tipo de questionário para que fossem verificadas mais habilidades, sem que cada aluno tivesse que

responder a um questionário longo ou a mais de um questionário. Assim, cada questionário foi respondido por cerca de 25 participantes aleatórios, sendo que, na primeira aplicação, os questionários 4 e 5 foram respondidos pelos alunos do 6º ano I e os questionários 1, 2 e 3, pelo 6º ano II; e, na segunda aplicação, o 6º ano I respondeu aos questionários 1, 2 e 3 e o 6º ano II respondeu ao 4 e ao 5. Os questionários foram elaborados de forma a contemplar os 21 critérios linguísticos para a análise do discurso e seus constituintes, abordando o tema Trabalho dentro da tirinha, os elementos da narrativa (enredo, personagens, espaço, tempo), a linguagem, o texto não verbal, as características do gênero Quadrinhos, a intertextualidade e a interdiscursividade.

As atividades usadas no plano de ensino (Caderno de Atividades – Anexo 1) também foram elaboradas em observância aos 21 critérios anteriormente apresentados e exemplificados. Porém,t os 21 critérios não foram todos trabalhados necessariamente em todas as atividades e, sim, se distribuíram ao longo delas, alguns sendo mais recorrentes e outros menos, tendo em vista que os alunos participantes ainda estão em processo de consolidação de algumas habilidades leitoras. Durante o desenvolvimento do plano na escola, foram feitas adaptações das aulas sempre que necessário, conforme as demandas dos alunos e as circunstâncias escolares. Assim, a experiência visou não apenas atender os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, mas principalmente a aprendizagem dos alunos, de forma a produzir uma proposta de ensino plausível e coerente com a realidade da escola.

Nos momentos de leitura oral das HQ e correção das atividades, se fez a intervenção e se observou de fato o processo de desenvolvimento das habilidades leitoras. A correção – que na verdade foi uma leitura guiada e minuciosa da HQ – visou levar os alunos a empreenderem a *dupla leitura* (VERGUEIRO, 2009), passando da leitura superficial à criteriosa. Nesse momento também os alunos, a partir das atividades propostas, deram suas respostas, questionaram, ouviram – tanto aos colegas quanto à professora –, comentaram, refletiram e verificaram a pertinência ou não do próprio raciocínio em relação aos temas, aos textos e à própria realidade, de forma que foram compartilhadas as variadas possíveis leituras. Devido à característica discursiva do momento de correção, raramente se gastou menos de uma aula para realizá-lo.

Primeiro, serão comentadas as atividades realizadas na aplicação do plano de ensino e depois serão apresentadas a comparação e a análise dos dados obtidos com os 5 questionários de compreensão de quadrinhos.

A identificação de personagens, localização espacial, aspectos relacionados à seleção lexical, ligados ou não aos elementos de linguagem não verbal – que se referem aos critérios 2, 4, 17 e 18 (vide resumo no Anexo 6) –, foi contemplada em todas as atividades propostas. Para

isso, algumas vezes solicitou-se descrição detalhada desses tópicos e verificação de sua influência no enredo, como as questões da atividade 1 destacadas no Quadro 9.

Quadro 9 – Exemplos de atividades

Atividade 1

1) Liste os personagens da HQ "Trabalho em Grupo".
2) Observe que, na HQ, os personagens são caracterizados de forma verbal (palavras) e não verbal (desenhos). Cite os nomes dos personagens que podem se encaixar nos grupos abaixo, justificando seus exemplos.
   a) Personagens adultos.
   b) Personagens crianças.
   c) Personagens principais (protagonistas).
   d) Personagens responsáveis.
   e) Personagens irresponsáveis.
   f) Personagens ricos.
   g) Personagens pobres.
   h) Personagens com dificuldades na escola.
   i) Personagens com facilidades na escola.
3) Liste os espaços onde a história se desenvolve. Descreva-os conforme sua caracterização na HQ.
   Exemplo: Sala de aula – escreva o que indica que o espaço é a sala de aula, como são as carteiras dos alunos, como é a mesa do professor, etc.

Atividade 12

1) Sobre os elementos básicos da narrativa, informe:
a) Quais são os personagens?
b) Mônica e Cebolinha são personagens opostos. Que características e atitudes os opõem? Qual é a importância dessa oposição para o enredo dessa HQ?
c) Quais são os espaços/locais da HQ? Como são diferenciados os espaços da imaginação e da realidade?

Atividade 13

1) Sobre a HQ "Depois da aula", responda:
a) Quais são os personagens? Desses, quais podem ser considerados protagonistas? Por quê?
b) Em quais espaços/locais a historinha se passa? Quais características dos espaços/locais reforçam a ideia do ambiente rural?

Fonte: elaborado pela autora.

Por exemplo, a questão 2/atividade 1, do quadro 8, gerou um debate mais amplo e longo, pois muitos alunos tentavam identificar personagens diferentes dos citados pelos colegas e usar justificativas "inéditas" mas comprovadas com elementos da HQ, buscando informações nos cenários, nas falas e nas roupas dos personagens e até nas outras HQ da revistinha. Diferenciaram bem os adultos das crianças mas tiveram dificuldades em explicar suas respostas, sendo que uma das justificativas estava no próprio desenho. Para justificarem o exemplo de protagonistas, usaram critérios como a presença no título – os personagens do grupo – a quantidade de falas e aparições. Em relação aos responsáveis e aos irresponsáveis, houve um debate mais longo, já que Chico Bento se encaixaria nos dois diante da sua mudança de atitude ao longo da história. Neste caso, na busca de novas possibilidades de leitura, afirmaram que o Zé da Roça foi irresponsável por ter ido viajar deixando o trabalho para os colegas bem como que o Zé Lelé foi responsável por estar com Chico o tempo todo, mesmo que só segurando o livro. Os alunos mostraram-se incomodados em ter que dizer que algum personagem era pobre.

Usaram como exemplos desse grupo Chico e Zé Lelé, por causa de seu jeito de vestir, a falta do sapato, e até a caracterização da casa de Zé Lelé. Interessante ressaltar que alguns usaram a fala caipira do Chico e do Zé Lelé para explicarem sua posição como personagens com dificuldades na escola, mas foram contestados por outros, afirmando que Chico não tinha dificuldades já que ele acabou fazendo o trabalho sozinho e alcançando uma boa nota. Todas as respostas que foram justificadas com dados da HQ foram consideradas adequadas. Durante as correções, foi solicitada justificativa para muitas das respostas, mesmo se tal explicação não tivesse sido feita por escrito. Esse processo é importante porque reduz a ideia de que a compreensão textual está relacionada a meras impressões e desperta nos alunos o hábito de elaborar respostas ancoradas em elementos do próprio texto, mesmo que combinados com outros – como o conhecimento de mundo partilhado.

Esse processo de respostas fundamentadas, justificadas a partir das HQ, também colaborou para a associação dos personagens aos temas, aprofundando nas habilidades de leitura, conforme o critério 3, partindo do elemento figurativo, concreto, para o temático, abstrato (FIORIN, 1998).

Como a localização temporal (critérios 5 e 18) remete não só às imagens, mas também à sua combinação com o texto verbal, essa informação demandou maior esforço e atenção dos alunos, que, na primeira atividade apresentaram mais dificuldade, mas, na última, já estavam mais habituados a buscar as pistas nas duas linguagens. As atividades do Quadro 10 são exemplos de exercícios que direcionam à compreensão sobre o tempo e sua passagem na HQ.

Quadro 10 – Exemplos de atividades para localização temporal

Atividade 1

11) a) Quanto tempo os alunos tiveram para se preparar para a apresentação do trabalho?

b) Em que dia da semana provavelmente o trabalho foi marcado? E em que dia da semana foi feita a apresentação?

Busque pistas no texto que o ajudem a responder essas questões. Se necessário, faça marcações no calendário, indicando o que eles fizeram em cada do prazo do trabalho (por exemplo, o dia em que a professora marcou o trabalho, o primeiro encontro na casa do Zé da Roça, o segundo, etc.)

Atividade 4

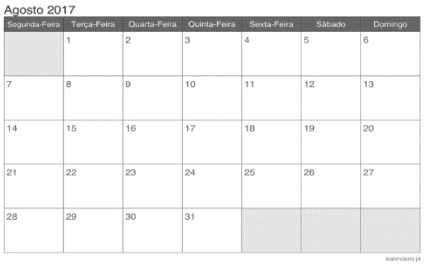
3) Provavelmente, quanto tempo se passa do início ao fim da HQ?

Atividade 6

3) Em qual dia da semana a HQ se inicia? E em qual dia termina?

Atividade 12

1) d) Em que parte do dia ocorre a historinha? Provavelmente, quanto tempo se passa do início ao fim dela?



Fonte: elaborado pela autora.

Na atividade 1, por exemplo, em relação ao tempo decorrido na HQ, os alunos usaram o calendário dado como sugestão para organizar as ações da história bem como as informações

dadas pelas falas dos personagens e as legendas do narrador, e concluíram que, com 10 dias entre a proposição e a apresentação do trabalho, sendo a 3ª reunião do grupo em uma segunda-feira, o primeiro momento foi na segunda-feira e o final foi na quinta-feira.

Outro recurso usado para colaborar no desenvolvimento das habilidades leitoras, remetendo a um dos aspectos mais abstratos do texto – o discurso, conforme os critérios 7, 8, 14 e 15 –, foi a ativação do conhecimento de mundo dos alunos. Ora isso foi feito para construir a coerência textual, ora para perceber as ideias predominantes no texto, as combatidas e defendidas, bem como a relação delas com a realidade vivida e conhecida por eles. No Quadro 10 são apresentados alguns exemplos dos exercícios referentes a esse recurso.

Quadro 11 – Atividades para ativação do conhecimento de mundo

Atividade 1
15) No início da página 102, a professora afirma que "A gente aprende muito num trabalho em grupo".
a) O que se pode aprender em um trabalho em grupo?
Atividade 3
10) Releia os quadrinhos abaixo e responda:

a) Quais são as possíveis consequências da poluição dos rios?
b) Que providências podem ser tomadas contra a fábrica poluidora? Quais profissionais podem ajudar a tomar essas providências?
c) Como um rio poluído pode ser recuperado?
Se for necessário, pesquise no livro de Ciências, na Biblioteca e na Internet ou converse sobre o assunto com o professor de Ciências para responder a essas questões.

11) Releia os quadrinhos ao lado e responda:
a) O que é erosão?
b) O que causa a erosão do solo?
c) Quais são as consequências da erosão?
d) O que pode ser feito para recuperar o solo da erosão?
e) Observe como o geólogo se veste. Por que ele usa luvas e capacete?
Se for necessário, pesquise no livro de Geografia, na Biblioteca e na Internet ou converse sobre o assunto com o professor de Geografia para responder a essas questões.
Atividade 10
1) d) Para que serve o movimento sindical/sindicato?
2) a) A atividade realizada por Cascão pode ser considerada trabalho braçal? Por quê?
3) Você conhece alguém que trabalha como doméstica? Como essa pessoa parece ser tratada pelos patrões e pela sociedade? Você acha que esse é um trabalho devidamente valorizado? Por quê?

Fonte: elaborado pela autora. (Imagens extraídas da Revista Chico Bento, n.225, 1995)

Na HQ "Estudar é preciso", o uso de termos próprios das áreas de estudo citadas ajudam a estruturar – e defender – o discurso de que os conteúdos estudados na escola se relacionam às

profissões, em especial, àquelas relacionadas à preservação ambiental. Evidenciar isso, conforme se propõe na atividade 3, ajuda o aluno/leitor a aprofundar a compreensão, bem como perceber o propósito das informações trazidas no texto.

Na leitura, um outro aspecto importante para a construção de sentidos são os usos das expressões referenciais para introduzir, recuperar e categorizar os objetos (pessoas, temas, espaço, tempo, etc.) no texto. Esses usos são chamados de referenciação, termo que designa "a atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) depreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais." (CAVALCANTE, 2011, p. 98). Nos quadrinhos, esse processo se dá por meio das figuras e das falas dos personagens. Assim, ao se destacar a leitura das imagens, especialmente quando se trata dos desenhos que representam os personagens, trabalha-se com esse aspecto. Não foram abandonadas, neste caso, as expressões linguísticas, analisadas sempre que pertinentes, bem como os recursos da língua para causar, junto com a imagem, o efeito de humor.

Foi feita também a leitura de textos de diferentes gêneros – não-ficcionais, informativos, temáticos – para a ampliação de conhecimento disponível acerca da esfera do Trabalho, a fim de ter maior bagagem para a identificação de discursos nas HQ. A partir tanto do conhecimento de mundo prévio quanto do adquirido a partir do acesso a outros textos, os alunos foram levados também a levantar hipóteses sobre alguns acontecimentos das histórias. Exemplos de tais procedimentos podem ser encontrados nas Atividades 2, 5, 10, 11, 12 e 14 (vide Caderno de Atividades – Anexo 1). Dessa forma, foram contemplados os critérios 15, 19 e 20 (anexo 6).

Todas as atividades do plano de ensino usam das estratégias de compreensão e de apreciação e réplica elencadas por Rojo (2004), a saber: ativação de conhecimentos de mundo; checagem de hipóteses; localização de informações; comparação de informações; generalizações; inferências; percepção de relações de intertextualidade; percepção de relações de interdiscursividade; e elaboração de apreciações relativas a valores éticos. Dessa forma, a leitura das HQ não apenas se deu como uma leitura gratuita (GERALDI, 2012, p. 97), mas uma leitura que mobilizou conhecimentos.

Da mesma maneira que se fez para se perceber mais objetivamente o impacto do plano de ensino no conhecimento dos alunos acerca do tema Trabalho, serão apresentados os dados gerados a partir dos questionários de compreensão textual de quadrinhos (Anexo 5) em suas duas aplicações, sendo que a primeira se deu em agosto/2017 e a segunda, em novembro/2017. Os questionários se compõem tanto de questões abertas/discursivas, isto é, que exigem a elaboração de um pequeno texto escrito (desde uma palavra até um pequeno parágrafo), e de questões fechadas/ de múltipla escolha As tabelas 18 a 22 adiante, elaboradas para organização dos dados, apresentam: 1) os itens, que são equivalentes às questões; 2) o critério predominante

na questão, indicado por número correspondente conforme Anexo 6; 3); os dados da aplicação nas duas aplicações (1º e 2º momentos); 4) o resultado simplificado da comparação das duas aplicações.

Na coluna “erros”, os números indicam a quantidade de respostas que se distanciaram do que foi solicitado pela questão e que não estavam em conformidade com a análise do texto a partir dos critérios para análise do discurso e seus constituintes. Na coluna “acertos”, os números indicam a quantidade de marcações/respostas que mais se aproximaram daquela análise. É importante ressaltar que a dicotomia “erros” e “acertos” foi feita apenas para facilitar a visualização dos resultados nas tabelas. Para chegar a essa organização, foi feita uma análise bastante criteriosa das respostas, numa perspectiva de aproximação e distanciamento das respostas aceitáveis de acordo com o texto, aqui entendido como “uma unidade de linguagem dotada de sentido e (...) [que] cumpre um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura, em que se situam os participantes desta enunciação.” (CAVALCANTE, 2011, p.17).

Na análise das respostas, especialmente das questões discursivas – aquelas em que o aluno precisava escrever (uma palavra até um pequeno parágrafo) – considerou-se a princípio o conteúdo, marcado especialmente pelas escolhas lexicais, e sua pertinência em relação à questão. Neste caso, foram também contabilizadas na coluna “erros” as respostas que apenas repetiram parte do enunciado da questão e as respostas em branco ou em que se escreveu “não sei”. No Quadro 12, há um exemplo sobre como isso foi feito na questão 9 do questionário 3.

Quadro 12 – Análise de questão discursiva

Questão 9 - Por que o primo de Chico diz "Si ocê ficá rico, num vai isquecê di mim, tá"?

Legenda para organização das respostas:
1) Associou a frase ao senso comum de que as pessoas ricas são esnobes e se distanciam das pessoas consideradas pobres, mesmo que elas sejam parentes
2) Associou a frase ao fato de que o profissional médico veterinário é considerado rico, distinto, pertencente a uma classe diferente da do Zé Lelé
3) Percebeu o verbo esquecer usado em sentido figurado, como uma ajuda financeira, uma divisão da vantagem conseguida.
4) explicação insuficiente
5) informação sem respaldo textual.
6) repetição (texto ou questão)

Respostas da 1ª aplicação
- Para ele não se esquecer dele e de sua amizade.
- Porque ele é pobre.
- Porque se Chico Bento ficar rico, o Zé Lelé perguntou se não ia esquecer dele não.
- Porque a maioria dos ricos fica tão rico que esquece dos familiares.
- Porque ele quis dizer para não esquecer porque ele irá ficar famoso.
- Para o Chico não esquecer.
- Porque ele pode ir embora.
- Para que o primo não se esqueça dele quando o primo estiver rico.
- Porque a riqueza faz as pessoas desfazerem amizades.
- Porque Chico talvez vai ficar rico e o primo dele quer que ele dê um pouco de dinheiro.
- Pois se o Chico Bento ficar rico não é para esquecer dele ali sozinho.
- Por causa da profissão.

Resultado: 6 respostas remeteram aos itens 1, 2 e 3 que estão em conformidade com possíveis leituras do texto e são pertinentes à questão e 6 remeteram aos itens 4 e 6 que se distanciam da questão ou repetem o texto. As 3 respostas que remeteram ao item 1 também podem ser consideradas insuficientes.

Respostas da 2ª aplicação
- Para mesmo ele bem sucedido não esquecer da família.
- Porque na maioria das vezes a pessoa que fica rica se esquece das pessoas que te ajudaram antes.
- Porque o primo de Chico sabe que essa profissão ganha muito dinheiro por isso falou para Chico.
- Que ele também quer um pouco da grana e não se esquecer dos velhos amigos.
- Porque veterinário ganha muito dinheiro.
- Porque ele acha que se Chico ficar rico e ganhar um bom salário poderia se esquecer dele.
- Porque ele acha que se o Chico ficar rico, pode ficar metido.
- Porque quase sempre quando alguém fica rico esquece de todos ao seu redor.
- Pois é muito difícil você ficar rico mas não esqueça de mim.
- Ele diz isso porque ele gosta muito do Chico e não poderia deixar o Chico rico se esquecer dele.
- Porque ele achava que o Chico iria dar dinheiro a ele.
- Pois os ricos se acham só porque têm dinheiro.

Resultado: 10 respostas remeteram aos itens 1, 2 e 3 ("acertos") e 2 remeteram aos itens 5 e 6 ("erros"). 1 resposta combinou dois itens diferentes. Em relação às respostas da 1ª aplicação, a organização dessas respostas foi linguisticamente melhor, não havendo respostas consideradas "explicações insuficientes".

Fonte: elaborado pela autora.

Assim, os dados dos questionários foram organizados nas Tabelas 18, 19, 20, 21 e 22. As questões que solicitavam resposta objetiva e uma justificativa, foram divididas em dois

critérios, já que alguns informantes fizeram apenas uma das partes. Isso também aconteceu nas questões de julgamento de afirmativas como verdadeiras ou falsas.

Tabela 18 – Resultados do questionário 1

ITENS	Critérios	1º momento		2º momento		Resultado Geral
		Erros	Acertos	Erros	Acertos	
Questão 1	2	0	12	0	12	Não houve mudança. Todos acertaram.
	2	2	10	0	12	Aumento de acertos. Todos acertaram.
Questão 2	17	3	9	0	12	Aumento de acertos. Todos acertaram.
Questão 3	5	2	10	1	11	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	18	3	9	5	7	Aumento de erros.
Questão 4	4	0	12	3	9	Aumento de erros.
	18	3	9	5	7	Aumento de erros.
Questão 5	6	4	8	2	10	Aumento de acertos.
Questão 6	17	1	11	0	12	Mudança pouco significativa. Todos acertaram.
Questão 7	6	3	9	1	11	Aumento de acertos. Maioria acertou.
Questão 8	1/16	7	5	3	9	Aumento de acertos.
Questão 9	1/6	1	11	1	11	Não houve mudança. Maioria acertou.
	3/6	4	8	3	9	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa.
	3/6/7	4	8	3	9	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa.
	1/10	4	8	5	7	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
Questão 10	14	2	10	3	9	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
	6	4	8	2	10	Aumento de acertos. Maioria acertou.
	17	7	5	7	5	Não houve mudança.
	1	6	6	3	9	Aumento de acertos.

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 19 – Resultados do Questionário 2

ITENS	Critérios	1º momento		2º momento		Resultado Geral
		Erros	Acertos	Erros	Acertos	
Questão 1	4	0	12	0	12	Não houve mudança. Todos acertaram.
Questão 2	17	3	9	3	9	Não houve mudança.
	18	9	3	3	9	Aumento de acertos.
Questão 3	5	2	10	0	12	Aumento de acertos. Todos acertaram.
	18	8	4	3	9	Aumento de acertos.
Questão 4	6/18	8	4	5	7	Aumento de erros.
Questão 5	1	8	4	6	6	Aumento de erros.
Questão 6	17	6	6	6	6	Não houve mudança.
	6	1	11	0	12	Mudança pouco significativa. Todos acertaram.
	6	4	8	3	9	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa.
	17	6	6	7	5	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
	6/17	1	11	2	10	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
Questão 7	16	5	7	2	10	Aumento de acertos. Maioria acertou.

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 20 – Resultados do Questionário 3

ITENS	Critérios	Questionário 3				Resultado Geral
		1º momento		2º momento		
		Erros	Acertos	Erros	Acertos	
Questão 1	2	0	12	1	11	Aumento de erros. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	2	2	10	2	10	Não houve mudança. Maioria acertou.
Questão 2	5	2	10	3	9	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
	18	7	5	4	8	Aumento de acertos.
Questão 3	4	2	10	1	11	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	18	3	9	2	10	Mais acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
Questão 4	1	1	11	0	12	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Todos acertaram.
Questão 5	3	0	12	0	12	Não houve mudança. Todos acertaram.
Questão 6	6/15	2	10	1	11	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	6	2	10	3	9	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
	6	2	10	0	12	Aumento de acertos. Todos acertaram.
	6	10	2	6	6	Aumento de acertos.
Questão 7	3	0	12	0	12	Não houve mudança. Todos acertaram.
Questão 8	15/16	4	8	2	10	Aumento de acertos. Maioria acertou.
Questão 9	7/11/15	6	6	2	10	Aumento de acertos. Maioria acertou.
Questão 10	15/18	4	8	2	10	Aumento de acertos. Maioria acertou.
	6/15	2	10	1	11	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	1/6/14	2	10	2	10	Não houve mudança. Maioria acertou.
	6/11	10	2	4	8	Aumento de acertos.
	1/6	7	5	5	7	Aumento de acertos.
	6/18	1	11	1	11	Não houve mudança. Maioria acertou.
Questão 11	6/17	1	11	0	12	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Todos acertaram.

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 21 – Resultados do Questionário 4

ITENS	Critérios	Questionário 4				Resultado Geral
		1º momento		2º momento		
		Erros	Acertos	Erros	Acertos	
Questão 1	2	6	12	10	9	Aumento de erros.
Questão 2	5	4	14	0	19	Aumento de acertos. Todos acertaram.
	18	8	10	7	12	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa.
Questão 3	4	11	7	7	12	Aumento de acertos.
	18	8	9	4	15	Aumento de acertos.
Questão 4	6	0	18	2	17	Aumento de erros. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
Questão 5	12	3	15	2	17	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
Questão 6	1/16	4	14	17	2	Aumento de erros. Maioria errou.

(continua)

ITEM	Critérios	1º momento		2º momento		Resultado Geral
		Erros	Acertos	Erros	Acertos	
Questão 7	1	3	15	3	16	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
Questão 8	6	7	11	10	9	Aumento de erros.
Questão 9	6	6	12	3	16	Aumento de acertos. Maioria acertou.
	6	2	16	1	18	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	6	2	16	0	19	Aumento de acertos. Todos acertaram.
	6/15	3	15	5	14	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
	6	4	14	5	14	Mudança pouco significativa.
	1	6	12	9	10	Aumento de erros.
Questão 10	15	7	11	10	9	Aumento de erros.
	15	8	10	14	5	Aumento de erros.

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 22 – Resultados do Questionário 5

ITENS	Critérios	Questionário 5				Resultado Geral
		1º momento		2º momento		
		Erros	Acertos	Erros	Acertos	
Questão 1	2	5	13	5	13	Não houve mudança.
Questão 2	5	3	15	1	17	Aumento de acertos. Maioria acertou.
	18	4	14	5	13	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
Questão 3	4	4	14	3	15	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
Questão 4	3	2	16	4	14	Aumento de erros.
Questão 5	17	3	15	3	15	Não houve mudança. Maioria acertou.
Questão 6	6	9	9	6	12	Aumento de acertos.
Questão 7	12	6	12	6	12	Não houve mudança.
Questão 8	6	7	11	9	9	Aumento de erros.
Questão 9	6	13	5	12	6	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa.
	1/6	3	15	2	16	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa. Maioria acertou.
	3/6	5	13	3	15	Aumento de acertos. Maioria acertou.
	6	3	15	1	17	Aumento de acertos. Maioria acertou.
	3/15	3	15	4	14	Aumento de erros. Mudança pouco significativa.
Questão 10	14	9	9	8	10	Aumento de acertos. Mudança pouco significativa.
Questão 11	14/16	7	11	7	11	Não houve mudança.

Fonte: elaborado pela autora.

24 alunos responderam ao questionário 1 (12 em agosto e 12 em novembro), 24 ao questionário 2 (12 em agosto e 12 em novembro), 24 ao questionário 3 (12 em agosto e 12 em novembro), 37 ao questionário 4 (18 em agosto e 19 em novembro) e 36 ao questionário 5 (18 em agosto e 18 em novembro).

De uma maneira geral, houve considerável avanço nas habilidades de leitura verificadas pelos questionários, na medida em que os resultados revelam aumento na quantidade de acertos, ao se comparar as respostas da primeira e da segunda aplicação. Há também uma consolidação nas habilidades dos alunos de identificarem alguns dos 21 critérios linguísticos para análise do discurso e seus constituintes, a saber: (2) participantes/personagens; (3) temas; (4) localização espacial e (5) localização temporal. Estes foram identificados pela maioria do grupo pesquisado em suas diversas formas de apresentação e em variados níveis de dificuldade.

Vale ressaltar que as respostas às questões discursivas, em todos os questionários, apresentaram mostram melhoria na argumentação, da aplicação feita em agosto em relação à feita em novembro, que passa a ser menos superficial, melhor embasada, e na ampliação vocabular sobre o tema. Ou seja, houve avanço no conhecimento de mundo a respeito do tema, o que interferiu nas habilidades leitoras dos alunos, sendo constatado, portanto, alcance no objetivo de desenvolver as habilidades linguísticas dos estudantes. Verificou-se isso ao comparar as informações usadas nas respostas às questões discursivas, conforme a Tabela 23, onde se registram as ocorrências de menções aos quatro tipos de informações usadas para respondê-las: 1) descrição da imagem e das cores; 2) referência ao texto verbal presente na tirinha; 3) informações sobre o personagem que não estão explícitas na tirinha; e 4) referência ao conhecimento de mundo para construção da coerência. Na tabela, os números indicam as quantidades de respostas que usaram as informações nas variadas questões discursivas. Algumas respostas, especialmente na 2ª aplicação, usaram mais de um desses recursos.

Tabela 23 – Informações presentes nas respostas elaboradas pelos alunos

	Imagem		Texto verbal		Personagem		Conhecimento de mundo	
	Ago.	Nov.	Ago.	Nov.	Ago.	Nov.	Ago.	Nov.
Questionário 1	24	30	11	12	2	5	9	14
Questionário 2	7	14	1	2	0	4	2	4
Questionário 3	11	13	3	0	5	11	4	13
Questionário 4	9	1	0	0	0	5	2	7
Questionário 5	24	19	0	0	0	6	6	5

Fonte: elaborado pela autora.

Diante dos dados aqui apresentados e de sua análise, pode se afirmar que a pesquisa cumpriu seus propósitos maiores, na medida em que foi criado e aplicado um plano de ensino ancorado teórica e metodologicamente na Linguística Textual e na Análise do Discurso. A aplicação do plano de ensino revelou seus alcances e limitações. Os alunos participantes assimilaram muitas das informações sobre o tema norteador, Trabalho, e passaram a usar mais recursos para a leitura, mobilizando não só o conhecimento da língua, mas também todos os outros necessários. Porém não foram capazes ainda de usar suas habilidades para uma leitura

mais profunda e criteriosa, certamente porque as estratégias usadas ainda não os levaram a isso. Por outro lado, Possenti (2012, p. 37) afirma que "o passar do tempo é um fator importante de aprendizado linguístico, porque implica a interação social cada vez mais complexa para o aluno que vai crescendo." Ou seja, o trabalho aqui iniciado no 6º ano precisará continuar nas séries seguintes para colaborar para o desenvolvimento das habilidades ainda não consolidadas.

5.4. Da avaliação feita pelos alunos

Por meio de um pequeno questionário, compilado no Quadro 13, durante o seminário final de avaliação das aulas, feito depois da realização de todo o trabalho, incluindo os questionários diagnósticos finais, 65 alunos registraram suas impressões sobre a pesquisa, bem como o próprio processo de aprendizagem.

Quadro 13 – Roteiro de avaliação

Questionário avaliativo sobre o projeto

1) O que você achou **das aulas** de Português durante o projeto?
( ) Desinteressantes/cansativas.
( ) Um pouco interessantes.
( ) Interessantes.
( ) Melhores do que as aulas convencionais.
( ) Iguais às aulas convencionais.
( ) Piores do que as aulas convencionais.
( ) Outro:_____
Comentário/Explicação para a resposta dada:

2) Qual a sua opinião sobre **o tema** destacado durante o projeto (TRABALHO)?
( ) Importante. ( ) Interessante.
( ) Pouco interessante. ( ) Difícil.
( ) Fácil. ( ) Outro:_____
Comentário/Explicação para a resposta dada:

3) Qual a sua sugestão para melhoria das aulas do projeto? (O que poderia ser feito diferente?)

4) O que você aprendeu durante o projeto?

5) Você acha que foi importante para a sua vida fora da escola? Por quê?

Fonte: elaborado pela autora.

No primeiro item, avaliaram as aulas dadas: 38 marcaram a opção "interessantes"; 29, "melhores do que as aulas convencionais"; 6, "um pouco interessantes" e "iguais às aulas convencionais"; 2, "desinteressantes/cansativas", 1, "piores do que as aulas convencionais"; e 6 caracterizaram as aulas como (sic) "ótimas", "legais e divertidas", "desestressantes". Alguns alunos marcaram mais de uma opção e, embora a maior novidade no nível de recursos pedagógicos tenha sido a revistinha, as aulas parecem ter chamado mais a atenção dos alunos do que quando se usam a fotocópia e/ou o livro didático.

Em relação ao tema “Trabalho”, 35 o consideraram “importante”; 26, “interessante”; 11, “fácil”; 3, “pouco interessante” e “difícil”. Tais respostas comprovam o suposto de que os alunos se interessam pelo tema. Nos comentários, os alunos destacaram algumas vantagens desse plano de ensino: ler uma revistinha, o método de leitura – cada um ler como se fosse um personagem, discutir sobre a esfera do Trabalho, na qual terão de se inserir logo, e redução de material – já que não precisaram carregar o livro didático, a revistinha e as atividades fotocopiadas são mais fáceis de manusear. Um aluno, porém, escreveu (sic) “ eu não acho importante e as aulas normais é mais importante”, revelando que permanece, mesmo que com menor expressão, a visão da aula tradicional, de gramática, como mais eficiente para o ensino, mesmo que desvinculada de temas da vida social.

Na questão 3, as sugestões dadas para melhoria do plano foram o uso de vídeos/filmes com as historinhas lidas, fazer as atividades fora da sala, dramatizar as HQ, transformá-las em teatro e produzir histórias em quadrinhos. A maioria (23 alunos), porém, afirmou que não havia sugestões a serem feitas, pois gostaram da maneira como as aulas foram conduzidas.

Quando solicitados a mencionar o que aprenderam com as aulas, 22 alunos destacaram tópicos a respeito do Trabalho, tais como os direitos trabalhistas, a necessidade de valorização dos trabalhadores, o conhecimento sobre diversas profissões, o fato de eles não poderem trabalhar, etc. Outros 10 mencionaram tópicos da aprendizagem linguística, sobre leitura, interpretação e variação linguística – (sic) “o modo que o Chico fala não é errado e sim diferente”. Os demais deram respostas mais vagas, variando entre “muitas coisas novas” e “nada”.

A maioria dos alunos afirmou no último item que os conhecimentos adquiridos serão levados para além da sala de aula, destacando principalmente o fato de ser importante saber sobre o Trabalho, já que, no futuro, serão trabalhadores, segundo eles, conscientes dos seus direitos e sabendo ser necessário valorizar todos os profissionais.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitos documentos oficiais sobre a educação formal que vêm incentivando o uso de quadrinhos no ensino, não só de Língua Portuguesa, mas também de outras áreas, tendo em vista a sua linguagem multimodal, a abrangência temática e a ampla aceitação pelo público estudante. Há muitos autores que recomendam o uso dos quadrinhos na sala de aula e apontam as possibilidades de trabalho, com os mais variados quadrinhos: cartum, HQ, charge, tirinha, mangá, entre outros.

Porém, muitas vezes os quadrinhos aparecem nas aulas de língua materna apenas para se destacar um aspecto gramatical ou como complemento de leitura, sem o *status* de outros gêneros textuais consagrados como a crônica ou o poema. Às vezes, eles até aparecem como texto principal de alguma unidade de livro didático, mas as atividades de leitura se encerram na superficialidade do texto: priorizam-se as estruturas do gênero em detrimento de outros aspectos da leitura multimodal, preocupando-se apenas em nomear os tipos de balões e valorizando-se a presença das onomatopeias como recurso linguístico, por exemplo. Dessa maneira, dificilmente se formará um leitor capaz de realizar a *dupla leitura* e os quadrinhos permanecerão como um gênero infantil, de fácil leitura, um gênero textual inferior, sendo, na verdade, um gênero pouco ou mal explorado pela escola; e muitos leitores continuarão sem entender muitos cartuns e charges.

Assim, o trabalho aqui apresentado é um avanço na medida em que traz uma proposta concreta de uso de quadrinhos na escola, com vistas a desenvolver as habilidades de leitura, em uma abordagem diferente da tradicionalmente dada pelos livros didáticos. Esse foi um dos grandes desafios da pesquisa, pois, embora exista muita produção acadêmica direcionando o fazer pedagógico e apontando os problemas no que vem sendo feito, são raros os modelos de planos de ensino ou oficinas didáticas que apresentem sugestões práticas para um trabalho melhor com os quadrinhos na escola. Embora as revistas em quadrinhos sejam um material barato em relação aos livros literários, por exemplo, é ainda muito difícil a escola oferecer recursos para o uso dos quadrinhos em sala de aula, já que as escolas dificilmente adquirem mais de um exemplar da mesma revistinha. Uma alternativa são as fotocópias, mas estas reduzem o aproveitamento da linguagem não verbal na medida em que se perdem as cores.

Os procedimentos de leitura são muito discutidos mas são pouco ensinados, ou são trabalhados sem fundamento teórico consistente, de forma que muitos alunos consideram difícil desenvolver essa habilidade. Não é raro ouvi-los dizer que compreender textos é adivinhar a interpretação, a opinião do professor. Muitas vezes, não se ensina a fazer a leitura, a compreensão de texto, mas espera-se que o aluno a desenvolva durante os anos escolares, sem

oferecer a ele o instrumental para isso. Falta ao professor o subsídio acadêmico para trabalhar os textos de forma a desenvolver a leitura criteriosa e proficiente. O presente trabalho tentou lançar luzes neste aspecto e se confirmou que ainda há muito a ser feito, na medida em que é muito difícil conduzir um leitor da superfície textual ao nível do discurso e do interdiscurso, já que, para isso, é preciso um conhecimento mais abrangente não só da língua, mas também de mundo.

Diante da análise dos dados da pesquisa, fica confirmada também a importância de se desenvolver aulas pautadas no tema transversal Trabalho. Isso porque ficou evidente que os alunos já têm algum conhecimento sobre o assunto, mas é necessário aprofundar e esclarecê-lo mais, de forma a desenvolver o raciocínio crítico dos estudantes diante dos discursos a que estão expostos, bem como em relação ao mundo do Trabalho no Brasil, que é bastante complexo. É importante perceber também que, em um curto espaço de tempo, há mais dificuldade para os alunos se apropriarem das novas informações sobre o tema, já que, como afirmam os PCN, o conhecimento adquirido previamente é mais persistente. Sugere-se, assim, que se insista no debate da temática em sala de aula durante todo o ensino fundamental, de forma a se aprofundar um pouco mais a cada ano, ao invés de se tratar sobre o tema apenas quando os alunos tiverem uma relação mais direta com o trabalho – como acontece no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos - EJA.

No 6º ano do ensino fundamental, o uso de HQ do personagem Chico Bento colaborou para que a temática fosse trazida de forma mais acessível e mais atrativa para a sala de aula, uma vez que os alunos dessa faixa etária estão acostumados com a linguagem dos quadrinhos. As HQ, por sua riqueza de recursos linguísticos e semióticos, permitiram o desenvolvimento de habilidades leitoras.

Espera-se, enfim, que a proposta aqui apresentada incentive a elaboração de outras propostas para a sala de aula, dando ao tema Trabalho e à leitura o *status* que eles demandam dentro da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos.* In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 3 ed. (p.37-46.)

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade*: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução: Stela Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998b. p.339-406.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998c. p.1-42. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf.>. Acesso em: 30 out. 2016.

CALDEIRA, Dulcinéia Lírio; GONÇALVES, Denise dos Santos. *Discussões sobre trabalho com suporte em crônicas brasileiras sobre trabalhadores*: temas transversais em um contexto de letramento digital. In: FARIA, Antônio A. M. de; GONÇALVES, Denise dos S.; SOARES, Maria J. H. (org.). *Linguagem, trabalho, educação e cultura*. Belo Horizonte: Viva Voz – FALE/UFMG, 2016. p.71-88.

CAVALCANTE, Mônica M.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Teresina, v.12, n.2, 2010.

CAVALCANTE, Mônica M. Texto, contexto e coerência. In.: _____. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 15-42.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Texto, textualidade e textualização*. In: CECCANTI, J. L T.; PEREIRA, R.; ZANCHETTA Jr., J. *Pedagogia cidadã*: cadernos de formação: Língua Portuguesa, v. 1. São Paulo: UNESP, 2004.

DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.3, n.2, p.19-26, jun. 2002.

FARIA, Antonio Augusto Moreira de. Operários de mineração, personagens do discurso literário e do histórico*:* considerações linguísticas. In: FARIA, Antônio A. M. de; GONÇALVES, Denise dos S.; SOARES, Maria J. H. (org.). *Linguagem, trabalho, educação e cultura*. Belo Horizonte: Viva Voz – FALE/UFMG, 2016. p.115-156.

FIORIN, J.L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. *Prática de leitura na escola.* In: _____ (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Tropo. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Tatiana Komesu. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. (p.487-488)

KLEIMAN, Angela B. Letramento na contemporaneidade. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.

LANE, Philippe. Tema/Rema. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Tatiana Komesu. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. (p.463-464)

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. *A formação do produtor de texto escrito na escola:* uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys (orgs.). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto*: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Ceale – Coleção Linguagem e Educação), p.53-67.

MAINGUENEAU, Dominique. (tradução de Sírio Possenti) *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. Interdiscurso. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Tatiana Komesu. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. (p.286-287)

_____. Intertextualidade. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Tatiana Komesu. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. (p.288-289)

_____. Memória discursiva. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Tatiana Komesu. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. (p.325-326)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais:* definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 3 ed. (p.19-36.)

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. *Um gênero quadro a quadro*: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 3 ed. (p.194-207.)

PLANTIN, Christian. Verossímil. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Tatiana Komesu. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. (p.493-494)

POSSENTI, Sírio. *Sobre o ensino de português na escola.* In.: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula.* São Paulo: Anglo, 2012. (p.32-38)

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RANGEL, E. de O. *Educação para o convívio republicano*: o ensino de Língua Portuguesa pode colaborar para a construção da cidadania? In: RANGEL, E. de O.; ROJO, R. H. R. (coord.). *Língua Portuguesa*: ensino fundamental. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 19). (p.183-200).

REVISTA ALMANAQUE DO CHICO BENTO, 63, 2017.

REVISTA ALMANAQUE DO CHICO BENTO, 66, 2017.

REVISTA CASCÃO, 294, 1998.

REVISTA CHICO BENTO, 107, 1991.

REVISTA CHICO BENTO, 169, 1993.

REVISTA CHICO BENTO, 171, 1993.

REVISTA CHICO BENTO, 191, 1994.

REVISTA CHICO BENTO, 211, 1995.

REVISTA CHICO BENTO, 225, 1995.

REVISTA CHICO BENTO, 257, 1996.

REVISTA CHICO BENTO, 263, 1996.

REVISTA CHICO BENTO, 268, 1997.

REVISTA CHICO BENTO, 270, 1997.

REVISTA CHICO BENTO, 311, 1998.

REVISTA CHICO BENTO, 392, 2002.

REVISTA MÔNICA, 19, 2016.

ROJO, Roxane. *Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos.* In: _____ (org.). Escol@ conectada, os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.* São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

_____. *Pedagogia dos multiletramentos*: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena R. (org.). *Multiletramentos na escola.* São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.11-32.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*: as muitas facetas. In: 26ª Reunião anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.

SOUSA, Maurício de. *Maurício*: a história que não está no gibi. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Quadrinhos infantis*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). *Quadrinhos na educação*: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009, p.159-184.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Os quadrinhos (oficialmente) na escola:* dos PCN ao PNBE. In: _____ (Org.). *Quadrinhos na educação*: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009, p.9-42.

ANEXOS

ANEXO 1 – CADERNO DE ATIVIDADES

Atividade 1

QUESTÕES SOBRE A HQ "TRABALHO EM GRUPO"

1) Liste os personagens da HQ "Trabalho em Grupo".

2) Observe que, na HQ, os personagens são caracterizados de forma verbal (palavras) e não verbal (desenhos). Cite os nomes dos personagens que podem se encaixar nos grupos abaixo, justificando seus exemplos.
a) Personagens adultos:
b) Personagens crianças:
c) Personagens principais (protagonistas):
d) Personagens responsáveis:
e) Personagens irresponsáveis:
f) Personagens ricos:
g) Personagens pobres:
h) Personagens com dificuldades na escola:
i) Personagens com facilidades na escola:

3) Releia a HQ se atentando para a participação de Dona Marocas, a professora de Chico Bento (observe suas falas, as expressões faciais e a postura dela em sala de aula). Responda:
a) Que características você daria a ela, a partir da HQ?
b) Como é a relação entre a professora e os alunos?
c) É possível dizer que ela gosta de sua profissão? Por quê?

4) Liste os espaços onde a história se desenvolve. Descreva-os conforme sua caracterização na HQ.

Exemplo: Sala de aula – escreva o que indica que o espaço é a sala de aula, como são as carteiras dos alunos, como é a mesa do professor, etc. Caminho de volta da escola – ...

5) Pensando na descrição da sala de aula de Chico Bento, faça uma comparação com a sua sala de aula: o que elas têm de semelhante? E de diferente? Na sua opinião, qual parece ser melhor? Por quê?

6) Apesar de contar uma história, muitas HQ não possuem narrador.
a) Como a história na HQ é contada sem ter um narrador? Isto é, como você, leitor, percebe a sequência dos acontecimentos dentro da HQ?
b) Qual é a função do narrador dentro desta HQ?

7) O espaço geral da narrativa nesta HQ é o ambiente rural. Qual outro fato, além dos desenhos, confirma essa afirmação?

8) Atente-se para as falas dos personagens.
a) Por que há diferenças entre a linguagem usada por alguns personagens?
b) Há diferenças na linguagem de Chico Bento dentro e fora da escola? Justifique sua resposta.

9) Releia os três primeiros quadrinhos da HQ e responda:
a) Por que a aluna diz "Ah, fessora... é qui trabaio im grupo... dá um trabaio!"?
b) A professora usa linguagem figurada quando diz "Não tem choro!", afinal, não havia aluno chorando. Que outra expressão pode esclarecer aquela usada pela professora?

10) Nos dois últimos quadrinhos da página 103, o grupo de trabalho está escolhendo um nome para a equipe.
a) Por que os personagens estavam rindo?

b) Que outros nomes de equipe poderiam gerar o mesmo efeito?

11) a) Quanto tempo os alunos tiveram para se preparar para a apresentação do trabalho?
b) Em que dia da semana provavelmente o trabalho foi marcado? E em que dia da semana foi feita a apresentação?

Busque pistas no texto que o ajude a responder essas questões. Se necessário, faça marcações no calendário abaixo, indicando o que eles fizeram em cada dia do prazo do trabalho (por exemplo, o dia em que a professora marcou o trabalho, o primeiro encontro na casa do Zé da Roça, o segundo, etc.).

Agosto 2017

Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

icalendario.pt

12) Numere as frases abaixo, colocando as frases de acordo com a ordem em que acontecem no texto. Assim, 1 indicará a primeira ação, 2, a segunda e assim por diante, até a ação 13.
( ) Chico Bento se dá conta de que terá que fazer o trabalho de História somente com o Zé Lelé.
( ) O empregado informa que Zé da Roça viajou com os pais e só volta no final de semana.
( ) Zé da Roça assume o compromisso de fazer a pesquisa e o resumo.
( ) Chico Bento nada no ribeirão antes de ir para a reunião do grupo.
( ) A professora marca um trabalho em grupo para o mês seguinte.
( ) Todos os alunos pedem para fazer o trabalho com Chico.
( ) A professora marca o trabalho sobre Aleijadinho.
( ) Zé Lelé e Chico apresentam o trabalho na escola.
( ) Chico e Zé Lelé descobrem que Hiro está doente.
( ) Hiro dá a ideia de dividirem as tarefas.
( ) O grupo dá um nome para a equipe.
( ) Os alunos se organizam em grupos.
( ) Chico faz os desenhos.

13) O que é o “trabalho em grupo” dentro da escola?

14) a) Por que, no início da história, Chico Bento afirma gostar de trabalho em grupo na escola?
b) No final da HQ, a opinião dele permanece a mesma? Por quê?

15) No início da página 102, a professora afirma que “A gente aprende muito num trabalho em grupo”.
a) O que se pode aprender em um trabalho em grupo?
b) O que Chico Bento aprendeu em seu trabalho?
c) O que Zé Lelé aprendeu no trabalho em grupo?

16) Quais os recursos usados por Chico Bento desde a pesquisa até a apresentação do trabalho sobre Aleijadinho? Você faria do mesmo jeito que ele? Explique sua resposta.

17) Com quem Chico Bento conversa no primeiro quadrinho da página 101? A quem a professora dirige sua fala no início da página 102?
18) A mudança de espaço na HQ, às vezes, acontece de repente, como nos dois primeiros quadrinhos da página 102. Sobre isso, responda:
a) Qual é o espaço do primeiro quadrinho?
b) Qual é o espaço do segundo quadrinho?

c) O que provavelmente aconteceu entre o primeiro e o segundo quadrinho?
d) A mudança brusca da situação de um quadrinho para o outro prejudica o entendimento da HQ? Por quê?
e) Identifique na HQ outro momento em que essa situação ocorre.

19) Quais das informações abaixo você pode obter somente com a HQ sobre Aleijadinho?
( ) É um personagem importante na História do Brasil.
( ) O motivo do personagem ter esse apelido.
( ) A razão de Aleijadinho ser importante.
( ) O período em que Aleijadinho viveu.
( ) Alguns dos trabalhos de Aleijadinho.
( ) Há livros sobre esse personagem.
( ) O nome verdadeiro de Aleijadinho.
( ) O trabalho de Aleijadinho.
( ) Como Aleijadinho morreu.
( ) A cidade onde ele nasceu.
( ) Retrato de Aleijadinho.

20) Compare as fotos abaixo das esculturas dos 12 profetas de Aleijadinho aos desenhos de Chico (p.111). A quais das fotos dos profetas os desenhos correspondem?

Atividade 2

QUESTÕES PARA COMPREENSÃO DA HQ “O SEGREDO”

1) Escreva em seu caderno as operações matemáticas feitas por Chico Bento nos momentos abaixo:

a)

b)

c)

d)

2) Responda:

a) Qual foi a atitude de Chico Bento diante da situação abaixo? Por quê?

b) Leia o texto abaixo, extraído do Estatuto do Idoso, e responda: Chico Bento agiu de acordo com a lei? Se sim, marque de amarelo as partes que ele atendeu.

§ 1º A garantia de prioridade compreende: (Redação dada pela Lei nº 13.466, de 2017)

I – atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II – preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;

III – destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;

IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações;

V – priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

VI – capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos;

VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento;

VIII – garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais.

IX – prioridade no recebimento da restituição do Imposto de Renda. (Incluído pela Lei nº 11.765, de 2008).

§ 2º Dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se suas necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos. (Incluído pela Lei nº 13.466, de 2017)

Art. 4o Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

§ 1o É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso.

§ 2o As obrigações previstas nesta Lei não excluem da prevenção outras decorrentes dos princípios por ela adotados.

Art. 5o A inobservância das normas de prevenção importará em responsabilidade à pessoa física ou jurídica nos termos da lei.

Art. 6o Todo cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento.

Trecho do Estatuto do Idoso. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em 28/07/2017.

c) Na sua opinião, por que existe o atendimento preferencial?

Atividade 3

QUESTÕES SOBRE A HQ "ESTUDAR É PRECISO"

1) Liste os personagens da HQ.

2) Na HQ nem sempre aparece o narrador. No caso dessa historinha, qual é a função do narrador?

3) Escreva os lugares onde ocorrem as ações, na ordem em que aparecem nessa HQ.

4) O que provavelmente aconteceu antes do 1º quadrinho entre Chico Bento e sua mãe? Comprove sua resposta a partir de elementos da HQ.

5) Qual é a opinião dos personagens abaixo sobre o estudo/a escola?
a) Chico Bento
b) Mãe do Chico Bento
c) Professora
d) Zé da Roça
e) E qual é a sua opinião?

6) Indique se as afirmações abaixo são verdadeiras (V) ou falsas (F), informando a parte da HQ que comprova sua resposta:
a) ( ) A mãe de Chico não percebeu que ele não estava estudando no início da HQ.
b) ( ) Os pais de Chico Bento acreditam que seu filho se tornará um profissional importante no futuro.
c) ( ) Chico admira e valoriza o meio ambiente.
d) ( ) Apesar de não gostar de estudar, Chico não faltaria de aula.
e) ( ) Chico esperava maus resultados nas provas, por isso não se surpreendeu ao ver sua nota nas provas de Português e Matemática.
f) ( ) Chico muda sua opinião sobre os estudos porque vê uma relação entre eles e a preservação da natureza.
g) ( ) Chico não percebeu que tinha tirado "zero" e "um" nas provas, por isso, pergunta à professora.
h) ( ) A professora é muito paciente com Chico Bento, mesmo quando o aluno faz brincadeiras.
i) ( ) A mãe de Chico esperava que o filho tirasse notas boas na escola.
j) ( ) Chico Bento não sabia qual era a função do biólogo, do químico, do geólogo, do ecologista e do zoólogo.
k) ( ) Chico é pressionado por seus pais e pela professora, por isso, volta para casa para estudar.

7) Releia o quadrinho abaixo e marque a alternativa que melhor completa a frase:

A expressão "NHÁNHÁNHÁ! NHÁNHÁNHÁ!" indica que Chico Bento:
( ) contou para Zé da Roça tudo o que tinha acontecido com ele até ali.
( ) explicou porque estudar é uma perda de tempo.
( ) zombou da fala de Zé da Roça.
( ) imitou a fala de Zé da Roça.

8) Releia o quadrinho abaixo e responda:

a) Descreva a expressão e atitude de Chico Bento neste quadrinho.
b) Que sentimentos do personagem Chico sua expressão e atitude deixam transparecer?

9) Sobre a reação de Chico ao receber suas provas de matemática e português, responda:
a) Por que Chico "confunde" sua nota com o desenho de um sol, uma bola e um ovo cozido?
b) Por que Chico "pensa" que sua nota era o desenho de um palito?
c) Se a professora deixasse Chico continuar suas perguntas sobre as notas, a que outras coisas o "zero" poderia corresponder? E o "um"?

10) Releia os quadrinhos abaixo e responda:

a) Quais são as possíveis consequências da poluição dos rios?
b) Que providências podem ser tomadas contra a fábrica poluidora? Quais profissionais podem ajudar a tomar essas providências?
c) Como um rio poluído pode ser recuperado?

Se for necessário, pesquise no livro de Ciências, na Biblioteca e na Internet ou converse sobre o assunto com seus pais e com o professor de Ciências para responder a essas questões.

11) Releia os quadrinhos abaixo e responda:

a) O que é erosão?
b) O que causa a erosão do solo?
c) Quais são as consequências da erosão?
d) O que pode ser feito para recuperar o solo da erosão?
e) Observe como o geólogo se veste. Por que ele usa luvas e capacete?

e for necessário, pesquise no livro de Geografia, na Biblioteca e na Internet ou converse sobre o assunto com seus pais e com o professor de Geografia para responder a essas questões.

12) a) O que um caçador faz?
b) Por que Chico Bento achou que o homem era um caçador?
c) Qual é a diferença entre zoólogo e zoológico?
d) Por que Chico Bento confundiu as duas palavras?

13) Explique o sentido das expressões presentes na HQ:
a) "Tô lascado!" (Revistinha, p. 31)
b) "Oceis vencero!" (Revistinha, p.36)
c) "Mi ralei de istudá" (Revistinha, p.37)

14) O final "inha" na palavra "NADINHA" do quadrinho ao lado:
( ) reforça a negação.
( ) traz a ideia de algo pequeno.
( ) é característica da linguagem infantil.
( ) indica o uso da linguagem na região rural.

15) Compare os quadrinhos abaixo e explique a mudança de opinião de Chico Bento diante:

Início da HQ

Final da HQ

a) De ser “dotor”
b) Do meio ambiente
c) De brincar e estudar

16) Mesmo usando a linguagem padrão, a professora apresenta marcas da linguagem informal em suas falas.
a) Cite exemplos da linguagem informal retirados das falas da professora.
b) Por que essas marcas apareceram?

17) A palavra “dotor” na HQ, usada por Chico Bento e seus pais, se refere a quais profissões? Justifique sua resposta.

Atividade 4

QUESTÕES SOBRE A HQ “SEGURA, PEÃO”

1) Quais são os personagens da HQ?

2) Quais os espaços em que a HQ ocorre?

3) Provavelmente, quanto tempo se passa do início ao fim da HQ?

4) Quais habilidades um peão de rodeios precisa ter?

5) Quais as provas de rodeio são mostradas na HQ?

6) Por que a plateia, na página 83, aplaude? De acordo com os desenhos, quais são os sentimentos da plateia?

7) Que expressão Chico usa para responder à pergunta de seu pai, “Gostô do rodeio?” O que ela revela?

8) Por que Chico diz que quer ser peão de rodeio? O que ele acha que precisará de fazer para conseguir isso?

9) O que você sabe sobre o profissional “peão de rodeio”?

10) O que acontece entre os quadrinhos 3 e 5 da página 84? E entre os 3 últimos quadrinhos da página 86?

11) Observe a reação dos três meninos no quadrinho final. Por que eles estão com expressões faciais diferentes do restante da plateia?

Atividade 5
TEXTO (Reportagem)

Jovens peões disputam rodeio de Barretos de olho na conquista do 'sonho americano'

Premiações milionárias e fama motivam competidores na busca por uma vaga nos rodeios dos EUA. Brasil faz história nas provas internacionais e tem únicos dois tricampeões do mundo.

Por Fabiana Assis, G1 Ribeirão e Franca
24/08/2017 12h01 Atualizado 24/08/2017 12h01

A montaria no Brasil é porta de entrada para muitos jovens no mundo norte-americano dos rodeios (Foto: Érico Andrade/G1)

Como os jogadores de futebol, todos os anos dezenas de jovens peões disputam o rodeio de Barretos com um pensamento: ser campeão e fazer uma carreira internacional. **Isso** significa ir para os Estados Unidos, onde estão os rodeios mais rentáveis do mundo, e conquistar a América.

Um dos caminhos para se chegar **lá** é o campeonato brasileiro de montaria em touro da PBR, que garante uma vaga para a Global Cup, uma disputa com campeões de outros cinco países – do Canadá, México, EUA, Austrália e Nova Zelândia, que este ano será realizada no Canadá; e também é a porta de entrada para o campeonato mundial, realizado no Texas (EUA), que oferece um prêmio de US$ 1,6 milhão (cerca de R$ 5 milhões) para o campeão.

Destaque internacional

Os peões brasileiros são destaque nas competições internacionais. O Brasil tem os dois únicos tricampeões mundiais e detém nove dos 23 campeonatos disputados até hoje conquistados por cinco peões: Ednei Caminhas (2002), Adriano Moraes (1994, 2001 e 2006), Guilherme Marchi (2008), Renato Nunes (2010) e Silvano Alves (2011, 2012 e 2014).

Atualmente, Kaíque Pacheco, Fabiano Vieira e Eduardo Aparecido ocupam três das 10 melhores posições no ranking da temporada.

O tricampeão de montaria em touro Adriano Moraes fez uma longa carreira internacional (Foto: Érico Andrade/G1)

O sucesso dos brasileiros lá fora estimulou muitos garotos a entrar para o rodeio em busca de dinheiro e fama. Mesmo se não vencer o mundial, um bom desempenho do peão pode garantir uma carreira nos rodeios internacionais, **que** pagam prêmios bem mais altos do que os brasileiros.

"O Brasil é o celeiro de novos competidores do circuito americano, supera o número de revelações de todos os outros países", diz o diretor de rodeio da PBR no Brasil, o tricampeão mundial Adriano Moraes.

A nova revelação

Agora, é a vez de o estreante José Vitor Leme realizar o sonho de ser revelação na PBR americana e fazer a fama como peão internacional. Aos 21 anos, recém-completados, **ele** venceu o campeonato brasileiro, neste domingo (20), e carimbou o passaporte para os Estados Unidos.

Leme entrou para o mundo dos rodeios há três anos influenciado pela trajetória do pai, que também foi peão, e pelos brasileiros que se tornaram campeões mundiais dos quais agora será colega. "**Eu** assistia e torcia por eles pela TV e era muito fã e não imaginava que ia chegar lá tão rápido", conta.

O peão José Vitor Leme acaba de ganhar o campeonato brasileiro de montaria em touro e se prepara para a carreira internacional (Foto: Érico Andrade/G1)

Ele não sabe como vai ser sua vida quando chegar aos EUA, nem como irá conduzir sua carreira internacional. "Eu não pensei muito ainda, não quero atropelar, vou dar um passo de cada vez", diz. Mas já conta com o apoio de muitos companheiros que já estão vivendo o sonho americano. "Tenho amigos que moram lá e me passam muitas informações. **Eles** não veem a hora de ir para lá", completa.

Sonho adiado

Mas outros peões não tiveram a mesma sorte de Leme e terão que adiar os planos de uma carreira internacional. Em seu primeiro ano na PBR, Lucas Divino viu seu sonho escapar pelas mãos na final da montaria em touro. O jovem de 23 anos foi um dos destaques da competição desse ano e chegou à disputa da etapa final, em Barretos, em segundo lugar, mas caiu do touro logo na primeira montaria da noite, perdendo a chance de brigar pelo título.

O peão Lucas Divino teve o sonho de montar fora do Brasil adiado após cair da montaria na final, em Barretos 2017 (Foto: Érico Andrade/G1)

A queda atrapalhou o sonho de melhorar de vida. Peão desde os 16 anos, Divino entrou na profissão para ajudar na sobrevivência da família e as oportunidades financeiras que poderia conseguir nos Estados Unidos seriam a realização do seu objetivo. "É um sonho de quem almeja grandes valores, tanto de dinheiro como de reconhecimento dos competidores. É difícil chegar à final com chances e não realizar. É um sonho que **eu** tenho desde pequeno, fico imaginando chegar ao ponto de ser campeão mundial", diz.

Junior Quaresma, outro destaque deste ano também terá que esperar para conquistar a América. Competidor experiente, já ganhou um carro e cinco motos em alguns rodeios pelo Brasil, mas nem todos os prêmios e títulos chegam perto do de campeão mundial. "É outro mundo, outro tipo de vida. A gente tem que ir para conhecer", afirma.

Há quatro anos nos rodeios, Junior Quaresma sonha em fazer uma carreira internacional (Foto: Érico Andrade/G1)

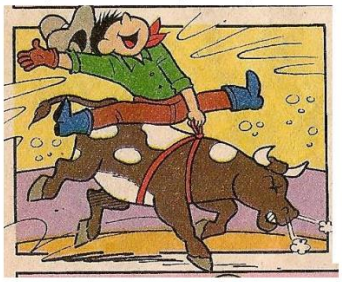
Para Adriano Moraes, os peões brasileiros não têm vontade de se tornarem cidadãos americanos, mas ganhar fama e dinheiro para melhorar de vida. "**Eles** pensam em ir lá [nos EUA], ganhar dinheiro para mandar para a família, voltar para cá e viver bem", afirma.

Fonte: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/festa-do-peao-de-barretos/2017/noticia/jovens-peoes-disputam-rodeio-de-barretos-de-olho-na-conquista-do-sonho-americano.ghtml> Acesso em 25/08/2017.

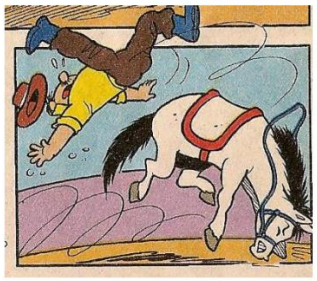
QUESTÕES SOBRE A REPORTAGEM E A HQ "SEGURA, PEÃO"

1) Comparando os dois textos (HQ e reportagem), copie da reportagem os trechos cujas informações se aproximam das ideias apresentadas pelos quadrinhos abaixo, retirados da HQ.

a)



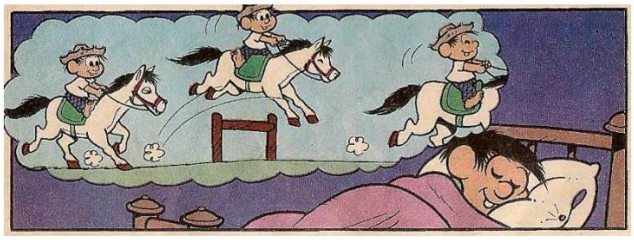
b)



c)

d)

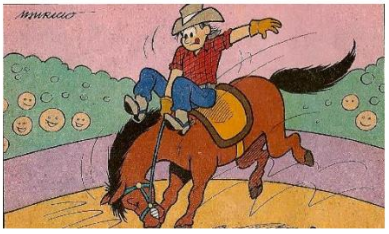
e)



f)

g)

h)



2) Informe as **diferenças** entre os dois textos (HQ e reportagem), conforme os aspectos abaixo:
   a) Títulos.
   b) Imagens.
   c) Personagens/pessoas.
   d) Discurso/fala dos personagens.
   e) Objetivo (Para que o texto foi escrito?).
   f) Locais.
   g) Motivos que levam jovens a se tornar peões.

3) Na reportagem, o que é o "sonho americano"?

4) No trecho abaixo, a que se referem os números entre parênteses?

> O Brasil tem os dois únicos tricampeões mundiais e detém nove dos 23 campeonatos disputados até hoje conquistados por cinco peões: Ednei Caminhas (2002), Adriano Moraes (1994, 2001 e 2006), Guilherme Marchi (2008), Renato Nunes (2010) e Silvano Alves (2011, 2012 e 2014).

5) Qual é a relação entre o título da HQ, "Segura, peão!" e o enredo da HQ?

6) Identifique a que se referem os termos grifados nas frases abaixo, retiradas da reportagem.
   a) **Isso** significa ir para os Estados Unidos (...).
   b) Um dos caminhos para se chegar **lá** é o campeonato brasileiro de montaria em touro da PBR (...).
   c) (...) um bom desempenho do peão pode garantir uma carreira nos rodeios internacionais, **que** pagam prêmios bem mais altos do que os brasileiros.
   d) Aos 21 anos, recém-completados, **ele** venceu o campeonato brasileiro (...).
   e) **Eu** assistia e torcia por eles pela TV (...).
   f) **Eles** não veem a hora de ir para lá (...).
   g) É um sonho que **eu** tenho desde pequeno, fico imaginando chegar ao ponto de ser campeão mundial (...).
   h) **Eles** pensam em ir lá [nos EUA], ganhar dinheiro para mandar para a família (...).

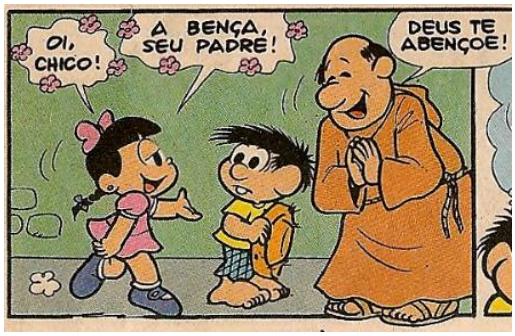
Atividade 6
QUESTÕES SOBRE A HQ "O APRENDIZ"

1) Quais são os personagens da HQ?
2) Quais são os espaços/locais em que a HQ ocorre?
3) Em qual dia da semana a HQ se inicia? E em qual dia termina?
4) Quais as opções profissionais são dadas a Chico nesta HQ?
5) Quais são as vantagens que Chico vê em cada profissão? E as desvantagens?
6) Qual é a decisão final de Chico?
7) Explique o sentido das expressões abaixo, dentro da HQ:

a) "Tô moído!" (p.57)
b) "Agora... só quero... disabá!" (p.57)
c) "Faço muito gosto!" (p.58)
d) "Isso vai sê canja!" (p.59)

8) Observe as letras e balões dos quadrinhos abaixo e responda:
a) Por que o formato das letras neste quadrinho está diferente?

b) Por que aparecem flores no balão de fala da Rosinha?



9) Você acha que todas as pessoas têm condições de seguirem as profissões que desejam? Justifique sua resposta.

Para responder a essa questão, reflita: uma criança que vive em condições miseráveis que deseje se tornar médica terá as mesmas condições de uma criança rica para se formar profissionalmente? Por quê? O que é preciso para se formar profissionalmente?

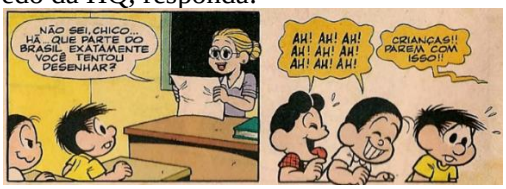
Atividade 7

QUESTÕES SOBRE A HQ "TALENTO PRA QUÊ?"

1) Sobre os elementos básicos da narrativa, informe:
   a) Quais são os personagens? Desses, quais são os principais?
   b) Quais os espaços/locais onde acontece a história?
   c) Quanto tempo se passa do primeiro ao último quadrinho?
   d) Nessa HQ, como o leitor percebe a sequência dos acontecimentos?
   e) Qual é a relação entre o título da HQ e a própria historinha (ou seja, o enredo da HQ)?

2) Sobre o enredo da HQ, responda:

a)



No trecho acima, por que Hiro e Zé da Roça estão rindo? Se isso não tivesse acontecido, a história seria a mesma ou sofreria mudanças? Por quê?

b) O que a professora começa a fazer a partir dessa parte da HQ?

c) Por que ela chega à conclusão de que Chico não tem facilidade com:
   - ✓ Matemática?
   - ✓ Língua Portuguesa?
   - ✓ Escultura?
   - ✓ Música?
   - ✓ Esportes?

d) Você acha que a professora poderia ter testado as habilidades de Chico em outras coisas dentro da escola? Em quais? Você acha que Chico seria bem sucedido, conforme a lógica dessa HQ? Você pode responder a essas perguntas **por escrito ou desenhando** um ou dois quadrinhos que poderiam ser acrescentados à HQ na página 91.

3) Releia os quadrinhos abaixo:

a) Nesta parte, Chico mostra desconhecimento sobre qual (quais) tópico (s) da Língua Portuguesa?

b) Considerando esta HQ e seus conhecimentos, quais frases abaixo são verdadeiras (V)? E falsas (F)?

( ) Chico Bento não sabe falar português.
( ) Chico não usa em sua fala a variedade padrão da língua portuguesa.
( ) O desconhecimento da norma culta da língua portuguesa prejudica o desempenho de Chico na escola.
( ) A professora tratou Chico de forma preconceituosa por causa do jeito que ele usa a língua.

c) Reescreva a frase de Chico, no 2º quadrinho, passando-a para a variedade padrão da língua portuguesa.

d) Dê um exemplo de resposta que a professora consideraria certa à pergunta que ela fez.

e) Você acha que o teste proposto pela professora é capaz de mostrar que alguém tem habilidades com a língua portuguesa? Justifique sua resposta.

4) Sobre o desfecho da HQ:

a) Qual era a intenção da professora ao visitar a casa de Chico?

b) Ela cumpriu exatamente essa intenção? Por quê?

c) Por que ela foi informar aos pais sobre o problema de Chico?

d) Qual é o talento de Chico? De acordo com esse talento, qual profissão (quais profissões) ele pode exercer?

5) Para ser um profissional, para ter um trabalho, é preciso ter algum talento? Explique sua opinião.

Atividade 8

TESTE DE HABILIDADES

* Teste desenvolvido pela pedagoga Maria da Luz Calegari

Para saber quais são as áreas e profissões mais afins à sua personalidade, atribua pontos a cada uma das alternativas apresentadas nas vinte perguntas a seguir: 3 para a alternativa com a qual você mais se identifica, 2 para aquela que tem a ver com você, 1 para a que tem um pouco a ver com você e 0 para aquela que nada tem a ver com você. Se ficar em dúvida, não responda.

1 Na escola, você prefere assuntos ligados a
a) arte, esportes e atividades extracurriculares
b) biologia e genética
c) ciências humanas, idiomas
d) ciências exatas

2 Você prefere levar sua vida
a) com pouca rotina e poucas regras
b) com regras definidas e disciplina
c) interagindo com todo tipo de pessoa
d) com muita autonomia: "na sua"

3 Você se descreveria como uma pessoa
a) impulsiva e um tanto aventureira
b) cautelosa e responsável
c) entusiasmada e muito amiga
d) calma e diferente da maioria

4 Você se considera uma pessoa
a) prática e hábil para improvisar
b) batalhadora, que sabe o que quer
c) preocupada com questões humanas
d) capacitada para criar e inventar

5 De quais características suas você sente orgulho:
a) audácia e facilidade para lidar com o inesperado
b) senso de dever e capacidade de dar exemplo
c) idealismo e disposição para compreender os outros
d) engenhosidade e rapidez mental

6 Costuma confiar mais em
a) percepção imediata
b) costumes e tradições
c) intuição
d) razão e lógica

7 Quase sempre, você gosta de
a) causar impacto: os "holofotes" o atraem
b) ser visto como membro valioso de um grupo
c) sonhar em transformar o mundo
d) desvendar um enigma ou inventar algo útil

8 A vida é mais interessante quando você tem
a) desafios, situações cambiantes
b) segurança, emprego garantido, integração social
c) possibilidade de fazer algo para mudar o mundo
d) possibilidade de ir além do que já é conhecido

9 Você gostaria de ser
a) um craque na profissão que escolher
b) um executivo bem-sucedido
c) um profissional de prestígio
d) um especialista ou cientista

10 Você é muito bom (boa) lidando com
a) ferramentas, instrumentos e equipamentos
b) controle do tempo, comando e execução
c) pessoas de todos os níveis culturais e sociais
d) sistemas e construção (material ou mental)

11 Antes de agir, você analisa
a) as vantagens imediatas
b) as experiências já vividas
c) as possibilidades futuras
d) as condições e consequências

12 Gosta quando as pessoas
a) o surpreendem com um presente
b) expressam gratidão por algo que fez
c) reconhecem sua personalidade singular
d) reconhecem sua inteligência

13 Você costuma abraçar um novo projeto
a) com a cara e a coragem
b) guiado pela experiência
c) confiando na intuição e na criatividade
d) depois de verificar todas as variáveis

14 Geralmente, você prefere agir
a) no calor do momento
b) com segurança e conforme o costume
c) quando está inspirado
d) quando um problema o desafia

15 Você fica motivado(a) quando
a) tem a oportunidade de superar obstáculos
b) experimenta estabilidade na vida profissional, ou seja, sabe em que terreno está pisando
c) harmonia e inspiração guiam a atividade
d) há liberdade para projetar o futuro

16 Em atividades de grupo, você prefere
a) as desafiadoras, que exigem ação rápida
b) administrar os recursos disponíveis
c) motivar as pessoas para darem o melhor de si
d) descartar logo o que não funciona

17 Liderar é uma atividade que gosta de exercer
a) por pouco tempo e dependendo da situação
b) quando pode comandar do começo ao fim
c) quando é preciso identificar e reunir talentos
d) quando o raciocínio estratégico é necessário

18 Em uma escola, você gostaria de ser
a) professor de educação física
b) diretor
c) professor de literatura
d) professor de matemática ou física

19 É um elogio quando se referem a você como
a) corajoso, otimista e divertido
b) cauteloso, responsável e aplicado
c) harmonizador, íntegro e sábio
d) uma mente brilhante

20 Frases que têm a ver com você:
a) "Deixo a vida me levar..."
b) "Manda quem pode; obedece quem tem juízo"
c) "Para seu próprio interesse, seja verdadeiro"
d) "Penso, logo existo"

RESULTADOS

Maior pontuação em A

A principal característica dos tipos A é o movimento. Gostam de ação e de novidades. Apresentam destreza física e boa expressão corporal. Se forem mais propensos ao raciocínio lógico, terão mais êxito em profissões que requeiram precisão e acuidade. Se forem mais inclinados ao sentimento e à emoção, as profissões relacionadas ao trato com pessoas são as mais indicadas. Pessoas do tipo A não gostam de rotina e veem o trabalho como uma grande fonte de prazer.

Carreiras mais apropriadas: Esportista, Anestesista, Artista plástico, Ator, Chef de cozinha, Cineasta, Cirurgião, Coreógrafo, Dançarino, Dermatologista, Estilista, Fotógrafo, Guia de turismo, Instrumentador cirúrgico, Instrutor de voo, Jornalista, Médico clínico, Músico (compositor ou instrumentista), Paisagista, Personal trainer, Personal stylist, Piloto, Publicitário, Relações-públicas, Roteirista.

Maior pontuação em B

Comando e responsabilidade são duas palavras que definem as pessoas do tipo B. Elas gostam de lidar com fatos, quantidades, análises, organização e planejamento. Trabalham duro e preferem profissões que lhes proporcionem status e possibilidade de crescimento. São as mais presentes no mundo corporativo.

Carreiras mais apropriadas: Administrador de empresas, Advogado, Assistente social, Bibliotecário, Delegado, Engenheiro mecânico/químico, Juiz de direito, Pastor/padre/rabino, Policial, Promotor público.

Maior pontuação em C

Facilmente reconhecíveis por seu entusiasmo e interesse nas relações humanas, as pessoas do tipo C têm na intuição o seu ponto forte. Muitas endereçam seu esforço e talento para o desenvolvimento intelectual de alunos e discípulos e o conforto psicológico de pacientes e colegas de trabalho. No grupo dos tipos C, estão as personalidades mais laureadas com o Nobel da Paz e de Literatura.

Carreiras mais apropriadas: Artista plástico, Dramaturgo, Educador, Escritor, Filósofo, Jornalista, Pedagogo, Professor, Psicólogo, Psiquiatra, Sociólogo, Terapeuta ocupacional, Tradutor.

Maior pontuação em D

São intuitivos como os C, mas, em vez de se preocupar com pessoas, costumam focar seus interesses em grandes áreas do conhecimento, como ciência e tecnologia. Apresentam notável capacidade para identificar problemas concretos e resolvê-los, bem como para o raciocínio abstrato.

Carreiras mais apropriadas: Analista de sistemas, Antropólogo, Arquiteto, Astrônomo, Criador de software, Designer industrial, Economista, Engenheiro, Físico, Líder de uma corporação (CEO), Matemático, Militar, Oceanógrafo, Pesquisador, Químico, Músico (regente de orquestra), Urbanista, Zoólogo.

(Extraído de: FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto; MARUXO JÚNIOR, José Hamilton. *Língua Portuguesa*: Linguagem e interação 3. São Paulo: Ática, 2013. 2. ed.)

Atividade 9
QUESTÕES SOBRE A HQ "CASCÃO, O FAZ-TUDO"

1) Sobre os elementos básicos da narrativa, informe:
a) Quais são os personagens?
b) Quais os espaços/locais onde acontece a história?
c) Quanto tempo se passa do primeiro ao último quadrinho?

2) Observe as falas dos personagens para responder às questões abaixo:
a) As falas mostram uso da linguagem formal ou informal da língua portuguesa? Justifique.
b) Comparando-as às falas de Chico nas outras HQs, quais são as diferenças no uso da língua? Por que existem essas diferenças?
c) As falas das HQs do Chico e do Cascão correspondem ao que realmente acontece com a língua portuguesa? Explique sua resposta.

3) O que as expressões abaixo significam, na HQ:
a) "Quase dei um fora!" (p.68)
b) "Mas nem tudo está perdido!" (p.68)
c) "Eu tô duro!" (p.68)
d) "É fogo ter fama de durango!" (p.69)
e) "Querem parar de me encher?" (p.72)
f) "Mas eles vão morrer de inveja quando me virem com a Sônia Regina!" (p.72)
g) "É verdade que você está fazendo uns bicos?" (p.73)
h) "Só tô quebrando um galho!" (p.73)
i) "Queria moleza, é?" (p.74)
j) "Dei duro, mas valeu a pena!" (p.76)
k) "Deve vir chumbo grosso aí, né?" (p.77)

4) Releia os trechos da HQ indicados nas páginas entre parênteses para responder às questões seguintes:
a) Por que Cascão perguntou as horas à Sônia? (p.67)
b) Por que Cebolinha ri ao final da própria fala? (p.69)
c) Por que Cascão oferece ajuda à Dona Júlia? Ele esperava receber recompensa por sua atitude? Por quê? (p.69)
d) Por que Cascão afirma que serviço sujo é com ele mesmo? Fora dessa HQ, qual outro sentido a expressão "servicinho sujo" pode ter? (p.70)
e) Por que Cascão diz que não vai regar? (p.73)
f) O que acontece na sequência de quadrinhos abaixo e que não foi representado pelos quadrinhos?

g) Qual é a diferença entre os sentidos de "justo" e "justinho" na sequência de quadrinhos da p. 75?
5) Liste os serviços prestados por Cascão ao longo da HQ.

6) Cascão, ao fim da HQ, alcançou o objetivo que o motivou a se tornar um faz-tudo? Justifique sua resposta.

Atividade 10

TEXTO (Entrevista)

"O trabalho braçal não é valorizado", diz líder nacional das domésticas

Baiana de Salvador esteve em Porto Alegre para o evento "Diálogos sobre o Trabalho Doméstico"

Jeniffer Gularte 26/06/2015 – Diário Gaúcho

À frente do "Diálogos sobre o Trabalho Doméstico", evento realizado quarta e quinta-feira, em Porto Alegre, a presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), Creuza Maria Oliveira, 58 anos, acredita que, [...], a categoria ainda não está em pé de igualdade com outros trabalhadores.

Baiana de Salvador, Creuza trabalha desde os dez anos como doméstica – atualmente, é cuidadora de idosos – e admite que defender a categoria é um trabalho de formiguinha. Ela descobriu o movimento sindical em 1984 depois de sofrer agressão, assédio moral e sexual no trabalho.

Romper barreiras entre patrões e empregados e fazer com que doméstica se valorize, reconheça e lute por seus direitos a incentivam a liderar a categoria no Brasil. [...]

Diário Gaúcho – Como a senhora avalia a nova lei das domésticas? Foi um avanço?

Creuza Maria Oliveira – Essa regulamentação ainda não foi realmente o que a gente queria, porque não estabelece uma relação de igualdade de direito com os demais trabalhadores. Este projeto nos diferencia de outras categorias, como no caso do banco de horas extras de 12 meses, enquanto outras categorias compensam no final de cada mês ou no máximo em três meses. O seguro-desemprego também: os outros trabalhadores ganham cinco meses, nós vamos receber apenas três meses depois de 15 meses de trabalho. A trabalhadora viajante que terá direito apenas a 25% a mais do que ela recebe e não terá horas extras nem horas noturnas.

Diário – No que falta avançar de forma mais urgente?

Creuza – É na igualdade. Falta avançar na ratificação da Convenção 189 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que conquistamos em Genebra em 2010. Dezessete países já ratificaram a convenção, que determina que todos os direitos dos trabalhadores são iguais. O Brasil, que se comprometeu a ser um dos primeiros países a ratificar, criou a Pec das Domésticas, porém, continuou não nos igualando. A organização das domésticas no Brasil tem cerca de 80 anos, temos direito à carteira assinada há 43 anos e só agora que surge uma lei de multa para quem não assina.

Diário – Temos mais de 7 milhões de empregadas domésticas no Brasil, mas apenas 2 milhões têm registro na carteira. O maior desafio ainda é esse?

Creuza – Com certeza, porque existe a questão da falta de fiscalização. Os empregadores não eram punidos por não assinar a carteira. A multa de R$ 805 só começou a valer agora. Temos que esperar um ano e meio para ver se a lei colou e se houve crescimento nos registros em carteira. Muitos dizem que a nova lei vai causar desemprego, mas pesquisas do Dieese já mostram o aumento no número de registros depois que a lei foi sancionada.

Diário – Há resistência dos patrões em garantir estes direitos?

Creuza – Cumprir a lei, em geral, é uma dificuldade. Tem patrão que não paga carteira, não paga previdência. Acham que só pagando o salário já é o suficiente. Algumas trabalhadoras domésticas não querem que assinem a sua carteira porque têm o Bolsa Família, então os patrões se aproveitam disso. Ainda falta uma campanha de esclarecimento da população. Queremos conscientizar a categoria da importância da carteira assinada. Um ano que a empregada trabalhe sem carteira vai faltar para ela se aposentar.

[...]

Diário – Qual o perfil da doméstica hoje no Brasil?

Creuza – Há mulheres jovens ainda, mas, depois de oportunidades como o Prouni e a lei que proíbe o trabalho doméstico até os 18 anos, isso fez com que elas sejam mulheres de mais idade, de 30 anos para mais. A escolaridade cresceu, o que ajuda a ter oportunidade de ir trabalhar em outras áreas. As domésticas do Brasil

são mulheres mais maduras, com mais idade e que estão ganhando mais. Estão indo para suas casas, têm diminuído o número das que ficam morando no trabalho.
Diário – O preconceito de raça ainda é um problema para as domésticas?
Creuza – Sim, se é uma jovem, uma mulher branca, com cabelo mais liso, fazendo trabalho doméstico, dizem: "mas você é tão bonitinha para estar aqui, podia estar fazendo outra coisa". Mas, se alguém vê alguém da minha cor no trabalho doméstico, não causa nenhum espanto, não é nada fora do comum. Se é branca, as pessoas já acham que isso não é para você, os homens fazem mais piadas e o assédio é maior. Com a jovem branca e a pele clara, o assédio é mais comum, não que com as negras não aconteça.
Diário – O tratamento a uma trabalhadora negra é diferente?
Creuza – A relação é diferenciada. O salário da branca é melhor, o nível de escolaridade é maior, a violência é menor. O negro é mais explorado. E aí, por isso, a nossa luta não é só trabalhista, é por gênero, raça e classe.
Diário – Como as domésticas devem buscar seus direitos, principalmente aquelas que não têm ligação com o movimento sindical?
Creuza – Devem procurar o sindicato, o movimento de mulheres. Elas têm que se organizar, a gente sozinha e isolada não consegue nada. Quando ela luta, participa de reuniões, ela eleva sua autoestima, se empodera. Nossa valorização é importante.
Diário – A doméstica ainda se sente inferior? Por quê?
Creuza – Sim, pelo tratamento, pela desvalorização do trabalho doméstico. As pessoas acham que o trabalho doméstico qualquer um pode fazer, que só tem valor o trabalho de quem frequentou a universidade. Quem faz o trabalho braçal não é valorizado. A mulher dona de casa também não é valorizada.
Diário – As lutas futuras da categoria incluem o fortalecimento dos sindicatos?
Creuza – Com certeza, valorizar mais e mais a categoria e o trabalho doméstico. A gente pode denunciar se a pessoa não tem coragem. Estamos lutando para que elas estejam estudando, fazendo faculdade e que possam optar por outras áreas, se quiserem.

Disponível em: http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/06/o-trabalho-bracal-nao-e-valorizado-diz-lider-nacional-das-domesticas-4789079.html Acesso em: 25/09/2017.

QUESTÕES SOBRE A ENTREVISTA E A HQ “CASCÃO, O FAZ-TUDO”

1) Sobre a entrevista, responda:
a) Quem foi entrevistado? Por quê?
b) Por que a entrevistada considera o tratamento dado às domésticas diferente do dado aos outros trabalhadores?
c) Por que ela afirma haver preconceito racial em relação à profissão da doméstica?
d) Para que serve o movimento sindical/ sindicato?
e) Qual é a relação entre a imagem apresentada na entrevista e o texto verbal?
f) O que é um “trabalho de formiguinha”?
g) Explique a expressão destacada no trecho: “Temos que esperar um ano e meio para ver se a lei cola”.
h) Quais são os direitos do trabalhador indicados na entrevista?

2) Comparando a entrevista e a HQ, responda:
a) Cascão sofreu algum preconceito ao trabalhar como faz-tudo? Explique sua resposta.
b) A atividade realizada por Cascão pode ser considerada trabalho braçal? Por quê?
c) Enquanto trabalhador, como Cascão foi tratado pela sociedade (conhecidos, patrões e amigos)? Como Cascão agia diante dos diversos tratamentos?
d) Na HQ, Cascão enfrenta uma “barreira entre patrões e empregados”. Em que momento isso acontece?
e) Conforme a entrevista, Cascão vai contra alguma lei ao se tornar faz-tudo? Justifique sua resposta.

3) Você conhece alguém que trabalha como doméstica? Como essa pessoa parece ser tratada pelos patrões e pela sociedade? Você acha que esse é um trabalho devidamente valorizado? Por quê?

Atividade 11
TEXTO (Reportagem)

O combate ao trabalho escravo está em declínio no Brasil

por Rodrigo Martins — publicado 01/08/2017 00h30, última modificação 31/07/2017 17h20

A fiscalização de denúncias contra práticas escravagistas no País tem diminuído desde 2013

Último país a abolir o trabalho cativo nas Américas, em 1888, o Brasil tornou-se referência mundial no combate às formas contemporâneas de escravidão nas últimas duas décadas. Desde a criação do Grupo Especial de Fiscalização Móvel, em 1995, foram resgatados mais de 50 mil brasileiros em condições degradantes de trabalho ou submetidos a um regime de servidão por dívidas, triste resquício do predatório modelo de exploração da mão de obra dos tempos da Colônia e do Império. Os recentes avanços no enfrentamento ao problema estão, porém, ameaçados.

Por insuficiência de recursos humanos e financeiros, as fiscalizações de denúncias contra práticas escravagistas estão em franco declínio desde 2013, quando 313 locais foram inspecionados e 2.808 trabalhadores foram resgatados. No ano passado, o número de estabelecimentos vistoriados caiu para 191, assim como a soma de resgates, 885.

Diante da obsessão da equipe econômica de Michel Temer de cortar gastos para aplacar a crise fiscal, as inspeções podem ser paralisadas a partir de agosto, alerta o Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho (Sinait). "Há tempos sofremos com a falta de reposição de pessoal e com a progressiva redução de recursos para as atividades de fiscalização do trabalho. Agora corremos o risco de uma 'pane seca', consequência dos dois cortes orçamentários promovidos pelo governo federal neste ano", alerta Carlos Fernando da Silva Filho, presidente da entidade.

[...]

A penúria também atinge as superintendências regionais do Ministério do Trabalho, que lidam com todo tipo de irregularidade trabalhista, mas também atuam no combate ao trabalho escravo e infantil. No Pará, os 800 mil reais previstos para ações de fiscalização minguaram para 240 mil, lamenta Jomar Lima, chefe da Seção de Inspeção do Trabalho.

Em decorrência disso, 12 operações planejadas no sul e no oeste do estado foram suspensas. Detalhe: o Pará lidera o ranking nacional de casos de trabalho escravo. De 2003 a 2017, foram resgatados 9.853 trabalhadores em 373 operações.

[...]

"É chocante. Enquanto desembolsa rios de dinheiro para que os parlamentares não convertam Temer em réu na Suprema Corte, o governo nega o essencial para manter as fiscalizações trabalhistas", lamenta o jornalista e sociólogo Leonardo Sakamoto, conselheiro do Fundo das Nações Unidas sobre Formas Contemporâneas de Escravidão. [...]

[...]

Coordenador do Programa de Combate ao Trabalho Forçado da OIT (Organização Internacional do Trabalho) no Brasil, Antonio Carlos de Mello confirma as dificuldades das equipes de fiscalização. "Observamos isso empiricamente. Em nossas viagens pelos estados brasileiros, é uma constante ouvir reclamações de falta de verba e de pessoal nas superintendências regionais do Ministério do Trabalho.

Da mesma forma, os agentes da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal, que dão suporte às operações dos grupos móveis, também se queixam da situação de penúria", afirma Mello. "A situação é especialmente preocupante no atual contexto, de elevado desemprego e informalidade. A crise deixa os trabalhadores mais vulneráveis. É um prato cheio para quem deseja obter lucro fácil com a exploração de mão de obra barata, com a submissão de trabalhadores a condições subumanas."

Não bastasse a asfixia financeira, está em curso uma ofensiva legislativa para criar obstáculos ao combate à prática criminosa, observa Adílson Carvalho, coordenador-geral da Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (Conatrae). Recém-aprovada, a reforma trabalhista permitiu a terceirização irrestrita da mão de obra, dificultando a punição das empresas que se beneficiam do trabalho em condições análogas à escravidão em sua cadeia produtiva.

Há, ainda, uma série de iniciativas para mudar o conceito do crime e favorecer a impunidade dos escravagistas. "Ao que parece, pretendem acabar com a escravidão contemporânea pela legalização da prática, e não pela sua erradicação", diz Rodrigues.

[...]

Outra iniciativa ameaçada é a Emenda Constitucional 81. Sancionada por Dilma em 2014, ela prevê a expropriação de terras usadas para o cultivo ilegal de drogas e para a exploração de mão de obra escrava. A pretexto de regulamentar o procedimento, o líder do governo no Congresso, Romero Jucá (PMDB), busca alterar o atual conceito legal de trabalho escravo, de modo a condicionar sua ocorrência à restrição da liberdade de locomoção, assemelhando-o à figura do cárcere privado.

"O objetivo é impedir a punição de empregadores que exponham os trabalhadores a jornadas exaustivas e a condições degradantes de trabalho", alerta Tiago Muniz Cavalcanti, coordenador nacional de Erradicação do Trabalho Escravo do Ministério Público do Trabalho. "Dessa forma, quem obriga os empregados a trabalhar mais de 12 horas por dia, a dormir com os animais da fazenda, sem as mínimas condições de higiene, sem garantir alimentação adequada ou água potável ficaria impune."

O procurador também alerta para as ameaças contidas no projeto de lei que altera as leis do trabalho rural, de autoria do deputado federal Nilson Leitão, do PSDB de Mato Grosso, a permitir "remuneração de qualquer espécie", prever jornada de até 12 horas em casos de "força maior", a opcional venda integral das férias dos funcionários e a substituição do repouso semanal por um período contínuo de folga após 18 dias trabalhados.

"Com isso, abre-se brecha para remunerar o funcionário com alimentação, moradia e até cessão de terras. Seria um retorno ao regime de servidão feudal", emenda Cavalcanti. "Infelizmente, o combate ao trabalho escravo deixou de ser prioridade há um bom tempo. No auge, entre 2006 e 2008, o Brasil chegou a ter dez grupos móveis de fiscalização. Hoje são apenas quatro."

[...]

Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/revista/963/o-combate-ao-trabalho-escravo-esta-em-declinio-no-brasil Acesso em 25/09/2017.

QUESTÕES SOBRE A HQ "CASCÃO, O FAZ-TUDO" E A REPORTAGEM

1) Conforme a reportagem, responda:

a) Há quantos anos o trabalho escravo é proibido no Brasil?

b) Há quantos anos foi criado Grupo Especial de Fiscalização Móvel? Para que esse grupo serve?

c) No 2º parágrafo, afirma-se que o número de trabalhadores encontrados em situação de escravidão caiu de 2.808 (2013) para 885 (2016). Por que aconteceu essa redução?

d) Qual estado do Brasil apresenta maior número de casos de trabalho escravo?

e) Quais são os órgãos apresentados no texto que colaboram para o combate ao trabalho escravo?

f) Qual é a crítica feita ao governo federal no trecho "É chocante. Enquanto desembolsa rios de dinheiro para que os parlamentares não convertam Temer em réu na Suprema Corte, o governo nega o essencial para manter as fiscalizações trabalhistas"(6º parágrafo)?

2) Releia o trecho abaixo, retirado do 8º parágrafo, e responda:

> "A situação é especialmente preocupante no atual contexto, de elevado desemprego e **informalidade**. A crise deixa os trabalhadores mais vulneráveis. É **um prato cheio** para quem deseja obter lucro fácil com a exploração de mão de obra barata, com a submissão de trabalhadores a condições subumanas."

a) A que se refere a "informalidade" mencionada no trecho?
b) O que se entende do trecho "A crise deixa os trabalhadores mais vulneráveis"?
c) A expressão "um prato cheio" faz parte da linguagem informal. Como se poderia transcrevê-la em linguagem formal?
d) O que seriam "condições subumanas" para os trabalhadores? Retire do texto alguns exemplos dessas condições.

3) Comparando a reportagem e a HQ, responda: A situação de Cascão poderia ser considerada em algum momento como trabalho escravo? Justifique sua resposta.

Atividade 12

QUESTÕES SOBRE A HQ "COISAS DE MENINOS E MENINAS"

1) Sobre os elementos básicos da narrativa, informe:
a) Quais são os personagens?
b) Mônica e Cebolinha são personagens opostos. Que características e atitudes os opõem? Qual é a importância dessa oposição para o enredo dessa HQ?
c) Quais são os espaços/locais da HQ? Como são diferenciados os espaços da imaginação e da realidade?
d) Em que parte do dia ocorre a historinha? Provavelmente, quanto tempo se passa do início ao fim dela?
e) A ausência do narrador prejudica o entendimento dessa HQ? Justifique sua resposta.

2) Sobre o enredo da HQ, responda:
a) Por que, no trecho da p. 9, Cebolinha diz "Você tem muita imaginação, hein"?
b) Por que, na p. 10, Cebolinha não quer jogar bola com a Mônica?
c) O que seria uma "profissão legal" para os personagens? E o que seria o contrário disso? Dê exemplos na sua resposta.
d) Por que Cebolinha se surpreende ao saber que a Mônica, na brincadeira deles, trabalha fora? (ver p. 12-13)
e) Por que Cebolinha se irrita quando Mônica revela para ele a profissão que ela escolheu?
f) Ao chegar de seu trabalho, Cebolinha insiste em perguntar "o que tem pro almoço". A partir disso, qual é a provável opinião inicial de Cebolinha sobre o trabalho da mulher?
g) Cebolinha muda de opinião sobre o trabalho da mulher ao longo da HQ. O que o convence a mudá-la?

3) Leia o texto "Crise acentua preconceito contra mulheres no trabalho", compare-o à HQ e responda:

> **Crise acentua preconceito contra mulheres no trabalho**
>
> Em períodos de turbulência, como a atual, discriminação nas empresas fica mais evidente e ajuda a manter desemprego recorde, que alcançou 15,9% em Minas de janeiro a março
>
> *MF Marcelo da Fonseca*
>
> *postado em 29/05/2017 06:00 / atualizado em 29/05/2017 07:30*
>
> O desemprego que há dois anos aflige o país, impulsionado pela crise da economia brasileira, sacrifica duplamente as mulheres. Além da escassez de vagas numa economia que enfrenta dificuldades para sair do estado de paralisia, a discriminação velada nas empresas complica a situação das trabalhadoras em busca de uma oportunidade. [...].
>
> Do total de 1,5 milhão de desempregados no estado, 777 mil são mulheres, representando 51,8% do total. Na média, a proporção de mineiras desocupadas ficou quatro pontos acima da taxa

de 11,9% medida para os homens pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A diferença da taxa por gênero não é um fenômeno novo, mas vem resistindo. O nível de desocupação das mulheres em Minas de janeiro a março último também superou a média nacional, de 15,8%.

[...]

Para o coordenador de Trabalho e Renda do IBGE, Cimar Azeredo, a diferença entre os gêneros tem se mantido desde o início, mas a situação para as trabalhadoras fica ainda mais complicada durante os períodos de crise no mercado de trabalho. "As tradicionais mazelas com relação à mulher no mercado permanecem. É uma situação cultural do país. A mulher muitas vezes sofre preconceito na disputa por vagas, uma vez que algumas empresas temem que elas possam engravidar, ou até fazer dupla jornada em casa", explica Azeredo.

Em geral, as mulheres ainda são vistas nas empresas com o temor de que deem mais atenção à família do que ao trabalho e apresentem baixa produtividade, em razão da jornada dobrada, no emprego e em casa. Há também o medo de a gravidez afastá-las do compromisso com as metas de desempenho na função.

Cimar Azeredo ressalta que em momentos de crise, em que muitas famílias precisam buscar outras fontes de renda, se tornou comum que as mulheres saiam mais em busca de emprego atrás de uma renda para a família. "Muitas são rejeitadas pelas empresas por questões culturais que permanecem. A falta de experiência também é um problema para muitas mulheres que não conseguem oportunidade de emprego", avalia Azeredo.

[...]

Trabalhadoras recebem 72% dos salário dos homens

O levantamento do IBGE mostra ainda que a diferença entre os gêneros se mantém entre as mulheres e homens empregados, uma vez que em média, as trabalhadoras recebem 72% do salário dos homens. "A diferença salarial também se mantém. O que demonstra a importância de políticas para proteger as mulheres no mercado de trabalho", diz o coordenador do IBGE.

[...]

Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/05/29/internas_economia,872457/crise-acentua-preconceito-contra-mulheres-no-trabalho.shtml Acesso em: 10 out. 2017.

a) Por que as empresas hesitam ao contratar mulheres?
b) Quais são as questões culturais que levam à discriminação das mulheres no trabalho?
c) Que fatos comprovam a existência de preconceito contra as mulheres no trabalho no Brasil?
d) A atitude de Cebolinha foi preconceituosa em relação a Mônica? Explique.

4) Sobre as profissões, responda:
a) Quais são as profissões que aparecem na HQ?
b) Se fosse para você escolher entre alguma dessas profissões, qual você escolheria? Por quê?
c) Para você, existem trabalhos próprios para mulheres e outros próprios para homens? Por quê? (o que seria um trabalho para a mulher? O que seria um trabalho para o homem? O que uma mulher não poderia fazer de jeito nenhum? O que um homem não poderia fazer de jeito nenhum?)

Atividade 13

QUESTÕES SOBRE A HQ "DEPOIS DA AULA"

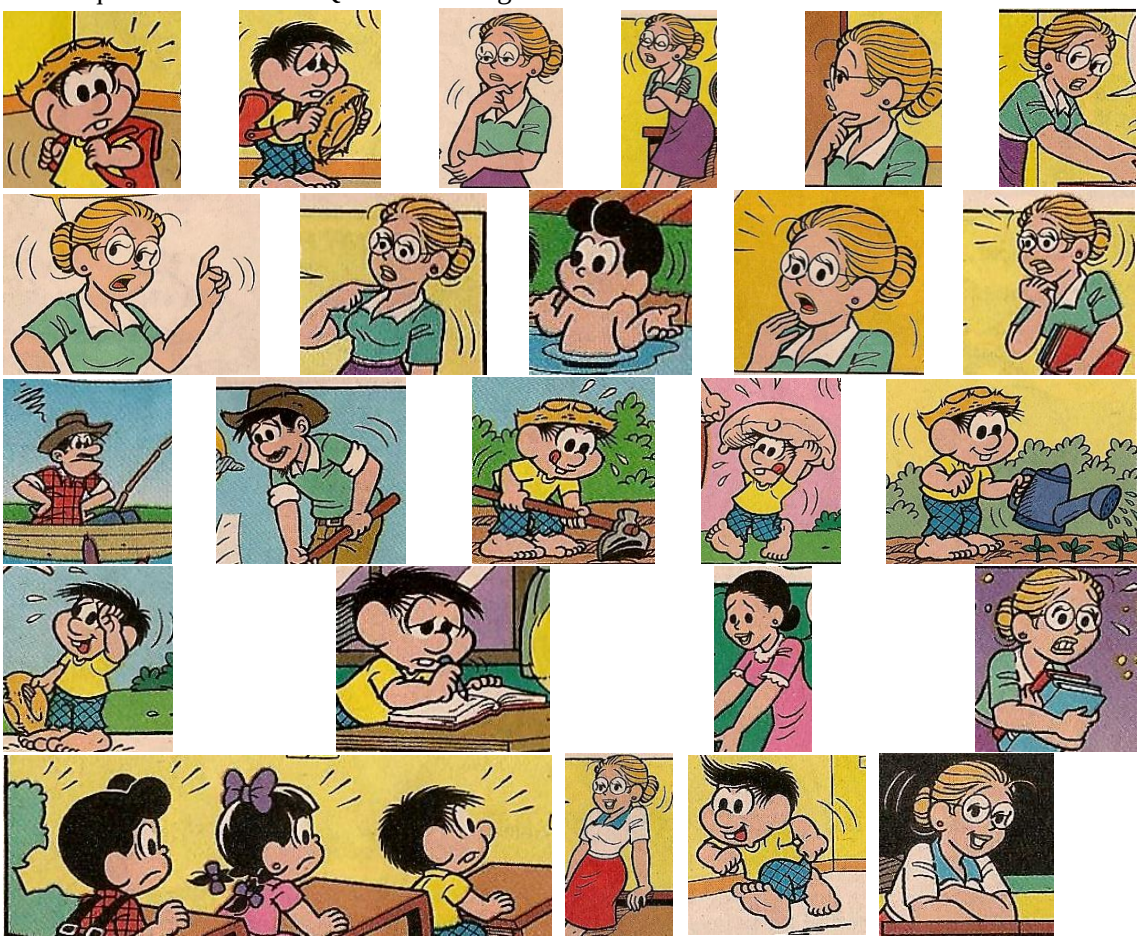
1) Sobre a HQ "Depois da aula", responda:
a) Quais são os personagens? Desses, quais podem ser considerados protagonistas? Por quê?
b) Em quais espaços/locais a historinha se passa? Quais características dos espaços/locais reforçam a ideia do ambiente rural?
c) Quanto tempo se passa do início ao fim da HQ?
d) De acordo com a situação em que aparecem na HQ, explique as expressões destacadas:
I – "Conversa, Chico!" (p.2)
II – "Acho que você está enrolando!" (p.2)
III – "Época de coieita é fogo, né, fio?" (p.5)

IV – "(...) Chico sempre foi nota dez!" (p.7)

e) Por que a professora duvidou de Chico? Por que, mesmo dizendo a verdade, Chico não insistiu em explicar a situação para a professora?

f) Com quem a professora fala nos quadrinhos abaixo? Que efeito essas falas trazem para a leitura da HQ?

g) Quais sentimentos e características podem ser associadas a cada momento abaixo? Para ajudá-lo, identifique os trechos da HQ de onde as figuras foram extraídas.



h) O que fez a professora mudar de atitude em relação ao aluno Chico no final da HQ? Qual a sua opinião sobre a nova atitude dela?

Atividade 14
TEXTO (Reportagem)

Trabalho infantil atinge 2,7 milhões de crianças e adolescentes no Brasil

Último levantamento do IBGE mostra que, se todas as crianças e adolescentes de 5 a 17 anos que exercem alguma atividade no país se reunissem, elas ocupariam uma cidade como Brasília. 30% dessa mão de obra está na atividade agrícola

postado em 11/06/2017 06:00 / atualizado em 11/06/2017 09:52

Alessandra Azevedo

Todos os dias, das 14h às 19h30, Arthur* e o irmão, Caio*, vendem balas no semáforo, a poucos quilômetros de distância do centro da capital federal. Não há nada de errado com o ofício, a não ser o fato de os dois serem menores de idade. Um tem 12 anos e o outro, 14. Se todas as crianças que trabalham no Brasil, como eles, fossem colocadas em uma mesma cidade, seria possível ocupar uma metrópole como Brasília apenas com mão de obra infantil. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), levantamento mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que trata do assunto, mostra que há 2,7 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos nessa situação. Em geral, o número tem tendência de queda, mas continua **preocupante**, principalmente quanto à faixa etária de 5 a 9 anos. Antes de completar 10 anos de idade, 79 mil brasileiros já estão trabalhando — aumento de 13% entre 2014 e 2015, na comparação mais recente do IBGE.

A cada quatro crianças que trabalham na América Latina, uma é brasileira. “Hoje, as Américas têm o menor número de crianças em situação de trabalho infantil, mas o peso do Brasil nesse quadro é ainda muito grande”, lamenta a coordenadora do Programa de Combate ao Trabalho Infantil da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Maria Cláudia Falcão. A situação desanima ainda mais porque, além de ser o país latino-americano que mais sofre com casos assim, o Brasil está longe de atingir a meta de erradicá-los, estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006.

Perspectiva ruim

O objetivo mundial era acabar com esse tipo de trabalho até 2020, mas o país já falhou logo na primeira missão, que era abolir pelo menos as piores formas até o fim do ano passado. A lista inclui trabalho doméstico, agrícola e informal urbano, como de vendedor ambulante, todos proibidos para menores de 18 anos, além de atividades criminosas, como exploração sexual e envolvimento no tráfico de drogas. “Se a sociedade não se conscientizar da importância do tema, tanto para preservar a vida dessas crianças quanto para o desenvolvimento do país, qualquer meta relativa à erradicação do trabalho infantil será frustrada”, sentencia Márcia Vieira, coordenadora da área de defesa da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança do Adolescente, da Secretaria de Direitos Humanos do governo federal. De acordo com os dados oficiais, pouco mais de 30% das crianças que trabalham se dedicam a atividades agrícolas, 65% são negras e 70% são meninos. Mas um recorte que pode ser considerado ainda mais relevante é que cerca de metade delas estão envolvidas nas piores formas de trabalho infantil, conta a ministra Kátia Magalhães Arruda, do Tribunal Superior do Trabalho (TST), que considera o panorama atual “ainda muito ruim”. O mais grave, na opinião dela, é que grande parte desses jovens está em ambientes perigosos, como em carvoarias, lixões ou na rua, “expostos a todos os tipos de abusos, tanto físicos quanto psicológicos”,

lamenta a ministra, que coordena o Programa Nacional de Combate ao Trabalho Infantil da Justiça do Trabalho.

Além de viverem uma situação ilegal e, muitas vezes, **invisível**, essas crianças trabalham mais, recebem menos ou quase nada, são desrespeitadas e encaradas como massa de manobra, alerta a procuradora. Diante desse cenário, os especialistas percebem que, enquanto existir desigualdade social, haverá trabalho infantil, mas as principais adversidades nessa luta esbarram em dois fatores comuns: falta de informação e preconceito. "Existe muito aquela história de que é melhor trabalhar do que ficar na rua. As pessoas acreditam que crianças pobres devem começar cedo", explica Valesca Morais, procuradora do Ministério Público do Trabalho (MPT).

O peso da questão cultural é evidente e o efeito, disseminado. A justificativa de Arthur e Caio, os vendedores de balas apresentados no início da reportagem, para trabalharem, por exemplo, é "ajudar a família". Eles mesmos dizem se orgulhar disso, por acreditarem que, se não estivessem trabalhando, estariam em Águas Lindas de Goiás, onde moram, "na bandidagem". Essa é uma amostra clara da posição de "criminosos em potencial" em que as crianças pobres são colocadas pela sociedade.

Esse argumento de que "é melhor trabalhar do que roubar" é, na visão de Valesca, o que mais dificulta a sensibilização da sociedade na proteção de crianças e adolescentes. "O trabalho infantil, longe de dignificar, é uma sucessão de violações que resultam em um cidadão subqualificado e que tudo aceita em nome do trabalho. A sociedade impõe o trabalho a qualquer preço aos menos favorecidos, mas não acha que um jovem de classe média deve trabalhar desde criança, porque não o enxerga como um potencial criminoso", critica a procuradora do MPT. (Colaborou Aline Brito, estagiária sob supervisão de Rozane Oliveira)

** Nomes fictícios*

715 casos no ano

Fiscalizar e combater o trabalho infantil são tarefas complicadas. Muitas vezes, é preciso um trabalho de inteligência prolongado para conseguir, de fato, prender exploradores e resgatar crianças. Apenas de janeiro a junho deste ano, o Ministério Público do Trabalho (MPT) recebeu 715 denúncias de casos de exploração infantil, pelos canais de atendimento. Ao longo de 2016, foram 1.238. "A responsabilidade por essas crianças é da família, da sociedade e do Estado. Elas têm direito a uma vida digna", afirma a procuradora Valesca de Morais.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/06/11/internas_economia,601710/trabalho-infantil-atinge-2-7-milhoes-no-brasil.shtml. Acesso em: 10 out. 2017.

QUESTÕES SOBRE A HQ "DEPOIS DA AULA" E A REPORTAGEM

1) Comparando a reportagem sobre Trabalho Infantil (Trabalho infantil atinge 2,7 milhões de crianças e adolescentes no Brasil) e a HQ, responda:

a) Na sua opinião, a situação de Chico, na HQ, é semelhante à de Arthur e Caio, na reportagem? Explique sua resposta.

b) De acordo com a reportagem, quais são as piores formas de trabalho infantil? Você acha que a situação de Chico se encaixa nessa lista? Justifique sua resposta.

c) Por que Valesca de Morais não concorda com o argumento de que é melhor uma criança trabalhar do que roubar? Você concorda com ela? Explique seu posicionamento.

d) Qual o sentido das palavras grifadas nos trechos abaixo, retirados da reportagem:

I – (...), o número tem tendência de queda, mas continua preocupante, principalmente quanto à faixa etária de 5 a 9 anos.

II - Além de viverem uma situação ilegal e, muitas vezes, invisível, essas crianças trabalham mais, recebem menos ou quase nada, (...).

Anexo 2 - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO INICIAL SOBRE "TRABALHO"

Este questionário tem por objetivo saber sobre sua opinião e relação com o TRABALHO. Você já pensou sobre esse assunto?

1) Qual das opções abaixo melhor define TRABALHO?

( ) Modificação da natureza pelo ser humano de forma a satisfazer suas necessidades.
( ) atividade profissional regular remunerada ou assalariada.
( ) esforço feito pela pessoa.
( ) qualquer atividade exercida pelo ser humano.
( ) forma de garantir o sustento, a sobrevivência.
( ) tortura, castigo.
( ) conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado objetivo.

2) Como você percebe as relações de trabalho na sua cidade atualmente?

( ) Os filhos seguem as profissões de seus pais.
( ) Os jovens fazem muitos cursos profissionalizantes para trabalhar.
( ) As famílias se sustentam da própria terra, ou seja, da agricultura e da criação de animais.
( ) A maioria dos adultos são operários de indústrias e fundições.
( ) Muita gente abriu o próprio negócio, mesmo que pequeno.
( ) Há muitos desempregados.
( ) Grande parte das pessoas são funcionários de empresas e/ou do serviço público.

3) Escreva os nomes das profissões do quadro em frente aos números, por ordem de valor para a sociedade, sendo que 1 é a mais importante e 8 é a menos importante.

Pedreiro	Arquiteto
Professor	Operário
Médico	Gari
Cozinheiro	Psicólogo

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____

4) Quando se trabalha, a pessoa tem alguns direitos. **Escreva um desses direitos**.

5) Muitas coisas são ditas na sociedade sobre o TRABALHO. **Marque com um xis (X) as frases que você considera verdadeiras**.

( ) Quanto maior o seu grau de estudo, melhor será seu trabalho.
( ) Quanto maior o seu grau de estudo, mais alto será o seu salário.
( ) Quem trabalha é mais feliz do que quem não trabalha.
( ) Todas as pessoas, ricas, pobres, negras, brancas, homens, mulheres, podem exercer o trabalho que escolherem.
( ) É possível um pobre se tornar rico através de muito trabalho.
( ) Atualmente, não existe mais o trabalho escravo.
( ) Quando uma criança de 10 anos trabalha vendendo picolé, ela não prejudica seus estudos.
( ) Quando uma criança de 10 anos ajuda no trabalho doméstico (arrumando a própria cama, por exemplo), ela não prejudica seus estudos.
( ) Todos os que trabalham recebem pelo menos um salário (R$937,00).

6) Qual é o trabalho dos seus pais ou responsáveis?

7) Você já pensou em que profissão quer trabalhar? Se sim, qual?
O que você acha que será preciso para começar a trabalhar nessa profissão?

( ) Fazer curso técnico e/ou superior.
( ) Viajar.
( ) Carteira de Habilitação para dirigir/pilotar.
( ) Mudar de cidade.
( ) Ser um bom comunicador.
( ) Aprender uma língua estrangeira.
( ) Dinheiro.
( ) Outra coisa: _____

OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO NA PESQUISA!

Anexo 3 - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO FINAL SOBRE "TRABALHO"

Este questionário tem por objetivo saber sobre sua opinião e relação com o TRABALHO, considerando sua participação no projeto.

1) Qual das opções abaixo melhor define TRABALHO?

( ) Modificação da natureza pelo ser humano de forma a satisfazer suas necessidades.
( ) atividade profissional regular remunerada ou assalariada.
( ) esforço feito pela pessoa.
( ) qualquer atividade exercida pelo ser humano.
( ) forma de garantir o sustento, a sobrevivência.
( ) tortura, castigo.
( ) conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado objetivo.

2) Como você percebe as relações de trabalho atualmente?

( ) Os filhos seguem as profissões de seus pais.
( ) Os jovens fazem muitos cursos profissionalizantes para trabalhar.
( ) As famílias se sustentam da própria terra, ou seja, da agricultura e da criação de animais.
( ) A maioria dos adultos são operários de indústrias e fundições.
( ) Muita gente abriu o próprio negócio, mesmo que pequeno.
( ) Há muitos desempregados.
( ) Grande parte das pessoas são funcionários de empresas e/ou do serviço público.
( ) Há muitos trabalhadores sem carteira assinada.
( ) Poucas pessoas precisam de um curso superior para trabalhar.
( ) Há mais empregos para quem não possui curso superior.

3) Qual (quais) profissões são mais importantes para a sociedade? Justifique sua resposta.

4) O trabalhador tem direitos garantidos por lei no Brasil. Cite todos os direitos de que você se lembrar.

5) Ordene os profissionais do quadro abaixo considerando o salário que recebem pelo seu serviço. Assim, aquele que você colocar na posição 1 é o que tem salário mais alto e o da posição 10 é o que tem o salário mais baixo.

Empregada doméstica	Enfermeiro	Engenheiro	Jogador de futebol	Trabalhador rural
Operário de fundição	Médico	Pedreiro	Professor	Vendedor

1. _____ 6. _____
2. _____ 7. _____
3. _____ 8. _____
4. _____ 9. _____
5. _____ 10. _____

Você acha que o valor que cada um desses profissionais recebe é justo? Explique sua resposta.

6) Muitas coisas são ditas na sociedade sobre o TRABALHO. Marque com um xis (X) as frases que você considera verdadeiras.

( ) Quanto maior o seu grau de estudo, melhor será seu trabalho.
( ) Quanto maior o seu grau de estudo, mais alto será o seu salário.
( ) Quem trabalha é mais feliz do que quem não trabalha.
( ) Todas as pessoas, ricas, pobres, negras, brancas, homens, mulheres, podem exercer o trabalho que escolherem.
( ) É possível um pobre se tornar rico através de muito trabalho.
( ) Atualmente, não existe mais o trabalho escravo.
( ) Quando uma criança de 10 anos trabalha vendendo picolé, ela não prejudica seus estudos.
( ) Quando uma criança de 10 anos ajuda no trabalho doméstico (arrumando a própria cama, por exemplo), ela não prejudica seus estudos.
( ) Todos os que trabalham recebem pelo menos um salário (R$937,00).

OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO NA PESQUISA!

Anexo 4 – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO SOBRE A LEITURA DE QUADRINHOS

1) Onde você costuma ler revistas em quadrinhos?

( ) Em minha casa. ( ) Na casa de amigos. ( ) Na escola.
( ) Na biblioteca (escolar e/ou municipal). ( ) Outro lugar. Qual?_____
Comentário:_____

2) Com qual frequência você lê revistas em quadrinhos?

( ) Todos os dias. ( ) Às vezes. ( ) Raramente. ( ) Nunca.
Comentário:_____

3) De quais personagens?

( ) Chico Bento e sua turma. ( ) Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e sua turma.
( ) Luluzinha e Bolinha e sua turma. ( ) Hagar, o Horrível.
( ) Astérix e Obelix e sua turma. ( ) O Menino Maluquinho e outros personagens de Ziraldo.
( ) Mafalda e sua turma. ( ) Super-heróis.
( ) Outro(s):_____
Comentário:_____

4) Quando você lê uma história em quadrinhos, o que é mais importante para que você entenda a história?

( ) As palavras.
( ) Os desenhos.
( ) As palavras, mas os desenhos também ajudam um pouco a entender a história.
( ) Os desenhos, mas as palavras também ajudam um pouco a entender a história.
( ) Conhecer um pouco do assunto da história, antes de fazer a leitura.
( ) Conhecer um pouco sobre os personagens.
( ) Identificar a ordem dos quadrinhos.
( ) Outra coisa:_____
Comentário:_____

5) Conhecer um pouco do personagem antes de ler uma revista em quadrinhos ajuda você a compreender a HQ? Por quê?

6) Na sua opinião, para que serve uma revista com histórias em quadrinhos?

( ) Divertir, distrair. ( ) Informar sobre fatos reais.
( ) Criticar coisas da realidade. ( ) Ensinar.
( ) Outra coisa:_____
Comentário:_____

7) Na sua opinião, por que os quadrinhos também aparecem em jornais?

8) Quando você lê quadrinhos, o que você espera encontrar?

( ) Um final engraçado. ( ) Um ensinamento para a vida.
( ) Informações sobre a realidade. ( ) Ilustrações bonitas e coloridas.
( ) Aventuras e coisas que não acontecem no meu dia a dia. ( ) Outra coisa:_____
Comentário:_____

9) Na sua opinião, quem são os **principais leitores** de histórias em quadrinhos?

( ) Crianças. ( ) Adolescentes. ( ) Adultos.
( ) Idosos. ( ) Meninos e rapazes. ( ) Meninas e moças.
( ) Outro: _____
Comentário:_____

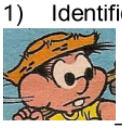
10) Se um professor pedisse que você e seus colegas fizessem uma história em quadrinhos, qual seria sua opinião sobre essa atividade? Por quê?

OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!

Anexo 5 – QUESTIONÁRIOS DIAGNÓSTICOS SOBRE A COMPREENSÃO DOS QUADRINHOS

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 1 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

1) Identifique os personagens da tirinha pelos nomes:

 _____ _____

2) O que cada um deles está fazendo no 1º quadrinho?

_____

_____

3) Em qual parte do dia acontece a conversa entre esses personagens? Justifique sua resposta._____

_____

4) Os personagens estão:
( )em um ambiente rural. ( )em um parque de preservação ambiental.
( )em um ambiente urbano. ( )no quintal da casa de um dos personagens.
Justifique sua resposta._____

_____

5) O que Chico Bento provavelmente fez antes de encontrar Zé Lelé no 1º quadrinho?

_____

5) No 2º quadrinho, o balão de Chico Bento indica
( )cochicho. ( )pensamento. ( )xingamento. ( )fala em tom normal.

6) No 2º quadrinho, a expressão de Zé Lelé indica que ele
( ) não esperava essa reação de Chico Bento.
( ) não se importou com a fala de Chico Bento.
( ) ficou com vergonha por estar descansando.
( ) ficou incomodado com o que Chico Bento disse.

Leia o texto abaixo para responder às questões 8, 9 e 10.

O APAGÃO ENERGÉTICO DE 2001

Em 2001, a população brasileira foi obrigada a mudar seus hábitos de consumo de energia drasticamente. O motivo? O risco iminente de corte de energia elétrica em todo o país, um fenômeno que ficou conhecido como apagão.

A crise energética estava ligada principalmente à falta de planejamento no setor e à ausência de investimentos em geração e distribuição de energia. Somou-se a isso o aumento contínuo do consumo de energia graças ao crescimento populacional e ao aumento de produção pelas indústrias.

O que marcou a população nessa época foram as medidas do governo federal para forçar os brasileiros a racionar energia. A partir de 1º de julho de 2001, os consumidores tiveram que cortar voluntariamente 20% do consumo de eletricidade, caso contrário, teriam um aumento no valor da energia e corriam o risco de ter a luz cortada - por três dias na primeira infração e seis dias em caso de reincidência.

(Adaptado de: PINTO, Tales dos Santos. "O apagão energético de 2001"; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/historiab/apagao.htm>. Acesso em 23 de junho de 2017.)

7) O que a expressão "racionamento de energia" significa dentro da **tirinha**?
( ) Tempo de trabalho reduzido. ( ) Não uso da energia do corpo.
( ) Corte do consumo de eletricidade. ( ) Redução do uso de energia elétrica.

8) **(V ou F?)** Ao usar a expressão "racionamento de energia", Zé Lelé
( ) critica o trabalho de Chico Bento. ( ) mostra a Chico Bento que continuará descansando.
( ) justifica o fato de estar descansando. ( ) responde adequadamente à pergunta de Chico Bento.

9) **(V ou F?)** O efeito de humor principal dessa tirinha está no fato de:
( ) Chico Bento receber uma resposta inesperada.
( ) os personagens não usarem a variedade padrão da língua.
( ) Zé Lelé manter-se tranquilo apesar do nervosismo de Chico Bento.
( ) a expressão "racionamento de energia" ter sido usada em um sentido diferente do original.

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 2 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

1) Onde Chico Bento está?

( ) Em um gramado. ( ) Em um galinheiro.
( ) Em um terreno arado. ( ) Em um terreno abandonado.

2) O que ele está fazendo no 1º quadrinho?

( ) Semeando.
( ) Alimentando as galinhas.
( ) Preparando a terra para o plantio.
( ) Marcando o caminho para voltar para casa.

Explique sua marcação.

_____

_____

3) Em que parte do dia a tirinha se localiza?

( ) Manhã. ( ) Tarde. ( ) Noite. ( ) Madrugada.

Justifique sua marcação.

_____

_____

4) Observando os dois primeiros quadrinhos e a fala de Chico Bento, concluímos que ele

( ) não se esforçou para terminar a tarefa.
( ) demorou para fazer o trabalho.
( ) fez o trabalho rapidamente.
( ) caminhou pouco.

5) A expressão "Ara, ara!", no 2º quadrinho, traz a ideia de:

( ) alívio pelo fim da tarefa.
( ) admiração pelo próprio trabalho.
( ) cansaço depois de realizar a tarefa.
( ) desânimo por ainda não ter terminado o trabalho.

6) A partir da leitura da tirinha, informe se as afirmativas abaixo são verdadeiras (V) ou falsas (F):

( ) Chico Bento ouviu o "ufa!" da galinha.
( ) A galinha comeu todos os grãos que Chico Bento tinha jogado na terra.
( ) Chico Bento percebeu que todo o seu trabalho foi desfeito pela galinha.
( ) A galinha ficou mais cansada do que Chico Bento, realizando a mesma tarefa.
( ) Até o último quadrinho, Chico Bento não havia percebido que a galinha o estava seguindo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 7:

A alimentação básica das galinhas, mesmo quando se tratar de criação à moda caipira, deve ser composta por duas partes de ração para uma parte de milho. Se a ração balanceada é de boa qualidade, ela dispensa até mesmo o milho. Os criadores geralmente optam pela combinação de ração e milho como forma de baratear os custos com a alimentação das aves, já que o uso do grão misturado com a ração reduz esses custos.

(Extraído de: http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC280121-1489,00.html. Acesso em 25/07/2017)

7) Levante hipóteses: por que a galinha comeu o que Chico Bento jogava na terra?

_____

_____

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 3 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

1) Identifique os personagens da tirinha:

_____

_____

2) Em qual momento do dia acontece a conversa entre esses personagens? Justifique sua resposta.

_____

_____

3) Os personagens estão:
( )em um ambiente rural.
( )em um ambiente urbano.
( )em um parque de preservação ambiental.
( )no quintal da casa de um dos personagens.
Justifique sua resposta.

_____

_____

4) Qual é a relação entre os personagens?
( ) Amigos. ( ) Irmãos. ( ) Primos. ( ) Vizinhos.

5) Sobre o que eles conversam?
( ) Riqueza. ( ) Namoro. ( ) Escola. ( ) Profissão.

6) **(V ou F?)** A linguagem usada por Chico e o primo na tirinha indica que:
( ) Chico Bento não será capaz de se tornar médico veterinário.
( ) eles usam a língua de maneira informal.
( ) os personagens não sabem escrever.
( ) eles falam errado.

7) O que um médico veterinário faz?

_____

_____

8) O que poderia levar Chico Bento a querer ser médico veterinário?

_____

_____

9) Por que o primo de Chico diz "Si ocê ficá rico, num vai isquecê di mim, tá"?

_____

_____

10) Escreva se as frases abaixo são verdadeiras (V) ou falsas (F), de acordo com a tirinha:
( ) Chico e o primo não são consideradas pessoas ricas.
( ) Para o primo de Chico, médicos veterinários são profissionais que recebem bem.
( ) O efeito de humor da tirinha aparece quando Chico diz que não vai cobrar consulta do primo.
( ) Chico Bento tem certeza de que ficará rico e por isso não cobrará consulta do primo.
( ) Na fala final, Chico zomba da cara do primo, chamando-o indiretamente de animal.
( ) O primo se surpreendeu com a fala final de Chico.

11) Que sentimento/sensação pode-se perceber na expressão do primo no último quadrinho (tristeza, espanto, raiva, dúvida, surpresa, etc.)?

_____

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 4 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

1) Quais são os personagens (que participam e que são mencionados)?

_____

2) Em que parte do dia o diálogo entre pai e filho ocorre?
( ) Manhã. ( ) Tarde. ( ) Noite. ( ) Madrugada.
Justifique sua marcação.

_____

_____

3) Os personagens estão:
( )perto de um muro. ( )na roça do Nhô Lau.
( )de fora da casa do Chico. ( )perto de uma loja de cachimbos.
Justifique sua resposta.

_____

4) De onde Chico Bento está vindo?

_____

5) No último quadrinho, Chico Bento afirma que só tem um:
( ) sexo. ( ) dente. ( ) trabalho. ( ) empregado.

6) O que significa a palavra "ambos"?

_____

7) A placa na roça de Nhô Lau dizia que ele oferecia emprego para:
( ) crianças.
( ) apenas pessoas do sexo feminino.
( ) apenas pessoas do sexo masculino.
( ) pessoas do sexo masculino ou feminino.

8) Como Chico Bento entendeu a placa?

_____

_____

9) De acordo com a tirinha, informe se as afirmativas abaixo são verdadeiras (V) ou falsas (F):
( ) O pai de Chico esperava que o filho voltasse mais tarde.
( ) O pai de Chico achou normal o fato de o filho não ter conseguido a vaga.
( ) Provavelmente, Chico iria usar a enxada trabalhando para Nhô Lau.
( ) Chico Bento se sentiu discriminado, pois achou que não se encaixava nas condições dadas para ser empregado de Nhô Lau.
( ) Chico Bento entendeu a placa de um jeito e o seu pai entendeu de outro jeito.
( ) A palavra da placa que deixa dúvida sobre qual é a sua mensagem é "ambos".

10) Leia o texto abaixo e responda: De acordo com a placa falada na tirinha, Nhô Lau cumpriu a lei? Por quê?

_____

_____

Vaga de trabalho só para mulheres ou só para homens é permitido por lei?

De acordo com a Constituição Brasileira, qualquer discriminação de idade, sexo, cor, raça, credo, deficiência física e estado civil para uma vaga de emprego não é permitido. Focando especificamente na questão de homens e mulheres, vemos ainda muitos anúncios oferecendo vagas de empregos para homens ou vagas de empregos para mulheres. Isso vai diretamente contra a Constituição Federal, e pode ser denunciado ao Ministério do Trabalho, podendo resultar em multa e até outras punições mais severas para a empresas que emitiram o classificado para a vaga de emprego.

Extraído de: https://www.pontorh.com.br/vaga-trabalho-mulheres-homens-permitido-lei/. Acesso em: 25/07/2017.

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 5 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

1) Quais são os personagens da tirinha?

_____

2) Em qual momento do dia acontece a conversa entre esses personagens?
( ) Manhã. ( ) Tarde. ( ) Noite. ( ) Madrugada.
Justifique sua resposta.

_____
_____

3) Onde os personagens estão?
( ) Em um gramado. ( ) Em um quintal.
( ) Em um terreno de roça. ( ) Em um terreno abandonado.

4) Sobre o que eles conversam?
( ) Sonhos. ( ) Escola. ( ) Profissão futura. ( ) Trabalho rural.

5) O que eles estavam fazendo enquanto conversavam?

_____

6) Quais características podem ser dadas ao Chico Bento a partir apenas da leitura da tirinha?
( )Preguiçoso. ( )Cansado. ( )Dorminhoco. ( )Irresponsável.
( )Outras:_____

7) No último quadrinho, a expressão "**Quando chegá lá**" indica:
( ) quando chegar a hora de ir para a escola.
( ) quando for necessário decidir a profissão.
( ) quando acabarem de capinar.
( ) quando anoitecer.

8) A linguagem usada pelo Chico Bento é a mesma usada pelos seus amigos? Justifique sua resposta.

_____
_____
_____
_____

9) A partir da leitura da tirinha, informe se as afirmativas abaixo são verdadeiras (V) ou falsas (F):
( ) Chico estava prestando atenção à conversa dos amigos.
( ) De acordo com a frase do último quadrinho, Chico pretendia dormir durante muito tempo.
( ) Chico não acha importante se preocupar com a profissão enquanto são crianças.
( ) Chico Bento estava capinando com os colegas antes de se encostar na pedra.
( ) Os amigos de Chico têm uma visão positiva, otimista, em relação ao futuro profissional.

10) Chico responde à pergunta feita pelos amigos? Explique sua resposta.

_____
_____
_____

11) Por que os dois amigos de Chico não pretendem continuar trabalhando na roça quando crescerem?

_____
_____
_____

ANEXO 6 – RESUMO

Critérios linguísticos para análise de discursos
e seus constituintes (textos, frases e palavras, entre outros)

Elaborado pelo prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria.

DIMENSÃO ENUNCIVA: O ENUNCIADO, O TEXTO

A) Critérios semânticos:

1. Seleção lexical (vocabulário).
2. Participantes ("personagens") – explícitos, implícitos ou silenciados – no intradiscurso, nos textos.
3. Tema (s) – explícitos, implícitos ou silenciados – relacionado (s)a cada personagem.
4. Localização espacial – explícita, implícita ou silenciada.
5. Localização temporal – explícita, implícita ou silenciada.
6. Outros elementos de sentido relevantes (p. ex.: verossimilhança; implícitos metonímicos ou metafóricos; etc.).
7. Conjuntos de ideias defendidos (explícita ou implicitamente) a partir dos elementos linguísticos acima.
8. Conjuntos de ideias combatidos (explícita ou implicitamente) a partir dos elementos linguísticos acima.

B) Critérios microssintáticos (morfossintáticos) e macrossintáticos:

9. Forma básica do intradiscurso: prosa ou verso.
10. Organização das frases em parágrafos (na língua escrita), turnos de fala (na língua oral) ou estrofes (em ambas).
11. Organização das palavras em frases – oracionais ("períodos") ou nominais.
12. Realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas.
13. Outros elementos morfossintáticos relevantes (aspecto verbal, p. ex.).

C) Critérios simultaneamente semânticos e sintáticos:

14. O(s) discurso(s) estruturado(s) a partir dos elementos linguísticos acima.
15. O posicionamento do discurso predominante no(s) texto(s), com relação aos discursos predominantes na sociedade em que se situa.
16. Outros elementos enuncivos relevantes.

DIMENSÃO ENUNCIATIVA: A ENUNCIAÇÃO, A PRODUÇÃO DO TEXTO

17. Identificação dos principais elementos de linguagem não verbal.
18. Temas, pessoas, espaços e tempos não verbais inferidos a partir das relações com o enunciado verbal (escrito ou oral; v. critério B-12 do plano enuncivo).
19. Características sincrônicas e diacrônicas dos elementos não verbais em interação com os verbais.
20. Características sincrônicas e diacrônicas de cada uma das instâncias enunciativas.
21. Outros elementos enunciativos relevantes.

ANEXO 7 - REVISTINHA